



A FEIRA NA CIDADE:

LIMITES E POTENCIALIDADES DE UMA INTERFACE URBANA
NAS FEIRAS DE CARUARU E DE CAMPINA GRANDE

Mestrando: GUSTAVO MIRANDA

Orientadora: CIRCE MONTEIRO



Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO -
MDU

A FEIRA NA CIDADE:

limites e potencialidades de uma interface urbana
nas feiras de Caruaru (PE) e de Campina Grande (PB)

Mestrando: Gustavo Magalhães Silva Miranda

Orientadora: Prof. Dra. Circe Maria Gama Monteiro

RECIFE,
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO -
MDU

A FEIRA NA CIDADE:

limites e potencialidades de uma interface urbana
nas feiras de Caruaru (PE) e de Campina Grande (PB)

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
URBANO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO COMO PARTE DOS REQUISITOS
NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE.

RECIFE,
2009

Miranda, Gustavo Magalhães Silva

A feira na cidade: limites e potencialidades de uma interface urbana nas feiras de Caruaru (PE) e de Campina Grande (PB) / Gustavo Magalhães Silva Miranda. – Recife: O Autor, 2009.

189 folhas. : il., fig., tab., gráf., quadro.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Desenvolvimento Urbano, 2009.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Planejamento urbano. 2. Feiras – Caruaru (PE). 3. Feiras – Campina Grande (PB). I. Título.

711.4

CDU (2.ed.)

UFPE

711.4

CDD (22.ed.)

CAC2009-76



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

Ata de Defesa de dissertação em Desenvolvimento Urbano do mestrando **GUSTAVO MAGALHÃES SILVA MIRANDA**.

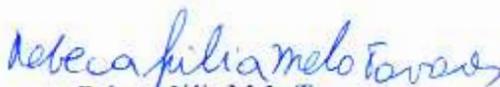
Às 14.00 horas do dia 07 de maio de 2009 reuniu-se na Sala de Aula do Programa, a Comissão Examinadora de dissertação, composta pelos professores: Circe Maria Gama Monteiro (orientadora), Gilmar Mascarenhas de Jesus (examinador externo) e Bartolomeu Figueiroa de Medeiros (examinador externo) para julgar, em exame final, o trabalho intitulado: "A Feira na Cidade: Limites e Potencialidades de uma Interface Urbana nas Feiras de Caruaru (PE) e de Campina Grande (PB)", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Urbano. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Prof^a. Circe Maria Gama Monteiro, após dar conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Pelas indicações, o candidato foi considerado APROVADO. O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar eu Rebeca Júlia Melo Tavares, lavrei a presente ata, que será assinada por mim, pelos membros participantes da Comissão Examinadora e pelo candidato. Recife, 07 de maio de 2009.

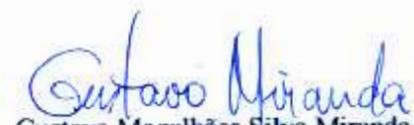
- Indicação da Banca para publicação ()


Prof.^a Circe Maria Gama Monteiro
Orientadora


Prof. Bartolomeu Figueiroa de Medeiros
Examinador Externo/Programa de Pós Graduação
em Antropologia/UFPE


Prof. Gilmar Mascarenhas de Jesus
Examinador Externo/UFRJ


Rebeca Júlia Melo Tavares
Secretária do Programa


Gustavo Magalhães Silva Miranda
Candidato

Com amor, a Deus, a quem tudo devo,
a meus pais, exemplos para uma vida inteira e
a minha irmã e avó, pelo carinho dedicado
em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram na minha caminhada até aqui.

Inicialmente, à minha família, em especial a meus tios Paulo e Vandete e Armando e Valquíria, pelos incentivos constantes;

Dentre eles, não posso deixar de citar os que colaboraram na construção intelectual desta dissertação:

Minha orientadora, Prof. Dra. Circe Monteiro, pela paciência, pela possibilidade de compartilhar os conhecimentos nessa caminhada acadêmica, além da alegria e incentivos constantes;

Prof. Dr. Luiz Amorim, pelas conversas sempre animadas sobre as feiras, sintaxe espacial e suas implicações nos espaços que acolhem esse comércio informal;

A todos os professores e funcionários da Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, que de alguma maneira contribuíram para a construção desta dissertação e aos funcionários Rebeca, Catarina, Jonas e Zé, pelas conversas descontraídas nos momentos de aperto.

Agradeço também a Amanda Casé na aplicação de questionários em Caruaru;

Agenor e Ísis, pela aplicação de questionários, conversas, amizade e acolhida em Campina Grande;

Aos meus amigos Felipe, pelas idas a campo e revisões dos textos; Paulo, pela diagramação das capas, e Alice, também pela leitura dos textos. A todos obrigado pela amizade sincera, alegria, companheirismo e força em todos os momentos;

A Olegário Filho, presidente do Museu do Cordel na feira de Caruaru, pela guarida nos momentos de grandes caminhadas pela feira e pelas conversas esclarecedoras sobre a dinâmica cultural e espacial própria desse comércio;

E não poderia esquecer aqueles que sempre me incentivaram e colaboraram na construção deste trabalho:

Obrigado em especial a Lenira de Melo, também arquiteta, pela paciência e dedicação nas infinitas horas de caminhadas nas feiras e nas inúmeras contagens

e entrevistas, além do carinho imenso a mim sempre dispensado em todos os momentos;

Helena, Robson, Bárbara, Raphael, Renata Maciel, Aristóteles, Pedro, Mariana e a todos os outros colegas de mestrado que só enriqueceram a convivência durante o período do curso;

A Alicia Konstantourou, designer pela faculdade de Atenas, pelos incentivos, informações e discussões sobre as feiras no mundo;

A todos do grupo de pesquisa do LATTICE, pelas inúmeras conversas e incentivos na construção desta dissertação;

Institucionalmente, não poderia deixar de agradecer ao CNPQ, pelo inestimável apoio financeiro durante os dois anos de pesquisa;

E aos feirantes, sempre atenciosos, que interromperam suas atividades para ceder informações sobre as feiras.

Enfim, a todos que contribuíram nesta caminhada e na realização deste trabalho, agradeço e sempre serei grato por tudo.

*“[...] O povo se anima logo
cedo para a feira
indo de qualquer maneira
pelo caminho de cima
E encontra com a prima
Parecendo uma festa
Participa e manifesta
Enfrentando com franqueza
A maior da redondeza”
(Dantas, 1998)*

RESUMO

As feiras fazem parte da vida das cidades, em especial nas nordestinas, pois mantêm com elas uma ligação íntima e simbiótica, através da ocupação do espaço urbano, do colorido e da diversidade dos produtos vendidos, das relações humanas e da riqueza cultural. O presente trabalho pretende analisar as formas de interface das feiras com as cidades, tendo como estudos de caso dois dos mais representativos exemplares, a feira de Caruaru (PE) e a de Campina Grande (PB). Inicialmente, este trabalho mostra os diferentes fatores que serão utilizados, o espacial, o econômico e o cultural. Associadas a eles, serão aplicadas diferentes metodologias que possam ajudar a descrever a complexidade desses fenômenos urbanos na cidade. Por fim, os fatores serão confrontados para construir-se uma imagem mais completa dessa relação, confirmando limites e potencialidades nas duas realidades.

Palavras-chave: feiras livres, Caruaru, Campina Grande, limites e potencialidades

ABSTRACT

The open-air markets are part of the life of the city, specially the ones in the Northeast of Brazil, because they keep an intimate and symbiotic connection between them, through the occupation of the urban space, the colours and the diversity of the products, the human relationships and the cultural richness. This work intends to analyze the interfaces from the fairs and to the cities, from two of the most representatives examples, the open-air market of Caruaru (feira de Caruaru) and Campina Grande (feira de Campina Grande). Initially, this work shows the different factors that are going to be used, the spatial, economic and cultural ones. With them, different methodologies are going to be applied which can describe the complexity of these urban phenomena in the city. Thus, the factors are going to be confronted to build an bigger image of this relation, confirming limits and potentialities in these two open-air markets.

Keywords: open-air markets, Caruaru, Campina Grande, limits and potentialities

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1: Salão de beleza na feira de Campina Grande.	31
Figura 1.2: Interação entre pessoas gerada nas feiras de Campina Grande e Caruaru.	44
Figura 1.3: Interação entre pessoas gerada nas feiras de Campina Grande e Caruaru.	44
Figura 1.4: Produtos presentes no cotidiano e na imagem cultural de qualquer feira.	48
Figura 1.5: Produtos presentes no cotidiano e na imagem cultural de qualquer feira.	48
Figura 1.6: Produtos presentes no cotidiano e na imagem cultural de qualquer feira.	48
Figura 1.7: Produtos presentes no cotidiano e na imagem cultural de qualquer feira.	48
Figura 2.1: Representação do movimento na feira	53
Figura 2.2: Área com as delimitações da feira de Caruaru;	54
Figura 2.3: Área com as delimitações das feiras de Campina Grande;	54
Figura 2.4: Esquema de funcionamento da Teoria da Lógica Social do Espaço	59
Figura 2.5: Esquema do ciclo do movimento segundo a lógica do <i>movimento natural</i>	61
Figura 2.6 Mapas de Caruaru (esq.) com os respectivos portões de contagem.	62
Figura 2.7: Mapas de Campina Grande com os respectivos portões de contagem.	62
Figura 2.8: Trechos dos mapas axiais de Caruaru com destaque para as linhas axiais escolhidas para a locação dos portões de contagem.	63
Figura 2.9: Trechos dos mapas axiais de Campina Grande com destaque para as linhas axiais escolhidas para a locação dos portões de contagem.	63
Figura 3.1: Integração global de Caruaru, em 1992, com destaque para a área ocupada pela feira no tecido urbano;	72
Figura 3.2: Feira de Caruaru no centro da cidade, em 1992;	72
Figura 3.3: Feira de Caruaru no centro da cidade, na década de 70;	72
Figura 3.4: Mapa de integração global de Campina Grande;	73
Figura 3.5: Feira campinense no início do século 20 onde hoje é Rua Maciel Pinheiro;	74
Figura 3.6: Feira campinense no centro da cidade, em 1979;	74
Figura 3.7: Parque 18 de Maio em 1992;	76

Figura 3.8: mapa comparativo com feira no centro de Caruaru e no Parque 18 de Maio, em 1992;	76
Figura 3.9: Setorização da feira de Caruaru após a transferência para o Parque 18 de Maio em 1992	77
Figura 3.10: Integração local (R3) de Caruaru e detalhe das linhas axiais que compõem a Feira de Caruaru – 2007;	79
Figura 3.11: Destaque para a Integração local (R3) da feira de Caruaru (acima). Ao lado estão as marcações dos portões 1 e 11 nos mapas de contagem, das 5h às 7h e das 7h às 9h;	80
Figura 3.12: Contagem de pessoas na feira de Caruaru em dias de sábado – 7h às 9h;	80
Figura 3.13: Ao lado, destaque das áreas menos integradas localmente na feira de Caruaru;	82
Figura 3.14: Montagem (abaixo) de fotos representando as áreas em destaque na figura 3.13, mostrando o esvaziamento interno da feira de Caruaru;	82
Figura 3.15: mapa de integração local (R3) de Campina Grande com destaque ao portão 1;	83
Figura 3.16: Calçadas de residências ocupadas por barracas;	84
Figura 3.17: Mercado de carnes em destaque como barreira visual para o entorno da feira central campinense;	85
Figura 3.18: Mercado de carnes em destaque como barreira visual para o entorno da feira central campinense;	85
Figura 3.19: Fila extra de barracas em fins de semana na feira campinense;	87
Figura 3.20: Criança trabalhando como carroceiros;	87
Figura 3.21: Seqüência de imagens com as observações da intensidade de movimentos na feira campinense por vários períodos de um dia de semana;	88
Figura 3.22: Mapas de contagem de pessoas aos sábados (7h-9h) com destaque para as áreas 1 e 2;	89
Figura 3.23: Mapas observação da dinâmica do movimento na feira aos sábados (7h-9h);	89
Figura 3.24: Figura com indicações do fluxo de pessoas em períodos do sábado (setas azuis);	90
Figura 3.25: Imagens da representação do movimento na feira campinense durante a semana. (1) Ambulantes em uma das entradas da feira; (2) portão 2 (11h às 13h) em destaque e o fluxo de pessoas no trecho mostrado pela imagem 1; (3 e 4) mapas com as observações de movimentação em diferentes partes da feira das 5h às 9h, durante a semana;	91

Figura 3.26: usos do solo interno à feira de Campina Grande;	92
Figura 3.27: Mulher debulhando e vendendo o feijão;	92
Figura 3.28: Barraca de feira em frente a uma residência em Campina Grande;	92
Figura 3.29: Prostíbulos existentes na mesma rua da feira de animais vivos;	93
Figura 3.30: Prostíbulos existentes na mesma rua da feira de animais vivos;	93
Figura 3.31: Observação do movimento no entorno da feira campinense durante a semana, das 13h às 15h, com destaque para a área dos prostíbulos;	93
Figura 3.32: Média da intensidade do funcionamento da feira caruaruense durante a semana, de 9h às 11h;	94
Figura 3.33: Média da intensidade do funcionamento da feira caruaruense durante a semana, de 11h às 13h;	94
Figura 3.34: Cemitério de barracas de madeira;	95
Figura 3.35: Barracas metálicas sendo consertadas;	95
Figura 3.36: Barraca sendo transportada para a rua ao lado do Parque 18 de Maio;	96
Figuras 3.37 e 3.38: Mapas de observação mostrando a mudança na intensidade do uso do espaço do Parque 18 de Maio, mais ao norte na segunda-feira que antecede a sulanca, e mais a oeste/sudoeste, na terça-feira, dia da feira de confecções;	97
Figura 3.39: Barracas de sulanca em frente às de artesanato;	97
Figura 3.40: Barracas de sulanca em frente às de artesanato;	97
Figura 3.41: Mudança do uso do solo no entorno da feira de Caruaru nos períodos de 1992 e 2007;	98
Figura 3.42: Comparação entre dois momentos diferentes em uma mesma área da sulanca, sem e com movimento de usuários;	99
Figura 3.43: Comparação entre dois momentos diferentes em uma mesma área da sulanca, sem e com movimento de usuários;	99
Figura 3.44: Esquemas síntese dos dois tipos de ocupação espacial, a <i>feira-percurso</i> e a <i>feira-pátio</i> ;	100
Figura 3.45: Esquema da retração centrípeta	103
Figura 3.46: Mapa com ocupação da feira na década de 90, com o supermercado em destaque (1);	103
Figura 3.47: Mapa síntese dos processos de retração centrípeta (setas azuis) e de esvaziamento interno (áreas em amarelo) da feira de Campina Grande;	103
Figura 3.48: Feira com algumas barracas funcionando em dia de semana;	104

Figura 3.49: Pleno funcionamento na feira de animais vivos, aos sábados;	104
Figura 3.50: Corredor entre barracas junto a bares, as quais servem como depósito em Campina Grande;	105
Figura 3.51: Esquema do crescimento centrífugo.	105
Figura 3.52: Representação do crescimento centrífugo (setas azuis) e do processo de esvaziamento interno (manchas em amarelo) na feira de Caruaru.	107
Figura 3.53: Imagem de conflito existente na feira de Caruaru – ocupação das vias por feirantes	109
Figura 3.54: Imagem de conflitos existentes na feira de Caruaru – poucos acessos á feira;	109
Figura 3.55: Imagem de conflitos existentes na feira de Caruaru – falta de infra-estrutura;	109
Figura 3.56: Imagem de conflitos existentes na feira de Caruaru – baixa permeabilidade visual;	109
Figura 3.57: Imagem de conflitos existentes na feira de Caruaru – falta de sinalização turística indicativa;	109
Figura 3.58: Imagem de conflitos existentes na feira de Caruaru – posto policial fechado.	109
Figura 4.1: Tipos de confecção vendida na feira, moda praia e moda íntima, respectivamente	126
Figura 4.2: Tipos de confecção vendida na feira, moda praia e moda íntima, respectivamente	126
Figura 4.3: Esquema da exceção de vendas nas feiras, onde o usuário também é feirante, constatado através dos questionários.	139
Figuras 5.1 a 5.4: Produtos que despertam sensações experienciais em quem percorre as barracas de qualquer feira nordestina. 5.1) artesanato, 5.2) ervas e chás medicinais, 5.3) queijos e manteigas e 5.4) frutas diversas.	144
Figuras 5.5, 5.6 e 5.7: Banco da Feira de Ervas e suas “mezinhas”, foto de Mestre Vitalino com algumas de suas peças de barro e a antiga residência de M. Vitalino, hoje museu.	148
Figuras 5.8 e 5.9: Algumas formas de expressão vendidas na feira de artesanato, em Caruaru.	155
Figuras 5.10 e 5.11: Produtos da sulanca de Caruaru.	156
Figuras 5.12, 5.13 e 5.14: Setores de frutas, verduras e cereais, na feira de Campina Grande.	157
Figura 5.15: Dupla de violeiros	158
Figuras 5.16 e 5.17: Interior do museu do cordel e exemplares em exposição.	159

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1: Tabela-resumo com as diferentes classificações dadas por diferentes autores para o evento da “feira”.	35
Tabela 2.1: Resumo dos principais conceitos apresentados e discutidos a partir da Sintaxe Espacial	61
Tabela 3.1: Número de feirantes e de barracas em 1985, 2003 e 2008	77
Tabela 3.2: Dados das feiras de sulanca e de artesanato - 2007	105
Tabela 4.1: Distribuição da População Ocupada Segundo Posição na Ocupação nos Município de Caruaru e Entorno no Trimestre Setembro-Outubro-Novembro de 2006	116
Tabela 4.2: Número de feirantes nas feiras de Caruaru e Campina Grande	118
Tabela 4.3: Local de residência de usuários e feirantes em cada uma das feiras livres	118
Tabela 4.4: Local de residência de feirantes e usuários, por feira pesquisada.	119
Tabela 4.5: Categorização a partir das relações econômicas das feiras de Caruaru e Campina Grande.	121
Tabela 4.6: Distribuição das empresas formais e informais no Pólo do Agreste Pernambucano – 2003, com destaque para Caruaru.	124
Tabela 4.7: Distribuição do faturamento mensal das empresas, incluindo facções – 2003	124
Tabela 4.8: Dados das feiras de Frutas e Verduras, Sulanca e de Artesanato - 2006	127
Tabela 4.9: Participação por segmento de dentro da atividade de confecções, com destaque para Caruaru.	128
Tabela 4.10: Quantidade de pessoas entrevistadas em cada feira, divididas entre usuários e feirantes	129
Tabela 4.11: Faixa de renda por categoria dos trabalhadores em cada barraca pesquisada	131
Tabela 4.12: Categoria onde se encaixam os funcionários em cada feira livre	132
Tabela 4.13: Trecho de cruzamento de dados entre número de funcionários por barracas de cada feira livre	133
Tabela 4.14: Escolaridade x tipo de renda gerada pela feira	134
Tabela 4.15: Faixa de arrecadação dos feirantes por grau de escolaridade	134
Tabela 4.16: Faixa de arrecadação dos feirantes por tipo de renda gerada	135
Tabela 4.17: Local de residência dos usuários por cidade pesquisada	137
Tabela 4.18: Correlação entre a faixa de renda com o nível de	138

escolaridade dos usuários.

Tabela 6.1: Resumo da categorização a partir da dinâmica de crescimento das feiras de Caruaru e Campina Grande	164
Tabela 6.2: Resumo da categorização tipológica das feiras de Caruaru e Campina Grande a partir da morfologia do espaço ocupado por elas.	166
Tabela 6.3: Resumo da categorização a partir da composição econômica das feiras de Caruaru e Campina Grande.	169
Tabela 6.4: Resumo da categorização a partir da representação cultural das feiras de Caruaru e Campina Grande.	171

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 4.1: Gráfico produzido por Araújo (2006) sobre a naturalidade dos fregueses entrevistados	119
Gráfico 4.2: Como os feirantes campinenses e caruaruenses obtêm os produtos a serem comercializados.	120
Gráfico 4.3: Atividades conjuntas dos usuários nas feiras de Caruaru e Campina Grande	123
Gráfico 4.4: Correlação entre o sexo e o tipo de usuário.	129
Gráfico 4.5: Gráfico mostrando o local de residência dos feirantes de Caruaru e Campina Grande	130
Gráfico 4.6: Correlação entre o modo como os feirantes obtêm os produtos <i>versus</i> a faixa de arrecadação média por feira.	131
Gráfico 4.7: Faixa de arrecadação de cada feirante por número de funcionários por barraca.	133
Gráfico 4.8: Sexo dos usuários em cada feira pesquisada	136
Gráfico 4.9: Opinião dos usuários sobre ida às feiras de Caruaru e Campina Grande	137
Gráfico 4.10: Correlação da opinião dos usuários em ir às feiras x a frequência de idas á feira.	138
Gráfico 4.11: Correlação entre a faixa de renda e a faixa de gastos dos usuários em ambas as cidades.	139
Gráfico 4.12: Faixa de gastos dos usuários em cada uma das feira	140

LISTA DE QUADROS

Quadro 5.1: Letra da música “A feira de Caruaru”.

149

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1. DEFININDO A FEIRA LIVRE: ATRIBUTOS GERAIS E QUALIDADES LOCAIS	29
1.1 As diferentes classificações das feiras livres	32
<i>1.1.1 As relações feira-cidade e consumidor-produto</i>	36
1.2 Comércio informal e as feiras livres	37
1.3 Feiras livres: fenômenos urbanos complexos	40
<i>1.3.1 O papel econômico das feiras</i>	41
<i>1.3.2 O papel espacial das feiras</i>	42
<i>1.3.3 O papel social das feiras</i>	44
<i>1.3.4 O papel cultural das feiras</i>	47
2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS OU COMO APREENDEMOS UM FENOMENO COMO A FEIRA LIVRE	50
2.1 Feiras nordestinas: a caracterização de marcos urbanos comerciais	51
2.2 Metodologia e métodos utilizados	52
<i>2.2.1 Pesquisa secundária</i>	55
<i>2.2.2 Observação participante</i>	57
<i>2.2.3 Portões de contagem</i>	59
<i>2.2.4 Sintaxe espacial e descrições do espaço</i>	61
<i>2.2.5 Questionários– feirantes e usuários</i>	64
<i>2.2.5.1 <u>Conteúdo dos questionários</u></i>	66
<i>2.2.5.2 <u>Tabulação e Análise de dados</u></i>	67
3. MOVIMENTO E ACESSIBILIDADE NAS FEIRAS LIVRES	68
3.1 Movimento e fluxo no espaço das feiras: a lógica dentro do espaço	70
<i>3.1.1 Os centros das cidades de feiras</i>	71
<i>3.1.2 Diferentes fases de transição: mudança e permanência</i>	75
<i>3.1.3 Integração e movimento dentro das feiras de Caruaru e Campina Grande</i>	78
3.2 Movimento e padrões de uso das feiras: observações participantes	86
<i>3.2.1 Observação participante: fim de semana</i>	87
<i>3.2.1.1 <u>Quando a feira campinense ganha mais movimento</u></i>	87
<i>3.2.1.2 <u>Movimento intenso no interior da feira de Caruaru</u></i>	89
<i>3.2.2 Observação participante: durante a semana</i>	90

3.2.2.1 <u>Movimento fraco mas constante na feira campinense</u>	90
3.2.2.2 <u>Dias de semana na feira de Caruaru: de movimento fraco ao ápice com a sulanca</u>	94
3.2.3 <i>Observação participante: a dinâmica espacial da sulanca</i>	95
3.2.4 <i>Classificações morfológicas das feiras: as feiras-percurso e as feiras-pátio</i>	100
3.3 As diferentes dinâmicas na interface feira-cidade	101
3.3.1 <i>A feira campinense e o processo de retração centrípeta</i>	102
3.3.2 <i>A feira de Caruaru, crescimento centrífugo e esvaziamento interno</i>	105
3.4 Ações e reações na dinâmica espacial das feiras	111
4. “O TOMA LÁ DÁ CÁ”: ANÁLISE DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS NAS FEIRAS	113
4.1 Arranjos produtivos e os impactos na economia formal dos municípios	116
4.1.1 <i>Duas feiras e duas influências econômicas distintas</i>	118
4.1.2 <i>Classificações das feiras segundo as relações econômicas</i>	121
4.2 A relação comercial entre setor formal e as feiras	122
4.2.1 <i>Sulanca: uma feira que tem “pano pra manga” .</i>	125
4.2.2 <i>O processo de mudança do perfil da sulanca</i>	127
4.3 Quem vende e quem compra: as diferentes personagens das feiras analisadas.	128
4.3.1 <i>Os feirantes: os agentes de comércio</i>	128
4.3.2 <i>Os usuários, afinal “aqui quem manda é o freguês”</i>	136
4.4 Reflexões parciais: a influência da feira nas relações econômicas da cidade	141
5. A FEIRA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL DE UMA REGIÃO	142
5.1 O processo de Registro das feiras como Patrimônio Imaterial	144
5.1.1 <i>A feira de Caruaru: Patrimônio Imaterial brasileiro</i>	146
5.1.1.1 <u>O lento processo de salvaguarda da feira</u>	150
5.1.2 <i>A feira campinense como Patrimônio Imaterial: ainda uma intenção</i>	151
5.2 A percepção da imagem da feira por usuários e feirantes	153
5.2.1 <i>A percepção da imagem da feira: resultados</i>	154
5.3 A ruptura da imagem das feiras	158
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A FEIRA NA CIDADE	161
6.1 O A feira no espaço e o espaço da feira	164

<i>6.1.1 A desigualdade entre a expansão selvagem e a luta pela sobrevivência</i>	164
<i>6.1.2 A persistência e a subversão de uma morfologia</i>	166
6.2 A dinâmica econômica das feiras	168
6.3 A cultura da feira	171
<i>6.3.1 A feira como patrimônio</i>	171
6.4 Um último ponto: que diretrizes propor para a manutenção das feiras livres urbanas.	173
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	176
ANEXOS	185

INTRODUÇÃO

FEIRAS LIVRES NAS CIDADES: POSSIBILIDADES E DESCOBERTAS



INTRODUÇÃO: as feiras livres nas cidades, possibilidades e descobertas

O dia da feira é (...) o dia de pôr as conversas em dia, de discutir política, de comprar, de vender, enfim é o dia de movimento na cidade. (MAIA, 2006, p.9)

Vive-se atualmente em um contexto mundial em que o cenário econômico se apresenta complexo e envolto de uma nuvem de incertezas. A adoção de novas tecnologias, da comunicação entre mercados mundiais, a viabilização de produtos que obtenham dividendos rápidos e o aumento dos lucros são alvos das grandes corporações, que, ao que tudo indica motivam a maior crise recente dos mercados mundiais.

Um pouco à parte dentro desse cenário estão as feiras, diferindo-se deste comércio formal dito moderno, e confundindo-se com as cidades por fazerem parte da raiz econômica de muitas delas e por manterem uma relação íntima, simbiótica, na construção de conexões humanas e comerciais.

As feiras sempre foram locais intrigantes. Explica-se. Ao mesmo tempo em que a bagunça, a desorganização e a informalidade das relações geram conflitos visíveis que são vistos muitas vezes como motivos de sua degradação e depreciação, elas são os elementos que propiciam um colorido, uma beleza e riqueza cultural, através de expressões artísticas, que caracterizam muitas cidades nordestinas.

Justamente por isso, as feiras são fenômenos urbanos complexos, cheios de facetas, riquezas e peculiaridades. Nesses palcos, sobre os quais muito já foi escrito, estudado e analisado, inúmeras manifestações acontecem, compondo um quadro cotidiano de alegria, agitação, calor, cheiros, cores, gostos, sinestesia pura. Assim, fica difícil não sair admirado por algo quando se vai a uma feira, onde tudo é passível de encantamento.

Falar de feira dá “pano pra manga”. Como já dizia a música “tudo o que há no mundo/, lá tem pra vender”¹, é só procurar... Existe “doutor” em poesia, fazendo

¹ Trecho da música “A Feira de Caruaru”, do compositor Onildo Almeida e gravada pelo Rei do Baião, Luiz Gonzaga no início da década de 60.

política; tem gente vendendo qualquer camisa de futebol, sempre “genérica”; mulher acha todo tipo de adereços pra qualquer parte do corpo. E tudo isto sem falar nas comidas...

E a ida à feira também vira um acontecimento social. É o dia de saber das novidades, cavaquear, bater papo, ir ao médico, ao barbeiro, à igreja e tudo mais que for necessário. O importante é aproveitar ao máximo a viagem, pois muito dos fregueses não podem se dar ao luxo de ir à cidade a qualquer hora. Junte-se a isso a relação de vizinhança que existe em qualquer mercado ao ar livre, onde feirantes são vizinhos de longa data e essa proximidade propicia até a realização de casamentos entre seus filhos.

Tendo em vista todo esse universo multifacetado, este trabalho propõe-se a estudar feiras regionais com diversas situações de inserção na cidade, seja com uma relação tradicional - quando as feiras acontecem nas áreas centrais das cidades, ou nas situações específicas - quando elas são transferidas para locais comerciais. Quais as vantagens e desvantagens de ambas as situações? Como estas estruturas se relacionam com a vida e movimento da cidade? A dinâmica das feiras ainda é importante para as cidades ou estarão sendo substituídas pelos novos modos de comércio? Há perdas das características espaciais, econômicas ou mesmo culturais em ambas as situações?

Estas indagações surgem ao verificar-se a situação das grandes feiras livres em diversas cidades nordestinas. Apesar do reconhecimento da importância das feiras como manifestações da cultura local, demonstrado no recente Registro da feira de Caruaru como bem imaterial da cultura brasileira em 2006, parece que pouco se tem feito para garantir a integridade destas estruturas.

Por exemplo, essa feira que tem atualmente mais de 200 anos, passou por inúmeras transformações, porém nenhuma tão grande como a realocação da mesma em um parque que transformou completamente a relação da cidade com ela. Embora a feira continue sendo um sucesso do ponto de vista comercial, com aumento anual no número de feirantes e de produtos comercializados, várias mudanças no zoneamento e no arranjo espacial das barracas e até mesmo na natureza dos produtos, acarretaram e ainda acarretam no desaparecimento de qualidades talvez imprescindíveis para uma feira livre. Um destes aspectos é a

própria temporalidade e flexibilidade desse espaço, o caráter informal do comércio e principalmente a relação entre o produtor e comprador.

Este estudo pretende ser integrado, considerando o tema “feira” de acordo com várias perspectivas e analisando diferentes condicionantes. Segundo componentes espaciais, procurou-se identificar como são implantadas dentro de estruturas urbanas consolidadas, como são montadas diariamente, realizam-se, crescem. Da mesma forma, buscou-se determinar como feiras em lugares comerciais específicos relacionam-se com o comércio de entorno, e com a vida cultural da cidade. Em suma, como diferentes morfologias implicam em diferentes experiências de ir, sentir e pensar sobre a feira livre?

Como empreendimento econômico, a chegada constante de comerciantes para venderem algo é um reflexo da capacidade que as feiras têm de atrair e agregar pessoas. Os produtores são vendedores, mas também são personagens de uma história. Quem já não ouviu falar daqueles que faziam o cliente comprar duas vezes mais do que queria, e sair feliz? Ou dos que exibem orgulhosamente as mercadorias que vendem? Os mercados ao ar livre também acolhem e dão trabalho às pessoas que, nos momentos de recessão, perdem seus empregos formais, pois sempre há espaço para que mais feirantes tragam algo para vender. Tudo isso é algo costumeiro e a dinâmica econômica nesses locais de mercado está sempre em transformação.

Por isso, esta pesquisa busca visualizar como se caracterizam as relações com o mercado formal presente nas cidades e até que ponto essa formalidade participa ativamente de um processo de comércio informal, tendo em mente que muitas dessas cidades dependem quase que exclusivamente da feira e que muitos comerciantes têm nesse comércio a única fonte de sobrevivência. A partir daí, este trabalho procura entender o perfil de cada uma dos personagens que compõem as feiras, ou seja, os vendedores e os fregueses.

Os componentes culturais são vários e as relações também, pois o universo lúdico das cidades nordestinas se faz presente nas feiras. Os “homens da cobra” e os remédios para sarar de espinha a câncer, os violeiros e seus repentos engraçados e que fazem todos em sua volta darem gargalhadas sem ofender a ninguém e os “doutores raiz” que extraem das ervas naturais remédios para todas

as doenças representam bem esse cenário. Além deles, o colorido típico das lonas de plástico onde os vendedores expõem suas mercadorias ou do som produzido pelos feirantes gritando e chamando os fregueses. Mas muitos deles já são personagens raros em meio às feiras. Assim, com a compreensão prévia disto, será destacada a manutenção ou não de uma imagem típica de feira tanto para os feirantes quanto para os usuários, já que cada uma delas tem um caráter cultural próprio.

Assim, todas as indagações, vivências e necessidades metodológicas serviram de subsídios para a escolha dos objetos de estudo e quais delas poderiam dar “mais pano pra manga”, ou seja, argumentos suficientes para que, a partir da costura dos diversos fatores, seja possível confirmar a manutenção ou transformação da dinâmica da relação entre a feira e a cidade.

A escolha dos objetos de estudo foi feita com base em algumas possibilidades existentes de feiras nordestinas que se destacam pela abrangência e importâncias regionais. Para atender a alguns requisitos de escolha, havia-se decidido ainda no pré-projeto, estudar três exemplares dos mais relevantes na região nordeste brasileira, Caruaru, em Pernambuco, Campina Grande, na Paraíba e Arapiraca, em Alagoas, que possibilitariam o alcance do objetivo deste trabalho.

Porém, por conta das distâncias a serem percorridas nas pesquisas de campo e ao prazo escasso de um mestrado, decidiu-se deter-se apenas a duas, Caruaru e Campina Grande, já que atendem aos requisitos buscados e que, geograficamente, estão a uma distância não muito longe entre elas, o que possibilitaria uma coleta de dados em campo mais completa e dentro do prazo estipulado para a conclusão da dissertação.

Porém um dos principais motivos para a escolha dessas cidades e de suas feiras foi a forte presença e representatividades regionais nos mais diversos aspectos em ambas as cidades. As feiras livres escolhidas exercem forte influência econômica, fato típico a várias “cidades de feiras” nordestinas. Em muitas delas, a ação de ir à feira não consiste apenas no tradicional ato de comerciar, mas também no desenvolvimento de atividades sociais que são estabelecidas com a

participação das pessoas ao longo do tempo, compondo um cenário onde essas feiras são eventos quase sempre de socialização e com forte conteúdo cultural.

Outro motivo para a escolha das referidas feiras, deve-se ao fato deste autor ter nascido em Caruaru e ter crescido como freqüentador assíduo da feira local, percebendo como usuário a dinâmica nela desenvolvida, assim como a força presente em todos os seus setores. O interesse por esse mercado especificamente levou a realização de um trabalho de conclusão de curso, sobre a evolução histórica da relação entre a feira e a cidade de Caruaru, que analisou a origem de ambas, e sua relação de (inter)dependência.

A partir deste estudo buscou-se ampliar a análise considerando outras feiras, principalmente que mantivessem a relação original com a cidade, por isso a escolha da feira de Campina Grande, município com características semelhantes a Caruaru e que facilitaria uma comparação dos aspectos gerais e específicos de ambas.

Além disso, as feiras de Caruaru e Campina Grande foram escolhidas por serem consideradas duas das mais tradicionais feiras do Nordeste do Brasil, pelo tamanho da área ocupada, pelo raio de abrangência comercial, pela atração de milhares de pessoas, gerando milhões de reais por semana, além da amplitude cultural, como manifestações típicas de uma nordestinidade.

Por outro lado, outro fator em comum foi que ambas sofreram processos de degradação espacial² nos centros urbanos das cidades, devido aos conflitos surgidos ao longo do tempo, que passaram a corromper as relações espaciais e econômicas locais. E como solução, as municipalidades elaboraram planos urbanísticos e de gestão, sendo que a de Caruaru sofreu uma transformação ainda maior e mais radical, sendo realocada para uma área planejada e próxima ao centro, porém sem as características que a fizeram ser a “feira de Caruaru” por mais de dois séculos. Já o caso da feira de campinense, foi menos drástico, pois, mesmo com intervenções, foi mantida no centro da cidade e disposta ao longo do tecido urbano.

² A degradação espacial é entendida aqui como um processo de declínio da qualidade da ocupação espacial ao longo do tempo nas áreas onde se encontram em Caruaru e Campina Grande.

Entretanto, ambas ainda passam por processos de adaptação a esses novos planos urbanísticos. Por mais tempo que lá estejam, esses espaços, sejam eles centrais e espontâneos sejam eles marginais e planejados, sofrem cotidianamente modificações inerentes a essa atividade comercial, com respostas também diferentes. Exemplos dessas conseqüências são os intensos conflitos urbanísticos e de gestão, que vêm crescendo de intensidade e não estão sendo resolvidos totalmente.

Associado a tudo isto, havia uma necessidade de compreender o quadro das transformações vistas nessas áreas e suas inserções nas dinâmicas do cotidiano urbano das cidades, visto que há escassos trabalhos acadêmicos que abordem essa temática através do viés urbano, e não só econômico, geográfico ou mesmo sociológico. Alguns trabalhos foram encontrados, que desenvolvem a visão geográfica dessa relação, como Pazera Jr. (2003), que trata as permanências e mudanças na pequena feira semanal de Itabaiana na Paraíba, Mascarenhas (1991 e 2005), que aborda as transformações nas feiras cariocas em geral e Dantas (2007), o qual discute as transformações socioespaciais na feira de Macaíba, no Rio Grande do Norte.

Fica evidente, então, a necessidade de estudos integrados das feiras nas cidades, tratando-as com uma visão mais abrangente possível. O trabalho desenvolvido sobre Caruaru (Miranda, 2005) é um exemplo de pesquisa com um olhar mais urbano, pois nele, a feira não é tratada isoladamente, mas sim como uma parte indissociável da cidade.

Com essa intenção, esta dissertação foi estruturada em seis capítulos que nos conduzirão pelo universo das feiras e, mais particularmente, de Caruaru e Campina Grande.

O primeiro capítulo foi dedicado à exploração das diversas definições e conceitos que explicam as feiras através de seus atributos gerais e das qualidades específicas percebidas pelos mais diferentes campos do conhecimento, através do ponto de vista espacial, econômico ou sócio-cultural. A apresentação dessas classificações tem por finalidade levantar argumentos que possam embasar discussões ao longo do trabalho sobre os diferentes papéis que as feiras exercem na cidade e quais as interligações entre elas.

Já no capítulo 2, apresenta-se a estrutura conceitual utilizada como suporte para a construção da pesquisa, enfatizando os aspectos teóricos, metodológicos e técnicos aplicados aos estudos de caso. São examinadas as ferramentas: (1) de compreensão do espaço das feiras, através de observações em campo; (2) de contagem de pessoas, para a apreensão do movimento e do fluxo de pedestres que transitam pelo espaço das feiras; (3) de leitura e representação espacial, através da análise sintática do espaço por meio de mapas axiais. São evidenciados para ambas as cidades os recursos e as utilizações possíveis de uma construção metodológica específica para este trabalho, esclarecendo as etapas de execução das técnicas e das aplicabilidades para o entender a relação feira-cidade.

Partindo de uma abrangência mais ampla inicialmente, onde diversos argumentos foram discutidos para a construção de articulação entre a cidade e a feira, no capítulo 3 há um foco mais restrito, o aspecto espacial dessa relação. E o espaço não é tratado somente pela área ocupada pelas feiras de Caruaru e Campina Grande, mas sim pela articulação de ambas com a estrutura urbana, seja local ou global, e pelo modo como acontecem os padrões de movimento e fluxo de pessoas. Para isso, a sintaxe espacial será utilizada como instrumento de leitura dessa articulação, associada a observações em campo e a contagens de pessoas.

O capítulo 4 tem seu foco no “toma lá dá cá” das feiras, no fator comercial, comum e necessário em qualquer mercado ao ar livre. Nele, serão avaliadas tanto as relações econômicas nas feiras enquanto pontos de comércio, quanto desses mercados ao ar livre com as urbes, através dos fatores que constroem o nível de formalidade ou informalidade dessa relação. E como parte de um viés comercial, explorar-se-á os perfis tanto de feirantes quanto de usuários, pois, a partir deles, pode-se entender um pouco mais da relação comercial existente.

As relações sócio-culturais são bastante exploradas no capítulo 5. Nele, será discutida a importância do Registro das feiras como Patrimônios imateriais. Por serem manifestações típicas de uma cultura e sinônimo de diversidade e expressividade regionais, ambas passam ou passaram por processos de inventário e levantamento de expressões culturais existentes nesse comércio. Ao

mesmo tempo, busca-se identificar a presente imagem cultural que usuários e feirantes têm desses locais de mercados através dos produtos comercializados.

E no último, apresenta-se, por fim, a costura desta relação através da compreensão e da análise de todo o percurso feito até aqui, pois a inter-relação entre os fatores influi diretamente na dinâmica das feiras, assim como contribui para demarcá-las como referências de um lugar de comércio, mas que é também lugar de movimentos, encontros e cultura regional, ou seja, de uma relação imbricada entre a feira e a cidade.

Em linhas gerais, através dos diversos aspectos que serão estudados nestas feiras, procura-se demonstrar a importância contemporânea desses comércios informais. Portanto, tendo tudo isso em vista, este trabalho convida a percorrer, de modo semelhante a Mascarenhas (1991), os caminhos da diversidade própria das feiras, por entre as ruelas da efervescência cultural, a visitar os diferentes palcos onde elas acontecem e as barracas da força econômica presente. Enfim, para o leitor atento e curioso, é aberto um leque imenso de possibilidades e descobertas sobre o universo das feiras livres.

A FEIRA LIVRE: **ATRIBUTOS GERAIS E QUALIDADES LOCAIS**





1. Definindo a feira livre: atributos gerais e qualidades locais

[...] O povo se anima logo
cedo para a feira
indo de qualquer maneira
pelo caminho de cima
E encontra com a prima
Parecendo uma festa
Participa e manifesta
Enfrentando com franqueza
A maior da redondeza
(DANTAS, 1998)

A feira livre é antes de tudo um lugar público de comércio. Consiste na reunião de vendedores e compradores em determinado local e hora, em um local quase sempre descoberto, onde se desenvolvem troca, venda e comércio de mercadorias. Em certos locais, ela deixa de ser um fato *rotineiro* para assumir um papel de *destaque*, sendo difícil às vezes apontar até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira.

A temporalidade é um aspecto inerente à atividade em feira, já que normalmente a feira se instala, realiza-se e desinstala-se. O horário de funcionamento, no entanto pode variar dependendo da necessidade do público alvo. Por exemplo, alguns setores das feiras funcionam a partir do amanhecer do dia, em especial nos fins de semana, para a venda da produção recentemente tirada do campo comercializando produtos para subsistência. Outros setores podem apresentar um horário de funcionamento mais estendido tendo como público-alvo os turistas.

A feira é a expressão mais notória do comércio informal e por isto é objeto de diferentes abordagens, desde estudos mais eruditos, desenvolvidos por estudiosos e pesquisadores como também análises mais populares, desenvolvidas por poetas cordelistas, como no trecho a seguir:

Essa feira é animada/ Ela dura o dia inteiro/ Vem gente lá de Peladas/
Vem casado, vem solteiro/ Quando junta todo mundo/ Parece com
formigueiro! (TABOSA, 2007).

O dia da feira é literalmente um “dia de festa”, como define inicialmente Holanda (2007). Esses espaços “(...) criam atividade e energia, trazendo pessoas para o espaço público (...)”, encorajando, “conexões humanas dentro do universo da economia de mercado, algo que tem sido bastante celebrado na história e ainda



hoje”. Porém, as feiras livres são “essencialmente, lugares de compra e venda de produtos variados, destacando-se, hoje, bens industrializados, ao lado de produtos agrícolas tradicionais” (DINIZ, 1987, p. 72). Mas também ele afirma que em muitas delas “há uma pequena oferta de serviços [como] barbeiros, relojoeiros, fotógrafos, mecânicos de bicicletas e até dentistas práticos”. (DINIZ *op. cit.*, 1987, p. 72) (figura 1.1)



Figura 1.1: Salão de beleza na feira de Campina Grande. Fonte: Gustavo Miranda, 2009

Assim, como atividade econômica inserida no campo terciário da economia urbana³, a feira consiste em uma estratégia de sobrevivência para significativa parcela da população, facilitada pela informalidade de sua realização.

Ela inclui a produção e a troca de bens legais e serviços que envolvem uma ausência de permissões de comércio apropriada, violações de códigos locais, falha na viabilidade de repasse das taxas, desconformidade com leis trabalhistas e condições de trabalho, e/ou a ausência de garantias legais em relação a fornecedores e clientes⁴. (CROSS, 2000, p.6)

Definições muito parecidas com a anterior estabelecem que as feiras possuem grande importância nas comunidades onde se desenvolvem, pois “(...) provêm bens e serviços às pessoas de todos os tipos de vida. Não menos importante, eles têm valor por estimular outras atividades econômicas na vizinhança” (LYONS e MBIBA, 2003, p. vii)

A Fundação Ford (2004) realizou um estudo sobre feiras livres e mercados em algumas localidades dos Estados Unidos e propôs uma definição interessante sobre esse tipo de comércio, mesmo em uma realidade muito diferente da brasileira.

³ Segundo Vargas (2001, p. 52), o setor terciário pode ser definido como aquele que incorpora atividades que não produzem nem modificam objetos físicos e que não terminam no momento em que são realizadas.

⁴ “The production and exchange of legal goods and services that involves the lack of appropriate business permits, violation of zoning codes, failure to report tax liability, non-compliance with labor regulations governing contracts and work conditions, and/or the lack of legal guarantees in relations with suppliers and clients” (CROSS, 2000, p.6)



Feiras públicas são localizadas e/ou criadas em espaço público dentro da comunidade. Esse é o aspecto visível das feiras – a criação de um local convidativo, seguro, e ativo que atrai todo tipo de pessoas. Como um lugar efetivo onde as pessoas se misturam, feiras públicas se tornam o coração e a alma da comunidade, ou seja, um local onde as pessoas interagem facilmente e onde inúmeras atividades da comunidade acontecem. (THE FORD FOUNDATION, 2004, p. 7)

Isso mostra que, independente da região geográfica onde ela se estabelece, a feira tem um papel essencial e comum no espaço urbano, o de aumentar a integração social em espaços públicos e encorajar o crescimento de mobilidade.

Este capítulo visa, portanto, apresentar os atributos gerais e as qualidades locais acerca das feiras livres, a fim de enriquecer o entendimento deste complexo fenômeno urbano.

1.1 As diferentes classificações das feiras livres

Dantas (2007) resume bem a intenção deste sub-capítulo ao tentar mostrar alguns dos diferentes entendimentos e das diferentes classificações de feiras seja pela sua localização, abrangência geográfica, o tipo de região onde acontece ou a classificação do tipo comercial.

(...) Como centros populares destinados ao abastecimento da população local [as *feiras*] (...) são também o lugar onde se dá um grande número de atividades paralelas, o lugar de encontros e reencontros, das conversas, das manifestações populares, da sociabilidade em todas as suas dimensões, e um espaço onde as pessoas realizam diversas estratégias de sobrevivência, [além de ser] o local onde o capital comercial exerce domínio (DANTAS, 2007, p. 18).

Issler (1965), Mascarenhas (1991) e Pazera Jr. (2003), dentre outros, sintetizados na tabela 1.1, contribuem com diversos elementos que constroem as diferentes classificações.

A definição dada por Mascarenhas (2005) engloba uma distinção entre tipos de feira baseada nos seus raios de abrangências, como as “feiras livres” e “feiras regionais”.

Assim é adotada [a *denominação “feira-livre”*] em todo o Brasil para designar as feiras semanais de caráter intra-urbano (de âmbito praticamente restrito ao bairro), diferentes daquelas tradicionais que reúnem compradores e vendedores oriundos de áreas distantes, muito



comum no Nordeste, e que preferimos denominar feiras regionais. (MASCARENHAS, 2005, p. 6)

Entretanto, a feira livre conforme entendida neste trabalho é diferente daquele utilizado por Mascarenhas, ao contrário, o termo *feira livre* está íntima e popularmente associado ao tipo de comércio realizado em feiras ao ar livre, como a grande parte das feiras nordestinas, por exemplo, independente do tamanho de cada uma delas e da capacidade de agregar e congregar feirantes e consumidores em um mesmo espaço de comércio.

Já Correa (1997) trata a definição do fenômeno urbano que é a feira dentro de uma abordagem na perspectiva das *redes geográficas*, uma dentre as diversas abordagens possíveis para se entender esse comércio informal.

Este tipo de instituição tem como agentes comerciantes, produtores rurais, artesãos e consumidores, sendo eminentemente espontânea. Envolve fluxos de mercadorias, pessoas e informações, e, através dela, realiza-se a integração entre áreas rurais, pequenas, médias e grandes cidades. Ligadas ao mercado associa-se à acumulação, mas também na feira a sociabilidade se manifesta. É real, material e eminentemente informal, tendendo a ser hierarquizada, na qual há centros com comércio atacadista para feirantes e centros onde há apenas varejista-ambulante. A feira nordestina existe há muito tempo e a velocidade de seus fluxos é lenta. Sua preferência é periódica e esta é uma característica fundamental que a distingue do comércio fixo. (CORRÊA, 1997, p. 113 *apud* DANTAS, 2007, p. 33)

Acerca do significado e modos de abrangência, Pazera Jr. (2003) apresenta uma nova classificação para as diferentes feiras, baseada na experiência de pesquisa na feira de Macaíba (RN).

Pazera Jr distingue dois grupos de feiras que estão relacionadas com o tamanho e área ocupadas. Aquelas localizadas em *grandes centros urbanos*, com toda uma estrutura de comércio regular e as *pequenas feiras* espalhadas por todo o interior, as quais podem ser consideradas como remanescentes das feiras tradicionais, onde o agricultor, artesão e criador se transformam em comerciantes. Este tipo de feira ocorre com mais intensidade nos menores e mais rústicos povoados.

Outra classificação encontrada e pertinente para conceituar as feiras livres deriva do *tipo de região* em que ocorre esse comércio informal, sendo estabelecida por



Bernardo Issler (1965), o qual toma as feiras como estando localizadas em regiões chamadas por ele como *Zonas Típicas* e *Zona de Transição*. O primeiro tipo, as de *zona típica*, são as existentes no interior de zonas geográficas bem definidas.

(...) Quando comparadas às das zonas de transição são menores e mais pobres, resumindo-se a umas poucas barracas com produtos de consumo indispensável e algumas de artesanato e confecção. Por ser uma zona onde a pobreza é generalizada, principalmente no Sertão, a presença do produtor como comerciante quase não se faz notar. (ISSLER, 1965, p. 37 *apud* PAZERA JR., 2003, p. 17-18)

As de *zona de transição*, mais especificamente e como o próprio nome já resume, ocorrem nas faixas de transição entre duas zonas geograficamente diferentes: Zona da Mata-Sertão; Brejo-Agreste. Nesta zona de transição, a presença de culturas comerciais próximas às cidades dá à feira uma área de influência maior e possibilitam crescimento, pois atraem um número cada vez maior de comerciantes e compradores.

Outros dois pesquisadores propõem diferentes classificações, agora pela importância da feira na economia regional. Forman e Riegelhaupt (1970) caracterizam o tipo comercial de funcionamento, classificando-as por diferentes tipos: *Feira de Consumo*, *Feira de Distribuição*, *Feira Urbana de Consumo (Feira de Abastecimento)* e *Feira de Usina*.

A feira de Consumo consiste num mercado cíclico para a população rural de baixa renda onde são encontradas três categorias de vendedores: a) os que vendem e compram para si; b) os que compram produtos de outros e também vendem seus; c) os intermediários que vendem em todo lugar. (...) A feira de Distribuição são duas ou três feiras que se completam, onde os intermediários têm que ir pegar suas mercadorias. As feiras de distribuição no Nordeste localizam-se nas áreas de transição entre o litoral e o sertão. Elas fornecem mercadorias para as feiras rurais e urbanas, no atacado (...).

O terceiro tipo de feira, a feira Urbana de Consumo (Feira de Abastecimento), faz parte de um largo mercado diário, mas também é semanal (acessória). (...) São elas a “espinha dorsal” do Nordeste, pois delas sai alimentos para o litoral e para as feiras rurais do interior. (...) Por último, a Feira de Usina, que atende às populações próximas, na área da própria indústria. Esta feira tem um caráter menos pobre que a feira de consumo. (FORMAN e RIEGELHAUPT, 1970 *apud* PAZERA JR., 2003, p. 82-84)



A existência de classificações como essas facilita a compreensão e embasa as discussões posteriores sobre o funcionamento das feiras, especialmente quando forem apresentados os estudos de caso. Para isso, apresenta-se abaixo um quadro-resumo com as diferentes classificações apresentadas até aqui.

AUTORES	CATEGORIAS	CLASSIFICAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO
Mascarenhas (1991)	Abrangência	<i>Feira livre</i>	Feiras semanais de caráter intra-urbano, de âmbito praticamente restrito ao bairro
		<i>Feira regional</i>	Feiras tradicionais que reúnem compradores e vendedores oriundos de áreas distantes
Miranda (2005)	Abrangência	<i>Feira Local</i>	Abrange áreas pequenas, normalmente a vizinhança próxima do bairro
		<i>Feira Urbana</i>	Abrange normalmente a própria cidade
		<i>Feira Regional</i>	Abrange áreas além da própria cidade, chegando até, dependendo do caso, a alcançar uma ou mais partes do país.
Pazera Jr. (2003)	Localização	<i>Feiras de grandes centros urbanos</i>	Grandes centros possuem grandes feiras
		<i>Feiras de pequenos centros urbanos</i>	Pequenos centros possuem pequenas feiras
Issler (1965)	Região em que ocorre	<i>Zonas de transição</i>	Áreas de transição entre zona da mata-sertão e brejo-agreste
		<i>Zonas típicas</i>	São feiras menores e mais pobres que as de zonas de transição e ocorrem em regiões bem definidas, como sertão, por exemplo.
Forman e Riegehaupt (1979)	Importância econômica regional	<i>Feiras de consumo</i>	São feiras de subsistência propriamente ditas.
		<i>Feiras de distribuição</i>	São duas ou três feiras que se completam. No Nordeste, localizam-se nas áreas de transição entre o litoral e o sertão. Elas fornecem mercadorias para as feiras rurais e urbanas, no atacado.
		<i>Feiras urbanas de consumo (de abastecimento)</i>	Mercado diário ou semanal. Normalmente feiras de um alcance mais amplo.
		<i>Feiras de usina</i>	Atende às populações próximas da própria indústria, onde ela é o elemento comercial urbano principal. Tem um caráter menos pobre que a feira de consumo.

Tabela 1.1: Tabela-resumo com as diferentes classificações dadas por diferentes autores para o evento da “feira”.



1.1.1 As relações feira-cidade e consumidor-produtor

Como resultado da análise de todas as conceituações de feira livre, considera-se que as definições exploram basicamente dois tipos de relação intrinsecamente conectados, a relação *feira-cidade* e *consumidor-produtor*.

Na primeira, a questão espacial é o fator preponderante para se definir qualquer feira, em cidade pequena ou grande, e enfoca as influências e a articulação desse comércio com a cidade, que são sempre intensas. Já na relação *consumidor-produto*, se observa que a feira é um local onde diversos modos de relação econômica acontecem, seja da mais primitiva forma de troca, até a mais moderna maneira de venda de produtos.

Assim, quase todas as definições apresentadas neste trabalho tiveram, no mínimo, esses dois aspectos citados: as feiras livres são lugares onde ocorrem numerosas e abrangentes relações, que geram conseqüentemente outros tipos de influência como sociais e culturais, que conformarão este fenômeno urbano.

Para fechar esta discussão, apresenta-se um texto de Maia (2006) que faz um apanhado geral das definições apresentadas neste trabalho e enxerga de modo bem próprio como se apresentam a força e o papel desses mercados ao ar livre nas cidades.

[...] Além da função comercial, [as feiras] ainda exercem o papel de local de encontro e de lazer para a população. Nelas tudo se vende: alimentos — produzidos na região e aqueles vindos de outras mais longínquas —, roupas [...], utensílios domésticos, plásticos, louças, instrumentos para a atividade rural como depósitos para leite, arreios, chapéus, botas, chicotes etc.

Para os que vivem nessas cidades, é o dia de abastecer a casa; para os comerciantes, é um dia em que se vende mais e para muitos moradores e trabalhadores do campo é dia de ir à cidade, seja para vender seus produtos, para comprar os necessários, mas também para ir ao médico, resolver negócios e também colocar a conversa em dia. Dia de feira é dia de mercado mas também de encontro. (MAIA, 2006, p. 8)



1.2 A economia informal e as feiras livres

A diferença entre formalidade e informalidade é um assunto recorrente quando se aborda as feiras. É necessário cuidado em não considerar que a economia informal seja um conjunto de atividades de sobrevivência realizada por pessoas à margem da sociedade, considerando que ela seja sinônimo de marginalidade ou pobreza.

“Ela é uma forma específica de relações de produção, enquanto pobreza é um atributo conectado ao processo de distribuição” (PORTES *et al*, 1991, p.12). Este autor argumenta ainda no sentido de que algumas atividades do setor informal podem derivar da necessidade desesperada do trabalhador em obter os meios de subsistência de sua família, mas, que há também muitas pessoas que não são pobres e vivem do comércio de feira.

[...] A economia informal não é então uma condição individual, mas sim um processo de geração de renda caracterizado por um aspecto central: é desregulada pelas instituições da sociedade em um ambiente legal e social no qual [outras] atividades similares são reguladas (PORTES *et al*, 1991, p. 12).

Porém, há uma tentativa, segundo Cross *op. cit.* (2000), de se controlar essa informalidade latente pela existência do que ele denomina de “pós-modernismo”⁵, gerando o “formalomorfismo”. Este conceito está associado a uma tendência de se analisar os “problemas’ do setor informal como se fosse uma má cópia do setor formal” (CROSS, 2000, p. 10), surgindo uma disputa entre formalidade e informalidade, mas que tem nas diferenças entre custo e benéfico a maior diferença, já que no setor formal os custos do trabalho são maiores do que no informal.

A existência dessa diferença de custos entre os setores faz com que a maioria dos indivíduos que estão engajados em atividades da economia informal seja pobre, particularmente no terceiro mundo. Entretanto, muitas vezes as realidades em feiras livres, especialmente as nordestinas, não se configuram desta maneira, pois há vários indícios, que serão investigados mais adiante nos estudos de caso,

⁵ Para Cross, o “pós-modernismo” reflete um estágio no desenvolvimento econômico onde o capital está livre para ir aonde os lucros são mais altos sem haver a preocupação com o bem-estar dos consumidores ou trabalhadores (CROSS, 2000, p.6)



de que elas possuem atualmente uma composição mista, ao absorverem também comerciantes formais, os quais passam a trabalhar nas feiras e a possuir vários pontos formais de comércio.

Outro autor que também tratou do conceito de comércio informal foi Coraggio (1992), que definiu o termo “economia popular urbana” (EPU). A partir desse conceito, o autor estuda a pobreza urbana latino-americana, que está inserida, em grande número em grande parte inserida no comércio das feiras livres. Na definição dada por ele pode-se incluir as feiras, pois a economia popular urbana tem características que podem abrangê-las.

A EPU seria basicamente um terceiro subsistema econômico da cidade (os outros seriam o setor governamental e o empresarial) regido pela reprodução ampliada de seu capital humano e devidamente apoiado por políticas públicas sociais de geração de renda e emprego, para sua sustentabilidade (MASCARENHAS, 2005, p. 5).

Essa economia popular pode ser facilmente reconhecida na feira, já que esta se configura como uma solução popular de redução da pobreza e que fomenta uma melhoria econômica, pela possibilidade de geração de renda de uma camada expressiva da sociedade,

O papel da economia informal tendo como ponto de vista a redução da pobreza foi amplamente tratado por Santos (1979). Este renomado geógrafo, com base em ampla investigação internacional, sugeriu a existência de dois circuitos na economia urbana, um *superior* e outro *inferior*, que não são independentes entre si. Eles são fruto, segundo Pazera Jr. (2003), de um mesmo conjunto de causas e possuem a mesma origem, o que leva a serem vistos como interligados, constituindo-se numa bipolarização. Isto se deve ao fato de que existe uma classe média que se utiliza dos dois circuitos, impedindo desta forma que ocorra um isolamento entre eles.

Deste modo, pode-se explicar de maneira simplificada que o *circuito superior* é o que está mais íntima e diretamente ligado ao processo de modernização tecnológica, ao passo que o *inferior* sofre esta influência de forma moderada, pois ele está mais ligado à classe social que não usufrui dos benefícios do progresso. Neste sentido, Não se poderiam caracterizar os dois circuitos da economia urbana através de variáveis isoladas.



(...) Antes, é necessário considerar o conjunto dessas atividades. Mas pode-se dizer, desde já, que a diferença fundamental entre as atividades do circuito inferior e as do circuito superior está baseada nas diferenças de tecnologia e de organização (SANTOS, 1979, p.33).

Para Santos, o *circuito inferior*, por sua vez, forma o universo de atividades resultantes da ação das camadas sociais desfavorecidas para garantir sua sobrevivência por vias alternativas. É formado de atividades de pequena dimensão, sendo um tipo de comércio não moderno. Em geral são empreendimentos que não pagam água, luz, telefone, nem aluguel e também não possuem registro, apesar de atualmente em algumas cidades o registro ser necessário, como acontece em muitas feiras. No entanto, o circuito inferior “é bem enraizado e possui relações privilegiadas com sua região” (SANTOS, 1979), propiciando um número incalculável de benefícios para toda a população da região onde está inserida.

Aí é que se encaixam as atividades desenvolvidas nas feiras, ou seja, ela mantém a função econômica na vida da cidade, particularmente para as parcelas de população mais pobres, na medida em que se constitui um grande gerador de empregos.

O circuito inferior emerge da incapacidade do sistema capitalista em oferecer o pleno emprego, o que encontraria em contradição com os princípios da economia de mercado. Os desempregados recorrem assim a expedientes diversos e improvisados, resultando daí ao grau primário de organização e o baixo grau tecnológico das atividades deste setor. (MASCARENHAS, 2005, p. 04)

A este setor informal se adapta o comércio formal, circuito superior da economia, que se aproveita do grande número de compradores atraídos, principalmente pelas feiras. Com isso, observa-se um processo de simbiose comercial já identificado por Santos, entre circuito superior e inferior, ou seja, entre o comércio formal e o informal, especialmente nos centros urbanos que possuem grandes estruturas comerciais representadas pelas feiras.



1.3 Feiras livres: fenômenos urbanos complexos

As cidades passam por diversos processos de planejamento e propostas de projetos, programa e intervenções na busca de melhorias na estrutura e infraestrutura urbanas, visando resolver problemas que afetam seus moradores.

Temos assistido com grande regularidade a proposta de planos que, ao objetivar resolver conflitos urbanos resultantes do comércio informal, partem da completa negação desta relação entre setores e advogam a remoção das feiras dos centros das cidades. Com isso, perdem-se de um dos elementos mais presentes na vida desses centros urbanos, as feiras, que carregam a memória e cultura, a identidade e podemos até dizer parte da alma da cidade.

Por apresentarem características de um comércio de economia informal, as feiras são suscetíveis a vários processos que levam a perda de qualidade, principalmente quando não há formas de gestão, fiscalização e planejamento de suas atividades. Ao não conseguir resolver problemas decorrentes de maior fluxo de pessoas, como o engarrafamento de trânsito, e o lixo, as soluções impetradas pelas administrações municipais parecem recair no erro de “jogar fora o bebe junto com a água do banho”.

Retirar as feiras da cidade é negar toda uma importância social e cultural, e tratá-las meramente como espaços mercantis exemplares de uma vertente econômica “atrasada”.

Devido a alta capacidade de adaptação, no decorrer dos anos as feiras assumiram novas roupagens. Muitos dos elementos típicos desapareceram, surgindo novas características, como a inserção de um trabalho assalariado e não apenas familiar, ou a não mais exclusiva venda do produto pelo produtor, além de reformulações na apresentação dos produtos e na forma das barracas, tornando-os mais cada vez mais parecidos com atividade de comércio formal, como, por exemplo, muitas barracas sendo mimetizadas em lojas.

De todo o modo não se pode negar a importância das feiras no dinamismo econômico e social das cidades. Assim como o papel na reconstrução de alternativas econômicas para sua população, tanto para quem vende como para quem compra.



Este papel de revitalizador e dinamizador da economia local faz com que atualmente as feiras sejam consideradas mundo afora um elemento de renascimento do comércio em áreas centrais. A valorização desse evento semanal como elemento importante da economia local e suporte para recuperação das condições de vida de comunidades menos favorecidas contradiz posições que desconsideram a possibilidade urbana do comércio informal em grandes cidades.

É possível constatar em economias mais avançadas uma nova valorização desta expressão de comércio, através de projetos onde as feiras são o elemento-chave da retomada da dinâmica e do movimento nos centros urbanos. Veja-se, por exemplo, as iniciativas do grupo de desenho urbano “*Project for Public Spaces-PPS*” com treinamentos para o incentivo da existência de mercados e feiras locais.

Estas novas iniciativas de renovação urbana reconhecem a importância do fator humano como fator econômico, capaz de, reacender a vivacidade e o dinamismo existente nos centros urbanos e valorizando seu papel como “local de mercado”⁶, tornando-se com isso, símbolos do resgate de uma identidade perdida.

Portanto, as feiras possuem grande valor porque criam área comum na comunidade, onde as pessoas sentem-se confortáveis para comprar, trocar e desfrutar o prazer de perambular, como destaca Maia (2006) quando afirma que “a feira, [...] é local de abastecimento, mas também de reunião e de encontro” (MAIA, 2006, p. 02)

1.3.1 O papel econômico das feiras;

“Feiras públicas são, na raiz, uma atividade econômica (...)”. (SPITZER e BAUM, 1995, p. vi). Como importante fomentador da atividade econômica urbana, as feiras trazem dinamicidade e agregam valor ao espaço urbano, dão suporte ao desenvolvimento da economia local, geram sucesso econômico a quem dela tira o

⁶ “Locais com referenciais econômicos, culturais, onde há um bom número de compradores e vendedores, e onde o preço oferecido e pago por cada é afetado pelas decisões de outros” (BELSHAW, 1965 apud BERRY, 1967, p.1). Tradução livre para este trabalho.



sustento e, finalmente, são lugares onde se pode pechinchar e conseguir produtos com melhores preços.

Em uma visão mais condensada, Dantas (2008) também destaca o papel econômico que as feiras possuem.

Essa dimensão remete à visão da feira como o lugar das trocas comerciais, da compra e da venda dos mais variados produtos hortifrutigranjeiros, pecuários e manufaturados. É onde se praticam as mais variadas estratégias de comercialização através de preços reduzidos, que são resultantes do seu caráter de informalidade, da vulnerabilidade das mercadorias e da concorrência entre os feirantes para conquistar a fidelidade dos clientes. (DANTAS, 2008, p. 40)

Outros estudos já consideram os espaços de comércio pela sua capacidade de geração de movimento e indução de melhorias sociais e econômicas para seus usuários. Eles mostram que as feiras ainda são sucesso de vendas e de geração de emprego e renda na grande maioria dos locais que se estabeleceram e consolidaram através deste tipo de comércio informal. Isto é confirmado ao se observar que milhares de pessoas percorrem espaços de feiras em busca de produtos com preço baixo para revender em outras localidades.

Em alguns dos exemplares nordestinos tal característica se faz presente. As feiras são atualmente centros distribuidores comerciais regionais e atraem milhares de compradores por ano, gerando outros milhares de empregos. Dentre eles, os empregos dos feirantes, que criam círculos de mercado bastante movimentado, indo de uma feira a outra e viabilizando sua atividade.

Por tudo isso, os mercados ao ar livre tornam-se ótimos exemplos da força da informalidade, exercendo um papel comercial e econômico importantíssimo na dinâmica da cidade e contribuindo para a geração de renda para aqueles que dependem delas direta ou indiretamente..

1.3.2 O papel do espaço nas feiras

Aqui, será discutido o papel do espaço onde a feira se realiza assim como seu papel em transformar e consolidar o espaço urbano que lhe dá suporte.



As feiras normalmente se apropriam de tecido urbano existente, onde se fixam e se adaptam às condições locais como em uma relação simbiótica. Por isso, elas são visto também como atividade capaz de induzir desenvolvimentos e ativar espaços vazios até que usos sejam consolidados.

Spitzer e Baum (1995) apresentam um exemplo de caso. Eles nos mostram como o *Main Street Market* nasceu na melhor área do centro da cidade de Hartford (EUA), em 1992, quando planos para uma torre de escritórios foram cancelados. Segundo eles, embora cidadãos e governo ainda esperassem utilizar o espaço para “o edifício da prefeitura ou outro grande empreendimento, nesse intervalo de tempo essa feira melhorou a aparência [*do espaço vazio*] e preencheu uma importante função nesse espaço crítico no centro da cidade” (SPITZER e BAUM, 1995, p. 26).

A partir do exemplo acima, fica claro que as feiras são elementos que carregam em si a força de modificar ou alterar significativamente espaços locais da cidade, através da atração de consumidores. A mudança de uso do solo em locais com ou próximos a feiras livres é quase uma regra. As áreas no entorno podem se valorizar ou não dependendo, principalmente, da forma como o comércio formal aproveita-se do grande movimento de compradores e de como respondem em relação à feira.

Esse movimento de atração e modificação da característica do uso do solo, é resultado, segundo Hillier (1996), da disposição desse comércio informal no tecido urbano da cidade, com características de acessibilidade. Segundo o autor, o qual afirma que a maior parte do espaço urbano se caracteriza pelo movimento advindo de sua morfologia e potencializado pelo uso que nele se localiza.

O bom espaço é o espaço utilizado. A maioria do uso dos espaços urbanos é movimento. A maioria do movimento é ‘por entre’, que resultado de como a malha oferece rotas de um lugar para todos os outros. A maior parte do uso do espaço informal está também relacionado ao movimento [...] (HILLIER, 1996, p. 127)⁷

⁷ “Good space is used space. Most urban space use is movement. Most movement is through movement, that is, the by-product of how the grid offers routes from everywhere to everywhere else. Most informal space use is also movement related (...)” (HILLIER, 1996, p. 127)



Teorias geográficas (BERRY, 1967; LOBATO, 1979) tratam da importância da centralidade, que também é resultante da acessibilidade, e reafirmam que, neste caso das feiras, o comércio se instala nas situações de centralidade tanto gerais, considerando a cidade como um todo, quanto locais, o que favorece o acesso do consumidor devido a rede de transportes, aumentando a mobilidade, ampliando o número de compradores e conseqüentemente, as vendas.

O fator espaço é essencial para a compreensão do papel das feiras como fenômenos urbanos, influenciando outras vivências e dinamizando aspectos de outras naturezas, como social e cultural.

1.3.3 O papel social das feiras:

A feira cria um local dinâmico e muitas vezes surpreendente, onde há inúmeras atividades da comunidade acontecendo e onde há uma fácil mistura e interação entre as pessoas. Esse é um dos aspectos visíveis do dinamismo social existente nas feiras. Elas também podem ser consideradas como espaços públicos “locais altamente convidativos do espaço público, para onde convergem inúmeras atividades e que atrai todo tipo de pessoas e atividades” (THE FORD FOUNDATION, 2003, p. 7).

Normalmente, esses mercados ao ar livre são localizados e/ou criados em espaço público dentro da comunidade e são reconhecidos como atividades “ímã” e “âncora”, atraindo movimento e dinamismo aonde elas acontecem (LYONS E MBIBA, 2003, p. vii) (figuras 3 e 4).



Figuras 1.2 e 1.3: Interação entre pessoas gerada nas feiras de Campina Grande e Caruaru.
Fonte: Gustavo Miranda, 2009.



Sendo assim, a feira livre organiza-se essencialmente em redes de relações sociais, tendo como suas principais feições “mesclar relações de trabalho com os familiares, de vizinhança e de amizade, acionar suas rotinas valendo-se de regras tácitas e operar por meio de relações de cooperação e de competição” (SATO, 2007, p. 95).

Todos esses aspectos mostram que as feiras são na maioria dos casos, um dos métodos mais óbvios, porém talvez menos estudados de aumentar a integração social em espaços públicos e encorajar o crescimento de mobilidade social, algo tão desejado por quem explora esse comércio. Elas não só provêm bens e serviços às pessoas de todos os tipos, mas também estimulam outras atividades na vizinhança e região através de uma oportunidade à cidade e a quem delas quer viver.

Logo, como qualquer feira livre não é mais um simples local de compra e venda de mercadorias, torna-se também um local privilegiado onde se desenvolvem uma série de relações sociais. Lá é o local escolhido para os mais variados atos da vida social. Como cita Pazera Jr. (2003) sobre observação nas feiras do Nordeste brasileiro, elas tornam-se locais de convivência:

Se sabem as últimas notícias e boatos. Ali são feitos os anúncios de utilidade pública. Comícios, geralmente ocorrem em dia de feira, podendo contar, assim, com o maior público possível da zona rural. Espetáculos artísticos, dentre eles alguns hoje ditos folclóricos, desenvolvem-se na feira. Apresentam-se espetáculos com o fito de promover algum produto, como é o caso dos remédios, ou ainda como forma de entretenimento (cuja remuneração é voluntária), a exemplo dos cantadores que evocam os trovadores medievais, apresentando riqueza em experiência e memória. (PAZERA JR., 2003, p. 13)

Mas não só isso. Nela se constroem as mais duradouras e próximas relações de vizinhança⁸ entre feirantes, haja vista a convivência de vinte, trinta e até mesmo de quarenta anos. Esse é o tempo que alguns deles convivem juntos, com barracas lado a lado, com filhos crescendo juntos. Isso permite a geração de uma rede social ampla e diversa, evitando tendências prejudiciais e fortalecendo as comunidades.

⁸ Kaztman e Filgueira (1997) tratam as relações de vizinhança como sendo as relações sociais que acontecem entre a vizinhança de determinado local, gerando estruturas de oportunidades. Além disso, estuda como o impacto de desigualdades, da pobreza e da exclusão social se dá na região, especialmente sobre jovens e crianças.



Para Kaztman e Filgueira (1997), uma das características mais importantes nessas relações de vizinhança é que certas áreas definem o que ele chama de *estruturas de oportunidade social*. Aplicando-se às feiras livres, observa-se que a localização de algumas áreas associadas às relações de vizinhança muito próximas possibilitam o aparecimento de oportunidades para inúmeros jovens, por possuírem estreitas relações sociais, muitas vezes entre famílias.

Como também são locais onde o *mix* comercial é fortíssimo, além de proporcionar a geração de empregos, a eficiência gerada pelas relações de vizinhança muito próximas também se dá “nas expectativas recíprocas entre membros que regulam as condutas da comunidade” (KAZTMAN E FILGUEIRA, 1997, p. 12), ou seja, fica mais fácil vigiar o que acontece, mantendo a integridade física e de propriedade e gerando a vigilância social. Então, com a existência de tais relações, todos ficam atentos ao movimento entre as barracas, prevenindo perdas de mercadorias e proporcionando, na medida do possível, uma sensação de segurança para todos que dela fazem parte.

Assim, as feiras tornam-se também lugares onde se estabelecem inúmeras relações de vizinhança entre feirantes, fortalecendo redes de conhecimentos, além de promover a absorção de desempregados na região.

Outro reflexo disso é a quantidade de pessoas que estão na feira a espera de alguma oportunidade, prestando serviços, esperando contatos e verificando as possibilidades de subsistência neste ambiente informal. A feira coloca em contato quem procura emprego com quem pode dar emprego, as conversas e detalhes revelados nas transações cotidianas são suficientes para informar que se está procurando uma empregada ou precisa de servente de pintor, ou mesmo de um jardineiro. Na ausência ou até que se consiga alguma posição, a feira garante a sobrevivência. A absorção dessa mão-de-obra nas feiras é explicada pela possibilidade de geração de todo tipo de lucro, de acordo com o produto vendido, e:

(...) pelo fato de que para entrar nessa atividade só se tem necessidade de pequena soma de dinheiro e pode-se apelar para o crédito (pessoal), concedido em dinheiro ou em mercadorias; não é necessário ter experiência e é fácil escapar ao pagamento de impostos (SANTOS, 1979, p. 164).



1.3.4 O papel cultural das feiras:

“Toda transação vem carregada de significados nas feiras” (GUGLIELMO, 2005, p. 11), e por isso se tornam, segundo o autor, portadores de identidades e subjetividades. A grande maioria dos mercados ao ar livre traz consigo um valor cultural intrínseco despertado pela enorme variedade de produtos comercializados e/ou apresentados ao público e que fazem parte do cotidiano de seus freqüentadores. Com o tempo, esse espaço de sociabilidade tornou-se referência na formação da identidade cultural do povo e uma atração para os visitantes, tendo em vista a variada riqueza presente no conjunto material e humano ali exposto.

(...) Tem um lugar no mundo onde o alto-falante berra um título e sai contando histórias, os milagres de São Francisco, as proezas do cangaceiro contra um certo coronel (...). A moça que vendeu o cabelo, a prostituta que foi pro céu. Esse lugar é uma feira. (...) A mulher que enganou o diabo, o mundo infiel dos dragões, as perguntas que fez o rei e as respostas de Camões. Todo esse mundo velho de histórias vai ecoando (...) distraindo mulher e encantando criança, juntando gente diante da barraca de um folheteiro, vendedor de cordel. (GUGLIELMO, 2005, p. 47).

Esse componente cultural adicionado à compra e venda nas feiras é razão importante pelo qual esses mercados são locais especiais. “O ambiente intenso e com pessoas animadas atraem indivíduos que valorizam a interação com o público e apreciam o senso de comunidade dos vendedores” (SPITZER e BAUM, 1995, p. 31).

As atividades desenvolvidas nas feiras livres mostram como são fortes atrativos culturais. Atreladas à importância desse comércio informal estão a identidade e a memória coletiva de um povo, criadas a partir de elementos do cotidiano e refletidas nas mais diversas expressões populares e bens culturais, sejam eles bonecos de barro ou de pano, chapéus de couro ou uma variedade de outros produtos, como se verifica em feiras nordestinas, por exemplo. (Figuras 1.4 a 1.7).



1.4



1.5



1.6



1.7

Figuras 1.4 a 1.7: Produtos presentes no cotidiano e na imagem cultural de qualquer feira. Fontes: Agenor Veloso (1.4 e 1.6), Gustavo Miranda (1.5) e Ângela Mirella (1.7), 2009.

Todas essas manifestações formam um conjunto cultural típico com elementos das regiões onde se encontram, proporcionando autenticidade a essas feiras e, conseqüentemente, atraindo consumidores de fora da comunidade. Transformam-se, enfim, em um “retrato de um povo que acolhe uma cultura orgulhosa do que tem e do que produz com seu suor, e que possui um expressivo referencial da criatividade e da cultura popular em suas raízes”. (MIRANDA, 2006, p. 6)

A feira como manifestação cultural promove condições para a expressão de diversas manifestações artísticas, como a presença de repentistas, cantadores e grupos musicais, teatrais e literárias, como no caso dos cordéis, além de outras manifestações folclóricas. Se quisermos ter uma visão mais abrangente de cultura, pode-se dizer que tudo nela é cultural. A forma como os feirantes expõem produtos, como chamam fregueses, como se organizam no espaço, tudo contribui para que a cultura da feira seja um processo que se forma dia a dia na interação das pessoas que nela convivem, feirantes ou compradores, desocupados, e até mesmo aquelas figuras estranhas que se fazem existir à sua sombra.



Portanto, pretendeu-se aqui esboçar alguns papéis desempenhados pela feira livre no espaço urbano e nos propomos a melhor discuti-los no corpo deste trabalho, observando como funciona este lugar de comércio, e ao mesmo “lugar do encontro, do espontâneo, do provisório, da diversidade cultural” (MASCARENHAS, 2005, p. 8), além de seu papel na cidade em especial, por atrair grande número de pessoas e por trazer consigo movimentos, ações e atividades inerentes a ela.

**CONSIDERAÇÕES
METODOLÓGICAS**
OU COMO APREENDEMOS O
FENÔMENO DA FEIRA LIVRE





2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS OU COMO APREENDEMOS O FENÔMENO DA FEIRA LIVRE

Para se compreender a natureza do fenômeno estudado, a feira, e suas relações ampliadas com a cidade, é importante deixar claro o caminho percorrido. Pretende-se, para isso, expor os métodos e técnicas de pesquisa utilizados. Desta forma, haverá uma contribuição para a clareza dos procedimentos e a possibilidade de futuras comparações e questionamentos sobre os resultados aqui expostos.

Ao escolher trabalhar com as feiras livres regionais do Nordeste, já se sabia de antemão que elas são resultantes da diversidade existente nas regiões onde acontecem.

E para que fosse possível analisar a inserção e os reflexos desta atividade no funcionamento de uma cidade e avaliar os efeitos de duas formas distintas de desenvolvimento de feira e na vida de cada cidade, seria mais indicada a utilização de diversas metodologias de pesquisa, que poderiam fornecer informações e pontos de vista distintos.

2.1 Feiras nordestinas: a caracterização de marcos urbanos comerciais

Antes de discutirem-se aspectos teórico-metodológicos desta dissertação, pretende-se desenvolver considerações sobre as características das feiras nordestinas, as quais são consideradas neste trabalho como marcos urbanos comerciais que dão suporte às cidades da região.

Qualquer cidade no Nordeste que tenha uma feira, a considera como uma fonte de vitalidade para outras atividades no espaço urbano. Elas atraem uma gama enorme de consumidores, portadores de diversas expressões culturais, e refletem as necessidades da vida corriqueira deste povo batalhador, que procura realizar nas feiras tanto a venda de seus produtos, uma saída para as dificuldades que enfrentam no dia-a-dia, como o consumo de outros.

Encontraram-se, então, alguns autores, especialmente geógrafos, que se detêm a explicar a relevância das feiras para a vida urbana das cidades nordestinas, ao mesmo tempo em que apontam para pontos positivos e negativos nessa relação



feira-cidade. Dentre eles, Corrêa (1997) que apresenta algumas características desse comércio informal, tomando como base observações feitas em Alagoas, mas que são passíveis de generalização para qualquer outra cidade da região. No estudo, Corrêa considera a enorme força das feiras na dinâmica das urbes, pois “quanto mais importante a cidade, [...] maior será a importância absoluta de sua feira, importância esta determinada de acordo com o número de participantes e a área de atuação” (CORRÊA *op. cit.*, 1997, p. 69).

Exemplo disso é que, em grandes cidades nordestinas, são realizadas no mínimo duas feiras semanais, uma de caráter regional, e outras de caráter mais local, como as de bairro. Logo, conclui-se que Corrêa (1997) trabalha a idéia de centralidade *versus* feiras livres, ao afirmar que “quanto menor a cidade em termos de centralidade, maior será a importância relativa da feira semanal para a vida urbana”. Deste modo, para muitas pequenas cidades nordestinas, o dia em que a feira ocorre é “o dia em que o pequeno núcleo passa a exercer alguma centralidade”. (CORRÊA *op. cit.*, 1997, p. 69)

Condé (1960) mostra isso ao narrar uma situação histórica que registrava a importância econômica deste comércio no abastecimento e no cotidiano do ainda povoado de Caruaru:

Passava das sete horas e o sol esquentava. João Teixeira deixou a igreja e seguiu para a rua da Angolinha, atravessando a feira. De semana para semana – pensava ele – crescia cada vez mais a feira do arruado: no início, poucos anos atrás, quase nada existia para barganhar: farinha, sal, rapadura, carne de boi e ovelha. Agora, porém, ocupava metade da rua da Frente. Da zona dos brejos vinham não somente café e rapadura, mas também frutas e hortaliças; da zona pastoril, farinha de mandioca, carne e utensílios de couro. (CONDÉ, 1960, p. 7)

Mas também que a feira “é o lócus escolhido para os mais variados atos da vida social, mantendo assim um sentido de permanência”. (PAZERA JR., 2003, p. 33). Isto porque elas se constituem “num centro natural da vida social [pois] tudo se acelera com a feira” (BRAUDEL, 1998, p. 16).

Leite (1975, p. 176) mostrou a força das feiras na vida sertaneja nordestina e destacou: “[...] elas diferem flagrantemente das que ocorrem nas capitais, não obstante apresentarem a mesma impressão de aglomerados ruidosos, o vozerio



de criaturas em locomoção desordenada, um dinamismo cheio de contrastes” (figura 2.1)

Pazera Jr. (2003) também ressalta a significância das feiras para a vida das cidades da região Nordeste.

No Nordeste, [...] ela deixa de ser um fato rotineiro para assumir um papel de destaque, sendo, às vezes, difícil distinguir até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira. Desta forma a feira além de sua importância urbana e regional, desenvolve o processo de comercialização e trocas inter-regionais. (PAZERA Jr. 2003, p. 27)

Já do ponto de vista econômico, as feiras se caracterizam por serem uma forma de realização da produção agrícola regional, um “ponto de encontro entre o meio rural e urbano e coexistem lado a lado dos pequenos e médios estabelecimentos comerciais” (ANDRADE, 1997, p. 127), permitindo uma importante interligação entre os



Figura 2.1: Representação do comércio na feira. Fonte: PAZERA Jr, 2003, p. 29.

diversos ramos do comércio, sendo que o compartilhamento do mesmo espaço promove um diálogo com outras formas comerciais mais modernas, como lojas e mesmo supermercados.

Tendo isto em mente e compreendendo um pouco a relevância desta forma de comércio informal para a vida das cidades nordestinas, fica mais fácil entender o porquê de tentar demonstrar a riqueza das expressões físico-espaciais, sociais e culturais que revestem o funcionamento das feiras.

2.2 Metodologia e métodos utilizados

O estudo de um fenômeno complexo como a feira, sua inserção e reflexo nas atividades de um centro urbano, indica a necessidade de utilização de diversas metodologias de pesquisa. Em perspectiva, que foge da rigidez da adoção de uma ou outra postura epistemológica e que se beneficia da triangulação de dados provenientes de diversos instrumentos, esta pesquisa procura identificar



metodologias que melhor se posicionem para captar a essência dos fenômenos observados.

De início, este trabalho parte da análise comparativa entre dois estudos de caso a feira livre de *Caruaru (PE)* e de *Campina Grande (PB)*, por considerar que ambas exemplificam duas condições das feiras livres regionais no Brasil. A primeira é uma feira marcada pelo dinamismo, vitalidade e crescimento que forçou seu deslocamento para fora da cidade e a segunda, uma feira tradicional que se mantém sustentável por um longo tempo (figuras 2.2 e 2.3).



Figuras 2.2 e 2.3: Área com as delimitações das feiras de Caruaru e Campina Grande, em 1995 e 2009, respectivamente. Fontes: Acervo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru e Google Earth.

O estudo de caso é considerado por Gil (2002) o mais completo dentre todos os métodos de pesquisa, pois permite investigar e aprofundar com detalhes os fenômenos sob análise. E o que favorece a utilização deste método também é a possibilidade de aplicação e experimentação das mais variadas técnicas e ferramentas de pesquisa nos casos escolhidos (OLIVEIRA, 2007), facilitando a compreensão de fenômenos sociais mais complexos.

A possibilidade proporcionada pelo estudo de caso comparativo é mais ampla porque permite identificar aspectos generalizáveis ou aspectos específicos de uma ou outra situação, melhor permitindo compreender e fundamentar os fenômenos que caracterizam o objeto em estudo.

Procurou-se identificar diversas metodologias que saíssem da rigidez da adoção de uma ou outra postura epistemológica, além de serem escolhidas aquelas que



melhor captassem a essência dos fenômenos observados. Neste sentido, foram escolhidos procedimentos diversos para serem desenvolvidos, como *observação in loco e mapeamentos de usos, contagem de pessoas, descrições de qualidades e medidas espaciais e questionários com usuários e feirantes*.

Este tipo de pesquisa, portanto, busca articular informações de naturezas diversas, triangulando dados tanto quantitativos como qualitativos. Segundo Martins (1994, p.30), pode ser definida como uma pesquisa descritiva que “tem como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, bem como o estabelecimento de relação entre variáveis e fatos”.

2.2.1 Pesquisa secundária

Estudar um fenômeno urbano como as feiras livres não é nada fácil. E a busca por informações e dados sobre as feiras de Caruaru e Campina Grande refletiu isso, pois o material de pesquisa se encontra muito disperso, dificultando a busca de dados mais sistemáticos. Mas também a riqueza de assuntos intrínsecos a eles era de tal forma significativa que a quantidade de fontes de dados também tinha as mesmas proporções.

De livros que tratavam sobre comércio informal a cordéis que descreviam situações peculiares sobre as feiras estudadas, todas as fontes possíveis foram pesquisadas. Assim, decidiu-se mostrar algumas delas, que embasaram e substanciaram as discussões seguintes sobre as feiras, juntamente com alguns autores como exemplos. São eles:

- Pesquisa em órgãos oficiais, como prefeituras e as secretarias correspondentes, para levantamento de dados mais gerais sobre as cidades e as feiras;
- Documentais oficiais, como a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). No primeiro, o acervo foi disponibilizado através de fotos e textos, enquanto que no segundo, foram conseguidos imagens, o dossiê e o parecer do Registro da feira de caruaru como Patrimônio Imaterial;



- Literatura na área de economia urbana (Vargas, 2001), geografia urbana (Santos, 1979) e feiras livres (Spitzer e Baum, 1995), por exemplo;
- Bibliografias que narram a relação entre as feiras e o espaço urbano, em aspectos como cultura, sociedade e economia, como Araújo (2006), sobre os discursos encontrados na feira campinense, e Condé (1960) e Barbalho, em várias épocas descrevendo a feira de Caruaru e a vida da cidade;
- Jornais, como o Jornal do Comércio de Recife, Jornal Vanguarda, de Caruaru e Diário da Borborema, de Campina Grande, que cederam fotos dos acervos, e foram fontes de informações, dados e relatos de feirantes e usuários em ambas os mercados;
- Dissertações e teses de diversas universidades brasileiras. Os trabalhos científicos brasileiros foram importantíssimos na descoberta de pesquisadores que trabalham com o tema de feiras livres e que realizaram observações riquíssimas para a compreensão dos fenômenos ocorridos neste trabalho. Alguns deles são Mascarenhas, com dissertação defendida na UFRJ, Pazera Jr., com tese pela USP e Dantas, com dissertação pela UFRN, dentre outros que foram consultados sobre assuntos mais específicos, descritos nas referências bibliográficas;
- Artigos científicos em eventos e publicações no Brasil e em outros países. No Brasil destaca-se os artigos de Mascarenhas (2005) em revista espanhola e em eventos brasileiros, Miranda (2008) em congressos no Brasil e Nejad (2005) em seminário internacional na Holanda;
- E cordéis, com trechos dispostos em todo o corpo do trabalho, que retrataram como ninguém, através da cultura popular, os vários ângulos pelos quais podem ser observadas as feiras e suas relações urbanas com as cidades.

Assim, foram buscadas todas essas fontes possíveis para colaborar no entendimento da relação feira-cidade, contribuindo com a construção de definições e da compreensão acerca de um tema tão amplo e variado como este.



2.2.2 Observação participante

Embora morador na cidade de Caruaru e freqüentador da feira durante anos, decidiu-se desenvolver um processo sistematizado de observações. Olhar a feira com outros olhos, olhos de pesquisador.

Assim, foram feitas diversas visitas às referidas feiras, sete em cada, sendo que as duas primeiras apenas as observando como se fossem desconhecidas para nós. Este método, chamado de *observação participante*, permitiu-nos registrar diversas peculiaridades através de fotografias e de anotações, como, por exemplo, os diferentes comportamentos de feirantes e usuários, a adequação da ou não da infra-estrutura local, as áreas mais ou menos vazias e a movimentação das pessoas, enfim, todos os aspectos passíveis de observação e que muitas vezes passam despercebidos por aqueles que estão lá cotidianamente.

As outras cinco visitas restantes foram desenvolvidas em períodos escolhidos, visando abranger variados cenários. Algumas datas comemorativas foram contempladas, como o do dia dos pais (uma visita), configurando-se como uma das 5 datas mais importantes para o comércio nas feiras, por ser momento em que o número de compradores é maior.

Algumas categorias de observação foram definidas visando a comparação das feiras de Caruaru e Campina Grande. Dentre os pontos observados estavam:

- A natureza e intensidade da co-presença de usuários e feirantes nas áreas das feiras;
- O ritmo e movimento de pessoas durante o dia de feira (dado também registrado por meio de contagens). Também a identificação de conflitos, como engarrafamentos, sujeira, áreas mais prováveis a serem inseguras, mudança no uso de edificações e barracas, etc.;
- Áreas com maior aglomeração de pessoas durante diversos períodos das feiras;
- Presença de pessoas nas ruas ou no interior das feiras;
- Registro de ambulantes nas calçadas e sistemas de arrumação e desarrumação das barracas;



- Comportamento do comércio formal nos dias de feira (se ocupavam as calçadas com exposição de mercadorias);
- Presença de barracas permanentes mesmo em dias de pouco movimento nas feiras;

Assim, dividiram-se os períodos de observação em momentos distintos: dias de semana e fins de semana para as duas feiras. Todavia, nos dias de semana, ocorreu a necessidade de separar a terça-feira como um dia especial de observação, pois é o dia em que acontece a sulanca em Caruaru, o qual provoca uma modificação no padrão de movimento da cidade.

Os resultados das observações foram registrados em diários de campo com a identificação de hipóteses e questões que mereceram maior detalhamento posterior, maior profundidade de informações levantadas por outros instrumentos de pesquisa.

Outro meio de registro de informações foram os mapas, onde foram registrados os tipos de utilização das feiras, pontos falhos da infra-estrutura, áreas de conflito, assim como observações de comportamentos.

A partir dos mapas gerados, pôde-se analisar os diversos tipos de atividades, os diferentes modos de ocupação, usos do solo e de movimentos e fluxos de pessoas, a fim de determinar como a quantidade de atividades e de pessoas influi na realização das feiras.



2.2.3 Sintaxe espacial e descrições do espaço

Desde a década de 70, algumas teorias têm sido utilizadas para descrever propriedades morfológicas da forma arquitetônica e urbana. Dentre elas está a Teoria da Lógica Social do Espaço proposta por Bill Hillier e colegas da *Bartlett Faculty of Built Environment – UCL/Londres*, nos anos 1970 e descrita por criada por Hillier e Hanson em um livro de mesmo nome em 1984, com explicações e resultados objetivando algo mais amplo: compreender como a organização social se materializa espacialmente e como o espaço interfere de volta na organização social. No entanto, com o tempo, o termo Sintaxe Espacial popularizou-se e nos dias atuais refere-se tanto à teoria descritiva quanto à Teoria da Lógica Social do Espaço (figura 2.4)

Segundo Medeiros (2006), desenvolveram-na pesquisadores em todo o mundo, inclusive em universidades brasileiras.

Mediante um método e técnicas, a teoria da sintaxe espacial estabelece relações entre atributos de duas instâncias: o espaço organizado para fins humanos (escalas do edifício e da cidade); e a estrutura social, os modos de interação entre indivíduos e grupos, clivagens sociais e estruturas de poder (MEDEIROS, 2006, p. 502).

Já Figueiredo (2004) explica que a sintaxe espacial trata o artefato arquitetônico ou urbano como um sistema de espaços contínuos e ordenados – uma organização espacial que é subjacente à forma que incorpora esse sistema. Para capturar esse padrão espacial, o sistema descreve os espaços como entidades descritivas extremamente simplificadas e depois estabelece um sistema de relações entre elas. Essas relações, por sua vez, levam em conta o sistema de espaços como um todo, explicando como a configuração local é influenciada por fatores globais.

organização social



teoria da lógica social do espaço



Figura 2.4: Esquema de funcionamento da Teoria da Lógica Social do Espaço
Fonte: Figueiredo, 2004, p. 33.



Esta teoria trabalha com inúmeros conceitos topológicos, isto é, baseados na configuração da malha urbana de determinado espaço e discutidos por diversos autores em inúmeros estudos sobre padrões configuracionais. Algumas das conceituações utilizadas aqui e descritas na tabela a seguir (tabela 2.1) têm como objetivo explicar o movimento e o fluxo de pessoas em espaços de feira, e estão ligadas à questão da acessibilidade topológica, como acessibilidade, *mapa axial*, *integração*, *núcleo de integração* e *movimento natural*, por exemplo.

<u>ELEMENTOS SINTÁTICOS</u>	<u>DEFINIÇÕES</u>
ACESSIBILIDADE	É tratada aqui sintaticamente/topologicamente, ou seja, como a possibilidade de se percorrer determinado espaço através de seus diversos acessos. Sinônimo para integração.
INTEGRAÇÃO	A integração é descrita por Hillier (2007, p. 25) como uma medida geral e que pode ser aplicada a qualquer configuração espacial, pois quanto maior o número de conexões entre as linhas axiais, maior vai ser a integração de determinada área. Conceito utilizado para descrever a acessibilidade a um sistema como um todo (<i>integração global</i>) ou a parte dele (<i>integração local</i>).
MAPA AXIAL	Utilizado para descrever o sistema de acessibilidade. São traçadas as linhas mais longas possíveis em cada rua, e também em todos os cruzamentos destas linhas com outras, isto é, ele é uma representação simplificada das inúmeras conexões existentes no espaço, “por isso se diz que um mapa axial ilustra a potencialidade de geração de movimento, e não necessariamente o movimento real”. (MEDEIROS, 2006, p.506)
NÚCLEO DE INTEGRAÇÃO	É o conjunto de linhas pertencentes à banda cromática vermelha do mapa axial, isto é, os eixos mais integrados. Holanda <i>apud</i> Medeiros <i>op. cit.</i> (2002, p. 104), esclarece que são utilizados os 25% das linhas para assentamentos pequenos e 10% para sistemas maiores (acima de 100 eixos), havendo casos onde se uniformiza o percentual Indistintamente em 10%. (MEDEIROS, 2006, p. 507)
PERMEABILIDADE	Refere-se ao potencial do espaço em permitir às pessoas a escolha de acessos de um lugar para outro. (BENTLEY et al, 1985, p. 12)
INTELIGIBILIDADE	Tem a ver com uma capacidade maior ou menor de apreensão do espaço pelos indivíduos, ou seja, a tendência em se utilizar do espaço sem “se perder”, do contrário, a compreensão será sempre por partes e restrita a certas áreas localizadas do espaço.
MOVIMENTO NATURAL	Teoria desenvolvida por Hillier et al (1993) que propõe que a configuração da malha urbana tem influência nos padrões de movimento, como mostra o esquema abaixo (figura 2.5). Segundo ele, “o fluxo de movimento em diferentes partes do sistema urbano foi sistematicamente influenciado pela própria configuração da malha urbana ⁹ ” (HILLIER, 1999, p. 2).

⁹ “(...) movement flows in different parts of a street network were systematically influenced by the spatial configuration of the network itself”. (HILLIER, 1999, p. 2)

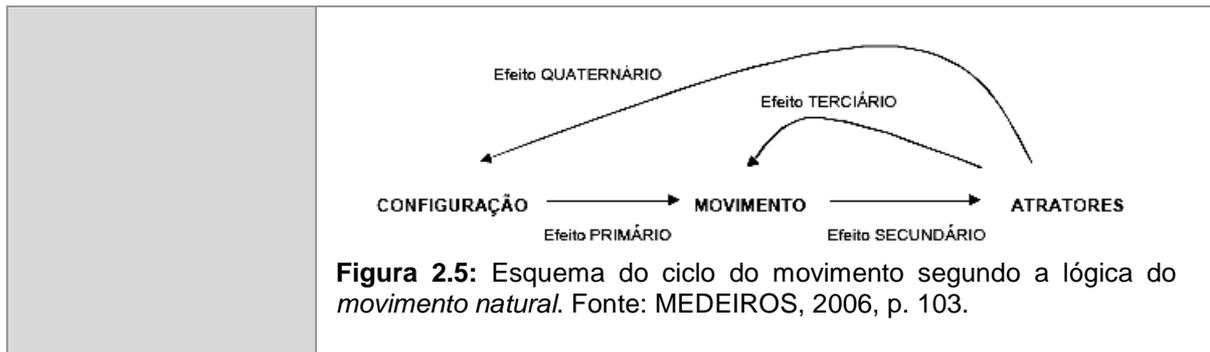


Tabela 2.1: Resumo dos principais conceitos apresentados e discutidos a partir da Sintaxe Espacial

Tendo a compreensão destes conceitos, a aplicação da sintaxe espacial em Campina Grande e Caruaru teve por base entender como se dava a acessibilidade às feiras, através da utilização do *software* Mindwalk (Figueiredo, 2002). Para isso, foram desenhadas tanto linhas nos espaços gerados pela disposição dos prédios da cidade quanto outras nos vazios entre as barracas fixas dos feirantes, pois é considerado aqui que a malha gerada pela feira já faz parte do espaço construído da cidade.

2.2.4 Portões de contagem

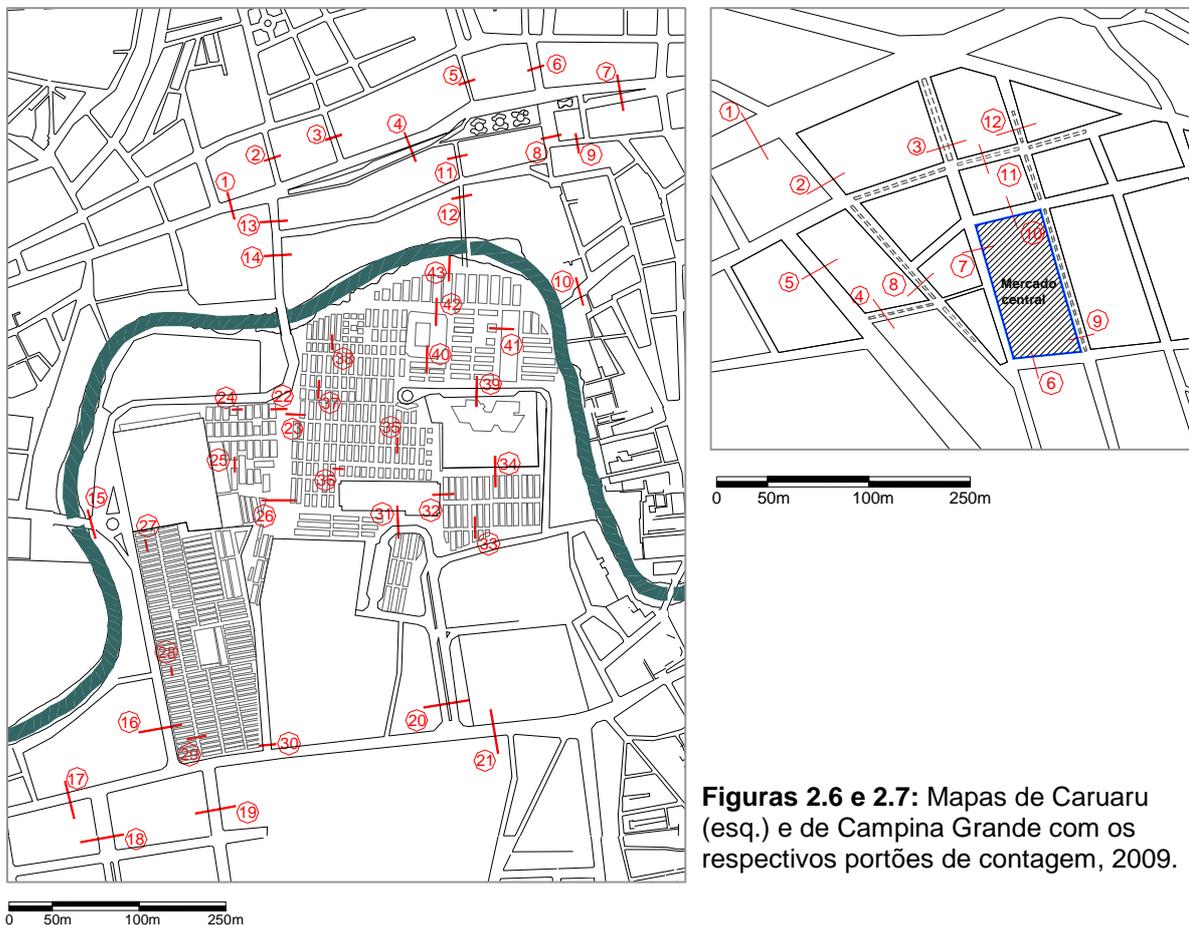
Uma das técnicas para dimensionar fluxo e direção de movimento de pessoas em determinado local é o procedimento que utiliza contagens sucessivas em pontos escolhidos, chamados de *portões de contagem*¹⁰. Esses portões são definidos através da delimitação de linhas imaginárias dispostas em diferentes locais. O interesse de conhecer quais as principais ruas de acesso a feira em diferentes horários e dia de semana, por onde este fluxo de entrada se distribui na feira, fizeram escolher portões tanto no entorno como dentro das áreas das feiras.

O procedimento implica em contar o número de pessoas que atravessam o portão nas duas direções durante iguais intervalos de tempo. Um roteiro é feito entre os portões, pois, após o término da contagem em um deles, o pesquisador imediatamente segue para o próximo portão no menor espaço de tempo possível.

¹⁰ Técnica aplicada a partir de fundamentos demonstrados na disciplina "Morfologia do Espaço Arquitetônico e Urbano", da Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano – UFPE.



O tempo de contagem estipulado depende do volume de pessoas observado previamente. Em se tratando de feiras com muito movimento, determinou-se um período de 1 a 3 minutos, durante vários períodos do dia por vários dias. A partir dessa intenção, foram delimitados ao todo 43 portões na feira de Caruaru, sendo 21 internos à feira e 22 externos a ela, e 12 portões na feira de Campina Grande, sem divisão entre internos e externos, já que ela ocupa as vias da cidade. Destes, alguns foram selecionados nas entradas e saídas possíveis que dão acesso às referidas feiras, enquanto que outros pontos foram escolhidos perto de marcos referenciais, de modo que abrangessem a maior área possível desses mercados ao ar livre (figuras 2.6 e 2.7).



Figuras 2.6 e 2.7: Mapas de Caruaru (esq.) e de Campina Grande com os respectivos portões de contagem, 2009.

Os portões onde foi contada a passagem de pessoas por 1 minuto foram os espaços com maior movimento constatado nas observações prévias em campo. Já os 3 minutos foram contados naqueles portões localizados em espaços com pouco movimento de pessoas. Após essa contagem, foi tirada a média e unificada

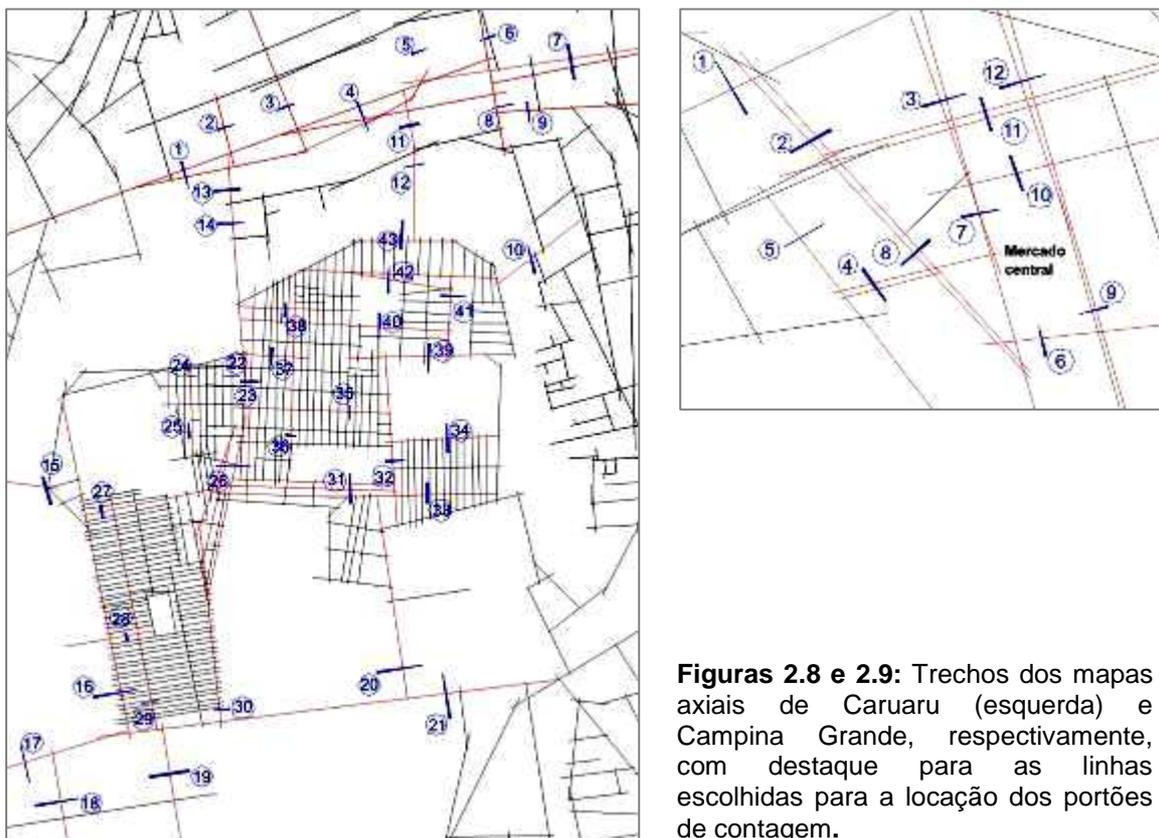


a contagem para um minuto, para proporcionar uma unidade de escala na representação, gerando maior confiabilidade nas medições.

Como a feira campinense ocupa uma quantidade pequena de ruas, a locação dos portões foi feita ao longo das vias onde existiam barracas, além de ruas no entorno onde não acontecia a feira. Já o caso da feira de Caruaru é um pouco mais complexo, porque se conforma em uma área com boa permeabilidade topológica, mas com poucos marcos e baixa permeabilidade visual pela disposição das barracas no Parque 18 de Maio.

Entretanto, a quantidade enorme de vielas surgidas pela disposição das barracas na área da feira dificulta a escolha dos locais. Por isso que, internamente, apenas algumas ruelas foram escolhidas cobrindo diversas zonas da feira para a locação dos portões de contagem. Eles foram posicionados próximos a marcos ou em vias internas de fácil identificação, como adjacentes a edificações ou em percursos de acesso a esses edifícios.

A elaboração de um mapa axial de Caruaru utilizado na análise sintática da estrutura espacial das feiras orientou também a escolha destes portões internos, que foram dispostos ao longo das linhas axiais (figuras 2.8 e 2.9).



Figuras 2.8 e 2.9: Trechos dos mapas axiais de Caruaru (esquerda) e Campina Grande, respectivamente, com destaque para as linhas escolhidas para a locação dos portões de contagem.



Enfim, a escolha das axiais que serviriam como referência para locação dos portões de contagem se baseou na integração global delas, isto é, se eram mais ou menos integradas ao sistema. Portanto, no caso da feira caruaruense, em especial, o mapa axial gerado permitiu-nos escolher algumas linhas desse *grid*, abrangendo diversas partes do Parque 18 de Maio, na tentativa de capturar os movimentos de pessoas em vários momentos do dia e no maior número de áreas possível.

Assim, a associação entre observação e contagem nos possibilitou visualizar e mapear os movimentos que acontecem nas feiras de Caruaru e Campina Grande durante uma semana inteira, além de confirmar ou não a existência de padrões espaciais retirados de análise prévia feita com o emprego da teoria trazida pela sintaxe espacial e demonstrados no capítulo a seguir.

2.2.5 Questionários sobre vivências nas feiras: feirantes e usuários

Visando complementar as informações secundárias e verificar as hipóteses e as impressões levantadas nas observações de campo, procurou-se elaborar questionários, que foram desenvolvidos para compreender a experiência e percepções sobre as feiras de usuários e feirantes, denominados assim para diferenciar quem vende de quem apenas compra nas feiras.

Inicialmente, para que fossem construídos esses instrumentos, foram realizadas entrevistas informais, ou não-estruturadas (SILVA e MENEZES, 2001, p. 34), a diversos feirantes tanto em Caruaru quanto em Campina Grande. Após essa fase, questionários semi-estruturados foram construídos (MARCONI e LAKATOS, 2001, p. 100), com perguntas abertas e fechadas.

Ou seja, foram elaboradas questões fechadas, com alternativas de respostas oferecidas, e abertas, para proporcionar a expressão natural das pessoas com a utilização de expressões próprias. Cada grupo teve um conjunto de questões estruturadas específicos e as entrevistas foram feitas durante todo o dia, pois o movimento da feira tanto era fraco em alguns períodos, quanto forte em outros, mostrando a dinâmica do fluxo presente.

Os questionários foram criados para serem objetivos, sucintos, limitados em extensão e acompanhados de algumas instruções, pois muitas vezes os



informantes eram pouco esclarecidos, não tinham muito tempo para responder ou mesmo respondiam no intervalo entre uma visita a uma e outra barraca.

A escolha dos atores que compõem as feiras também foi feita aleatoriamente, embora procurando guardar uma equivalência entre idade e sexo dos entrevistados. A diferenciação entre os grupos justifica-se na percepção de que as feiras possuem significados diferentes para quem as utiliza como meio de sobrevivência e para quem procura seus produtos para compra.

A amostra foi delimitada de modo a ter grupos com tamanhos semelhantes em ambas as feiras, sendo que o tamanho dessa amostra não seguiu regras *a priori* para determinação de sua representatividade, apenas por se tratar de uma pesquisa de mestrado a definição do número os questionários deveria ter uma coleta exeqüível pelo autor, por isso foram estabelecidos como amostra inicial 50 feirantes e 50 usuários em Campina Grande, e o dobro deles em Caruaru, por sua maior dimensão. Entretanto ao final da pesquisa de campo, foi totalizado um universo composto por 157 vendedores (em Campina Grande, 48 e em Caruaru, 109) e 166 compradores entrevistados (campinenses, 52 e caruaruenses, 114), totalizando 323 questionários aplicados nos dois comércios informais.

Esta amostra representa um universo de feirantes, de aproximadamente 18 mil em Caruaru, nos dias de feira da sulanca, e dois mil na feira central campinense. Estes números disponibilizados pela municipalidade são apenas estimativas baseadas no cadastro daqueles que pagam a taxa de uso do solo. O número pode ser variável devido à mobilidade constante de quantidade enorme deles, expondo de vez em quando suas mercadorias na rua, para voltarem só algum tempo depois, evitando assim a cobrança municipal.

A decisão inicial foi a de abranger o maior número de pessoas possível distribuídas por todos os setores das feiras. Para isso, procurou-se aplicar em torno de cinco questionários por setor de feira em Caruaru e Campina Grande, escolhendo os respondentes de forma aleatória, as vezes tendo que vencer a desconfiança de alguns deles.

Em algumas áreas, contudo, não foram aplicados todos os cinco com os feirantes, por dois motivos principais: 1. ou não existia número suficiente disponível como na feira de frutas e verduras ao lado do mercado de carne da feira de Caruaru, ou



2. devido ao fator insegurança que colaborou para que houvesse receio em aplicá-los, já que alguns feirantes próximos a essas áreas nos alertaram para não entrar e fazer perguntas, no setor de animais vivos na feira campinense, ou na do troca-troca, em Caruaru.

Em relação ao número de usuários que freqüentam as feiras também não existem dados concretos e recentes sobre quantidade de pessoas nos diversos dias de feira, muito menos da variação no fluxo desde a manhã até o fim da tarde. Estimativas sem respaldo por pesquisas empíricas indicam um número aproximado de até 40 mil pessoas em Caruaru e 10 mil em Campina Grande.

2.2.5.1 Conteúdo dos questionários

Apenas para os vendedores, foram formuladas perguntas sobre aspectos do cotidiano, um total de 11 perguntas: (Anexo 1):

- Tipo de produto vendido;
- Como obtém os produtos;
- Número de funcionários¹¹ que trabalham na barraca
- Tipo de relação com os funcionários (se familiares ou contratados);
- Origem da clientela;
- Sentimento de segurança na feira e o porquê;
- A renda média do feirante e a arrecadação média na feira
- Local de moradia e o grau de escolaridade¹².

Para os usuários algumas perguntas foram mantidas, pois são comuns tanto a um quanto a outro, mas outras foram formuladas, totalizando 12 perguntas (ver questionário completo no anexo 2).

Devido à dificuldade de localizar os diversos espaços das feiras, utilizou-se um pequeno mapa como guia para indicar o zoneamento e a localização dos diversos setores de cada uma das feiras. Este mapa era composto das divisões de cada comércio, porém de maneira bem clara, com cada subdivisão composta por uma

¹¹ Funcionários são entendidos aqui como aqueles trabalhadores informais que se encontram em cada barraca da feira.

¹² A escolaridade foi dividida em analfabeto, 1º GI (grau incompleto), 1º GC (grau completo), 2º GI (grau incompleto), 2º GC (grau completo) e superior completo.



foto de produto que representasse esse setor (anexos 3 e 4). As questões buscavam conhecer os seguintes aspectos.

- Frequência e satisfação em vir à feira;
- Setores visitados para compra como passeio ou circulação.
- Locais de insegurança;
- Atividades complementares à feira;
- Renda média¹³ e gasto aproximado na feira (em média);

A aplicação dos questionários seguiu obviamente um roteiro de apresentação, sempre tentando manter um uma conversa informal, em que o entrevistado pudesse falar com a maior fluidez possível. Contudo, muitas vezes as entrevistas eram interrompidas pela chegada de fregueses, colegas de feira, familiares, ou mesmo rejeitadas pelo possível entrevistado, alegando falta de tempo. Além disso, é necessário mencionar a desconfiança por parte dos feirantes, que não se convenciam de o questionário era parte de uma pesquisa acadêmica.

2.2.5.2 Tabulação e Análise de dados

Os questionários foram tabulados em uma matriz de dados para utilização do *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), programa estatístico utilizado nas Ciências Sociais. Ele permitiu confeccionar tabelas e gráficos descritivos dos resultados, assim como desenvolver alguns testes estatísticos. Assim, foi possível correlacionar vários desses dados com informações secundárias, observações e mapeamentos. Tudo isso articulado poderá mostrar informações essenciais para a análise do papel que as feiras exercem na cidade.

Portanto, a utilização de uma metodologia variada e a aplicação de múltiplos métodos e técnicas de pesquisa possibilitarão a construção de um conhecimento sobre as feiras de Caruaru e Campina Grande. Deste modo, o próximo passo terá como foco a compreensão da espacialidade das feiras estudadas. E o espaço não é tratado somente pela área ocupada pelas feiras de Caruaru e Campina Grande, mas sim pela articulação de ambas com a estrutura urbana, seja local ou global, e pelo modo como acontecem os padrões de movimento e fluxo de pessoas.

¹³ A renda média tinha por base o salário mínimo (SM) de R\$ 415,00 à época da pesquisa.

**ACESSIBILIDADE E
MOVIMENTO
NAS FEIRAS DE CARUARU E CAMPINA GRANDE**





3. ACESSIBILIDADE E MOVIMENTO NAS FEIRAS DE CARUARU E CAMPINA GRANDE

São diversos os aspectos que podem ser investigados em um estudo sobre feiras livres, contudo os aspectos configuracionais desses espaços (ou seus os padrões espaciais) são quase sempre negligenciados. Como visto, os estudos que mais se aproximaram de investigações desta natureza foram os realizados por Azinzadeh (2003) e Nejad (2005) nos bazares iranianos. Com exceção desses, pouco ou quase nada foi desenvolvido. De modo que, a carência de investigações sobre padrões de ocupação do comércio informal no espaço urbano serviu de incentivo para o desenvolvimento deste trabalho.

Assim, visando contribuir para o incremento do quadro de investigações existentes sobre este em particular, o trabalho abordou tal temática a partir dos conceitos de *acessibilidade* e *movimento* – duas variáveis que estão intimamente ligadas e presentes em qualquer discussão sobre padrões de ocupação do espaço, mas que isoladamente explicam apenas parte dessa dinâmica.

Tomando-se como estudo de caso as feiras de Caruaru e Campina Grande, verificou-se que a *acessibilidade* acontece de maneiras distintas e peculiares a cada caso. Embora seja independente dos usos existentes, pois o movimento acontece pela configuração da malha local, alguns fatores influenciam no movimento natural existente em ambas as feiras, como a presença de magnetos atraindo um fluxo de pessoas e movimentos diferenciados.

Além disso, a diversidade encontrada em uma feira livre também favorece a um constante processo de mutação a certas regras de disposição no espaço, de tamanho, materiais etc, mas também responde a condições encontradas a cada dia. Se mais cheio ou mais vazio, as diferentes atmosferas nas feiras permitem diferentes tipos de padrões de movimento.

Portanto, este capítulo tenta identificar se os padrões de ocupação espacial das feiras de Campina Grande e Caruaru seguem um mesmo modelo, a partir do conceito topológico de acessibilidade.



3.1 Movimento e fluxo nas feiras: a lógica dentro do espaço ocupado

Cada uma das feiras aqui analisadas tem uma disposição espacial bem própria: uma está dentro de uma área convexa e à parte do tecido urbano central e original da cidade; outra se encontra ainda na mesma malha que constituiu a formação urbana. Porém, ambas já estiveram dispostas ao longo do *grid* das cidades, resultando em processos de ocupação do espaço bem diferentes, mas que concorrem a alguns pontos em comuns, como o surgimento de conflitos semelhantes ou mesmo de articulação feira-cidade.

Para isso, este sub-capítulo tratará exclusivamente das feiras livres nos espaços urbanos. O objetivo é dimensionar a acessibilidade e o movimento dentro das áreas ocupadas por essas feiras, utilizando como instrumental principal a Sintaxe Espacial.

Ele está dividido em três partes. (1) A primeira procura mostrar a ocupação das feiras de Caruaru e de Campina Grande nos centros das cidades e como se deram as relações urbanas entre elas até o momento que sofreram intervenções governamentais, em períodos diferentes. (2) A segunda se refere às intervenções propriamente ditas, onde um momento de transição foi necessário para uma adaptação às mudanças sofridas pelas feiras livres em suas espacialidades. (3) E na terceira, tentaremos mostrar que o espaço interno dos mercados ao ar livre possuem dinâmicas próprias, com resultados diferentes, especialmente pela disposição no tecido urbano.

Neste sentido, procurou-se desenvolver uma análise da dinâmica espacial de cada feira, interna e externamente a elas, por meio da observação dos seus padrões de acessibilidade e movimento, mas sem deixar de levar em conta que esse tipo de comércio tem peculiaridades, observadas *in loco*, que devem ser somadas às teorias aplicadas, ou seja, associando a observação dos fenômenos locais com as técnicas de Sintaxe Espacial.



3.1.1 Os centros das cidades de feiras

Os centros das cidades normalmente são os locais com maior acessibilidade global de todo o sistema. Em muitas dessas áreas estavam situadas as feiras livres, recebendo o forte fluxo de pessoas gerado pelo movimento natural dos tecidos urbanos, como cita Hillier (1999). E em Caruaru e Campina Grande isso não foi diferente.

Cada um dos centros histórico-geográfico analisados neste trabalho compõe um “centro vivo¹⁴” (HILLIER, 1999, p. 02) da cidade. Sintaticamente, esse centro se encontra no ponto mais integrado do sistema, ou seja, a fácil acessibilidade a ele permite irrigar diretamente as áreas próximas e indiretamente as demais com grande aporte de usuários. Por isso, é onde se localizam as principais lojas da cidade pela maior possibilidade de vendas e para onde converge a grande maioria das linhas de ônibus, reflexo da associação entre a necessidade de deslocamento da população e alto nível de integração global.

Em Caruaru, onde a integração global é alta no centro da cidade, o valor de integração do sistema cai desse centro para as bordas (figura 3.1), estendendo-se da margem norte do rio Ipojuca até o encontro da Avenida Agamenon Magalhães com a BR-104. Até 1992, a feira de Caruaru estava situada nesse centro, exibindo uma estrutura linear e seguindo a forma das vias, ocupando aproximadamente 20 ruas e becos, com uma área de 22.760m². (figuras 3.2 e 3.3).

¹⁴ O autor chama de “live centrality”. Em seu trabalho, Hillier explica que esse “centro vivo” “means the element of centrality which is led by retail, markets, catering and entertainment, and other activities which benefit unusually from movement. The argument is confined to the live centre because the spatial processes governing live centrality appear to invoke spatial requirements over and above those related to other central functions such as administration, office, employment or religion. (HILLIER, 1999, p. 01-02)

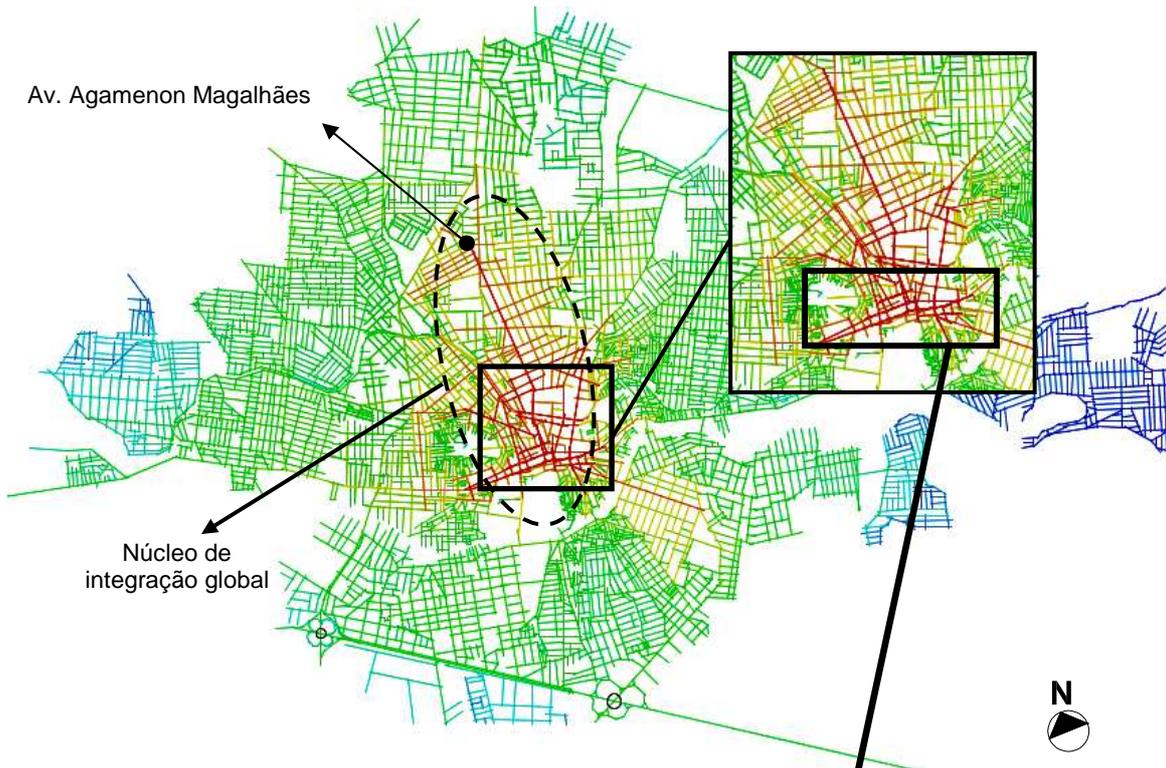
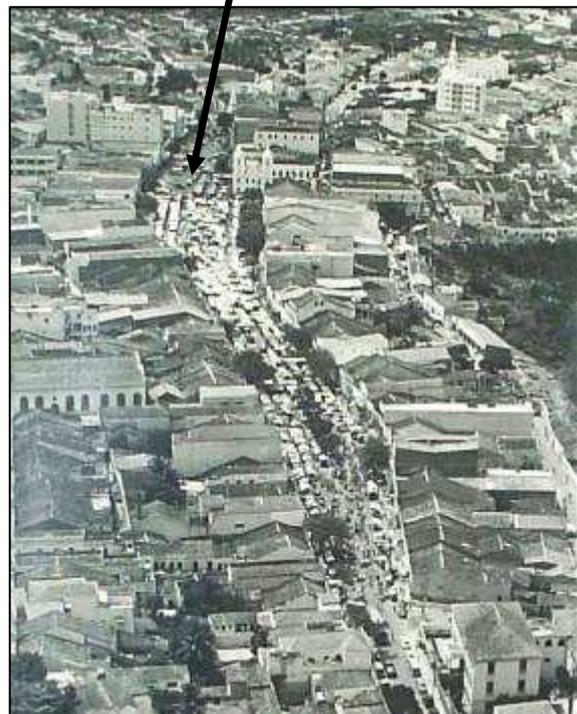
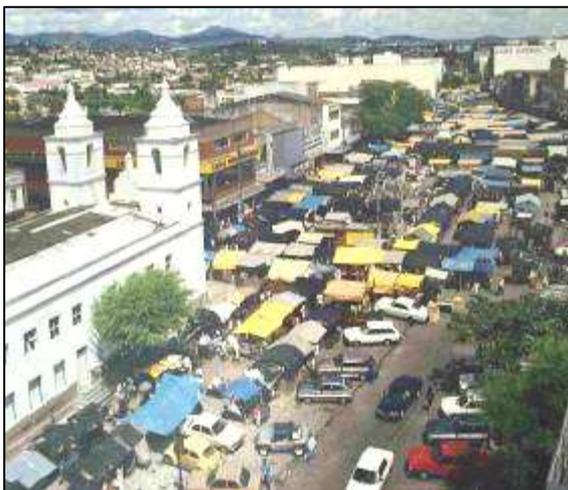


Figura 3.1: Integração global de Caruaru, em 1992, com destaque para a área ocupada pela feira no tecido urbano



Figuras 3.2 e 3.3: Feira de Caruaru no centro da cidade, em 1992 e década de 70 (à direita). Fonte: Acervo Jornal Vanguarda



Já o sistema axial de Campina Grande tem um bom nível de acessibilidade global, com valor de integração global máximo em 1,3583, enquanto que em Caruaru ele é de 1,3063. A área mais acessível forma o núcleo de integração global, que possui uma dupla forma de “espinha de peixe”, onde duas das avenidas principais são as “espinhas dorsais” e as axiais transversais conformam as “espinhas” (figura 3.4 - detalhes 1 e 2)

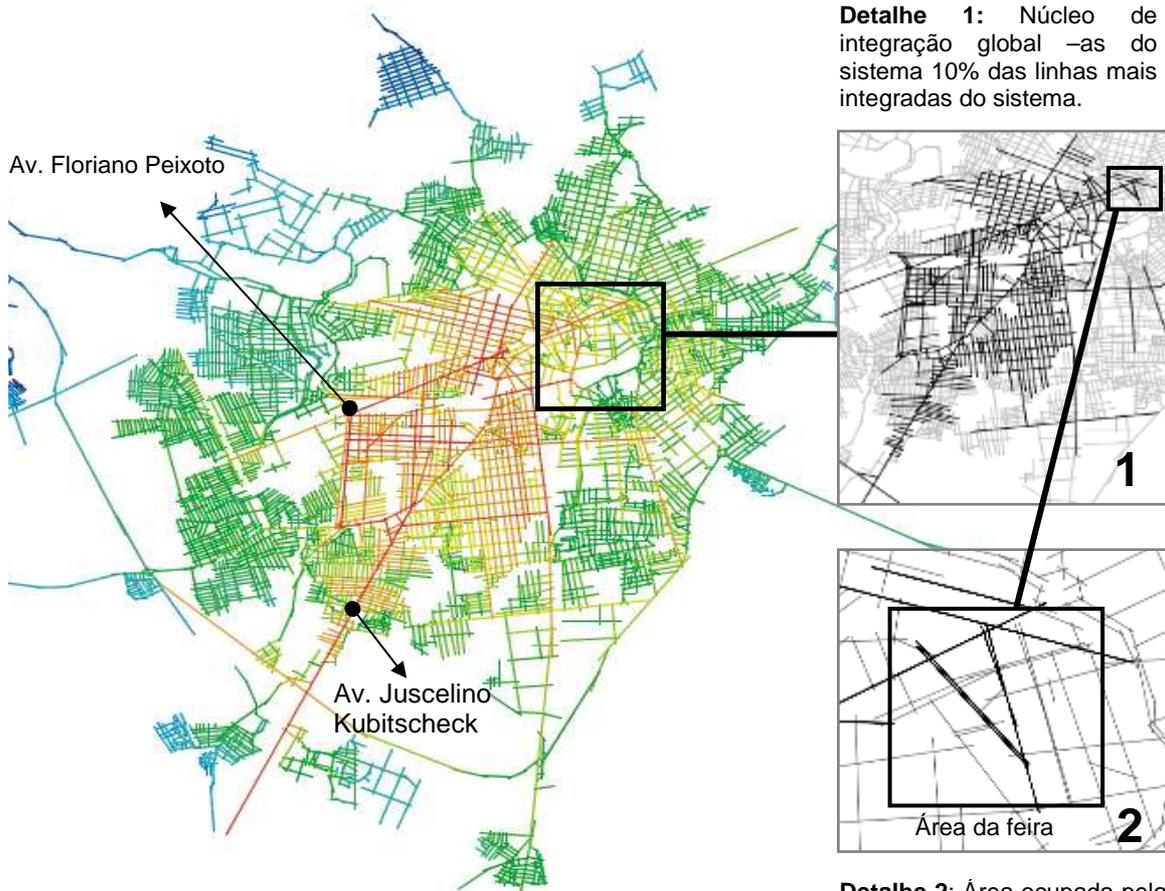


Figura 3.4: Mapa de integração global de Campina Grande

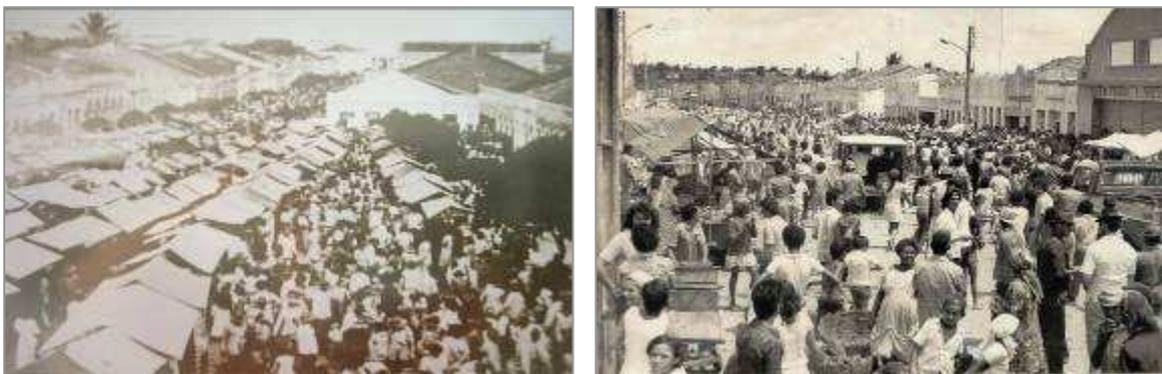
E nesses centros se dispuseram por muitas décadas tanto a feira de Caruaru quanto a campinense, aproveitando-se do forte fluxo e movimento de pessoas exercido pelo tecido urbano através do bom nível de acessibilidade global que os sistemas possuem.

Por isso, a feira caruaruense pôde crescer e expandir-se, incrementando ainda mais o grande fluxo de pessoas e capital à cidade, passando a contar com cinco mil feirantes. Entretanto, ao longo do tempo, surgiram graves conseqüências



trazidas por essa espacialidade, como constante aumento do número de conflitos – engarrafamentos, queda na mobilidade e qualidade da infra-estrutura para realização da feira.

O caso da feira campinense também não foi diferente. Após décadas situada no centro da cidade (figuras 3.5 e 3.6) e aproveitando-se do movimento de pessoas inerente a essas áreas, a presença dela passou a causar mais transtornos do que benefícios, pelo aumento do número de feirantes e de usuários nesse espaço, resultando no crescimento da dimensão dos conflitos, como a falta de mobilidade e sujeira, por exemplo.



Figuras 3.5 e 3.6: Feira campinense no início do século 20 onde hoje é Rua Maciel Pinheiro e no centro da cidade, em 1979. Fontes: Museu Histórico de Campina Grande e acervo do Jornal Diário da Borborema, respectivamente

Lá a feira continuou disposta ao longo do tecido urbano, disposta em vias um pouco mais afastadas do local que ocupavam até meados da década de 80, próxima de onde está atualmente. Em suma, ela foi transferida para afastar do centro os problemas que eram típicos dessa disposição, ou seja, pensou-se que em se afastando esse comércio informal do centro, os conflitos desapareceriam.

Em Caruaru, começou-se a pensar na relocação da mesma para outro espaço mais adequado ao seu funcionamento. Diferentemente do que ocorreu com o mercado ao ar livre campinense, dos vários espaços cogitados para a relocação, o único que tinha condições de recebê-la foi uma área próxima ao centro, na margem sul do rio Ipojuca, denominada posteriormente de Parque 18 de Maio. Essa necessidade de mudança era tão urgente que muitos moradores manifestaram suas opiniões, como o fez Rodrigues (1992):

A força corrosiva dos novos tempos assumiu a responsabilidade de mudar, compulsoriamente, o curso, o objetivo e o caráter de uma feira tradicional, quase intocável. Onde os violeiros e os cantadores do povo



cantam as canções do povo, senão é hoje um amontoado de coisas feias e não feitas pelas mãos e pela imaginação dos artesãos de verdade de Caruaru? (...) Vai acontecer apenas um gesto. Profundo, sabemos: a transferência se tornou uma realidade. É uma necessidade. Urgente. Da Rua do Comércio para o Parque 18 de Maio (RODRIGUES, 1992, p. 22).

Portanto, mesmo as duas feiras sendo marcos urbanos para as cidades e estando nos centros urbanos que possuem uma força e dinâmica próprias, alguns processos conflituosos surgiram no crescimento e desenvolvimento das feiras campinense e caruaruense e que precisavam ser resolvidos na maior brevidade possível. Assim, foi necessário pensar algumas maneiras de resolver os principais problemas decorrentes da presença das mesmas no espaço urbano central.

3.1.2 Diferentes fases de transição: mudança e permanência

“[...] o terciário¹⁵ [*leia-se comércio*] está aí, dominando as nossas grandes cidades, criando e resolvendo problemas”.
(VARGAS, 2001, p.11)

Com o surgimento de conflitos nas feiras de Campina Grande e Caruaru, diversas ações tiveram de ser tomadas pelos governos municipais, especialmente no que se tratava da mobilidade nos centros, já que o fluxo e o movimento nesse espaço estavam extremamente comprometidos, exatamente pela disposição das barracas no tecido urbano.

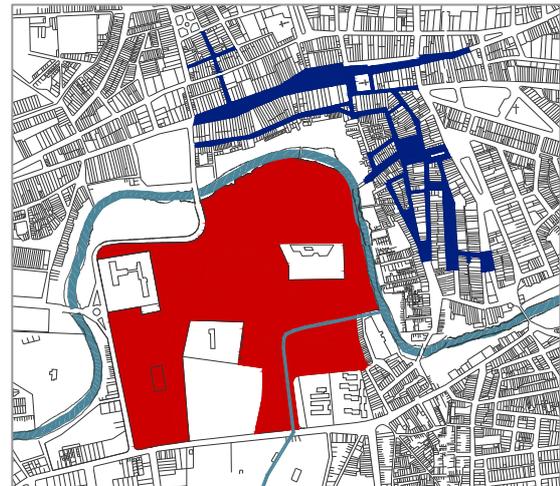
Assim, em Caruaru, a falta de espaço para expansão, os engarrafamentos e a falta de infra-estrutura levaram à discussão de como se daria a melhor maneira de requalificar a feira livre e trazer de volta aqueles que desistiram de comprar nesses locais. Tudo isso passava também por uma reestruturação do centro da cidade para que ele pudesse “respirar” e ter todo o vigor próprio retomado, além da mudança de local da feira para uma área próxima a essa zona central. Esses

¹⁵ Relativo ao setor terciário da economia urbana, no qual está inserido o comércio. É definido pela autora como sendo “[...] aquele setor que incorpora atividades que não produzem nem modificam objetos físicos (produtos e mercadorias) e que terminam no momento em que são realizadas [...]” (VARGAS, 2001, p. 52)



cuidados foram tomados para a manutenção da interface¹⁶ entre a feira e a cidade, algo importante para a existência desse comércio informal.

A nova área passou a abrigar a feira de Caruaru, que tinha 1861 barracas e cerca de 4000 feirantes à época da transferência, em 1992. O Parque era cerca de seis vezes maior, com 154.440m² (RODRIGUES, 1992, 05), (figuras 3.7 a 3.8), despertando tanta curiosidade que Rodrigues (1993) descreveu esse local como um “novo teatro”, pela pujança do espaço.



Figuras 3.7 e 3.8: Parque 18 de Maio em 1992 e mapa comparativo com feira no centro de Caruaru e no Parque 18 de Maio no mesmo ano.

Fonte fotografia: Acervo jornal Vanguarda

LEGENDA:

- Feira antes da transferência
- Feira após a transferência
- Rio Ipojuca

0 50m 200m 500m

A essa nova área foi dado todo o apoio e suporte para os usuários e feirantes, dotando-o de infra-estrutura necessária como água e esgoto, banheiros, calçamento e vias mais largas entre barracas, facilitando o deslocamento tanto para pedestres quanto para casos de emergências. Neste projeto, incluiu-se também a preservação da relação de vizinhança entre os feirantes¹⁷ das mais diferentes áreas (algumas com mais de 30 anos), com a delimitação das áreas seguindo o que já acontecia no centro. (Figura 3.9)

¹⁶ Interface pode ser tomada neste trabalho como sinônimo de “relação”.

¹⁷ Essa relação de vizinhança foi mantida pela Prefeitura de acordo com a proximidade física das barracas ainda quando funcionavam no centro da cidade, através de entrevistas e cadastramentos. Muitos desses feirantes trabalhavam lado a lado por décadas antes de serem transferidos definitivamente para o Parque 18 de Maio, na nova configuração da feira de Caruaru em 1992. Como Rodrigues (1992b) cita, na “transferência o fator humano foi priorizado. Desde o início do projeto houve uma preocupação de manter-se a relação de vizinhança dos feirantes [algumas com mais de 30 anos] e a valorização, por local de cada ponto de comercialização”.

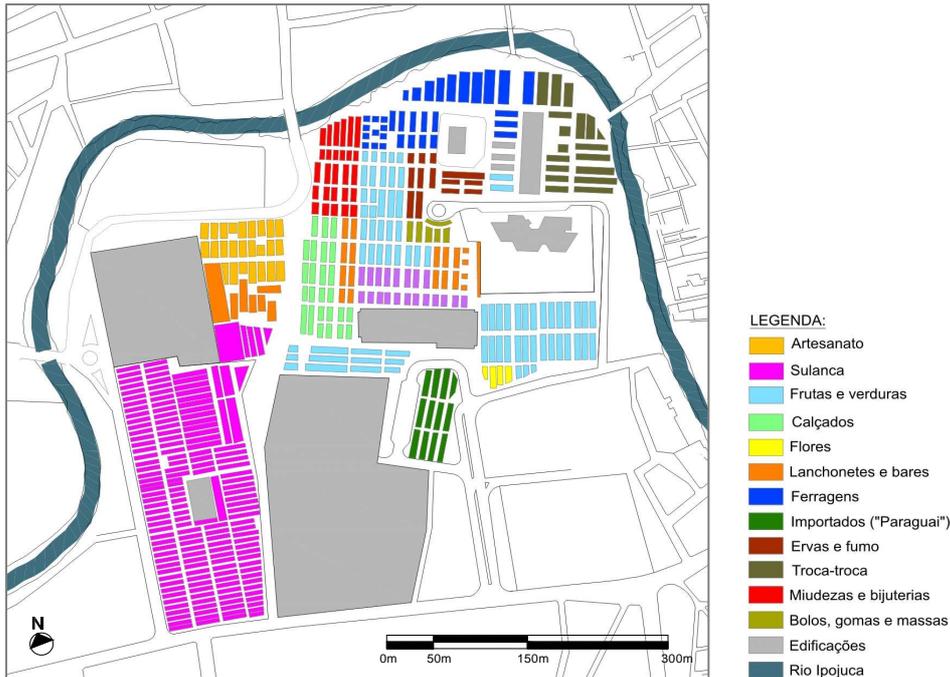


Figura 3.9: Setorização da feira de Caruaru após a transferência para o Parque 18 de Maio em 1992. Fonte: Prefeitura Municipal de Caruaru – dados de 1992

Em Campina Grande, os mesmos motivos podem ser aplicados à necessidade de intervenção do governo municipal, entretanto, uma das principais razões se encontrava na permanência de parte da feira em frente a um grande supermercado, que influenciou diretamente na decisão da Prefeitura municipal. Assim, um trecho do comércio informal foi proibido de acontecer na Avenida Marechal Floriano Peixoto, uma das principais da cidade e que possui bom nível de integração global e local.

Não houve transferência de atividades da feira campinense como aconteceu em Caruaru, mas o funcionamento restrito em uma área com baixo valor de integração favoreceu, sem sombras de dúvidas, a queda do número de feirantes (tabela 3.1) e a diminuição do fluxo de usuários e de capital.

FEIRA DE CAMPINA GRANDE - Nº DE FEIRANTES E BARRACAS		
Ano	Nº de feirantes	Nº de barracas
1985*	≅ 5000	2400
2003**	3414	1500
2008**	1876	≅ 1000

Tabela 3.1: Número de feirantes e de barracas em 1985, 2003 e 2008

Fontes:

* Gazeta do Sertão, 1985

**COSTA, 2003

** Administração do Mercado Central - Sec. de Serviços Urbanos. Período de 22/08/2008 - Cadastro dos vendedores localizados na feira central de Campina Grande.



Assim, com a relocação ou não dessas duas feiras, a intervenção nos espaços centrais teve a intenção principal de melhorar a relação feira-cidade e foi de certa forma imposta pelas complicações surgidas na existência desse comércio no centro de Campina Grande e Caruaru. Mas também, as intervenções tiveram efeito no espaço interno com o passar dos anos, modificando a dinâmica de funcionamento de ambas as feiras.

3.1.3 Integração e movimento dentro das feiras de Caruaru e Campina Grande

Integração e movimento são características do espaço que estão intimamente ligadas, pois o movimento só existe se determinada área for bem acessível. Seu ciclo é estabelecido pela configuração da malha viária, que conforma áreas com maior e menor concentração de fluxo (efeito primário). Daí, Medeiros afirmar que:

Essas áreas com maior concentração de fluxo tendem a atrair certos usos que se beneficiam deste movimento, como o comercial e de serviço (corresponde ao efeito secundário de convergência de atratores). Estes atratores, por sua natureza, atraem novos fluxos e mais movimento, resultando no efeito terciário, e podem promover a alteração da configuração [da malha], o que seria o efeito quaternário, fechando o ciclo. (MEDEIROS, 2006, p. 502)

Daí podemos concluir que se toda feira tem movimento e grande fluxo de pessoas, é porque ela está em um local bem integrado. Essa hipótese é verdadeira a princípio em Caruaru e Campina Grande, mas é preciso ressaltar que o processo atualmente já está no fim de um ciclo, como diz Medeiros, pois o funcionamento desse comércio já alterou a configuração de ambas as cidades.

Sintaticamente, em Caruaru, mesmo não estando situado no núcleo de integração global da cidade, o arranjo configuracional planejado e ortogonal do Parque 18 de Maio criou no tecido urbano outra zona com fraca integração global, mas com elevada integração local, além da existente na Avenida Agamenon Magalhães, uma das principais avenidas da cidade (figura 23). Isso significa, neste caso, que diversas áreas internas do Parque, a partir dos cheios e vazios¹⁸, tornaram-se

¹⁸ Os cheios são as barracas e os vazios, os espaços entre elas.



pontos de movimentação e passagem, a partir de pequenas linhas que acarretam maiores possibilidade de se acessar todas as áreas do espaço.

A figura 23 mostra com destaque a integração local da feira de Caruaru, as áreas com maior acessibilidade local são a norte e oeste, com o meio também sendo bem acessível. Destacando-se a área da feira e correlacionando-a com as figuras abaixo, confirma-se a hipótese acima de que o padrão espacial tem influência direta no fluxo de usuários em determinados pontos da feira, como nos portões 1 e 11, por exemplo. Eles possuem um bom nível de acessibilidade e de fluxo de pessoas, com valor sintático local de 3,3821 e 3,2844, por onde circularam 134 e 58 pessoas/min., respectivamente, em dia de maior movimento de manhã (terças, para o portão 1 e sábados, para o 11), como mostra o cruzamento do mapa axial com o de contagem abaixo. (Figuras 3.11 e 3.12)



Figura 3.10: Integração local (R3) de Caruaru e detalhe das linhas axiais que compõem a Feira de Caruaru – 2007.

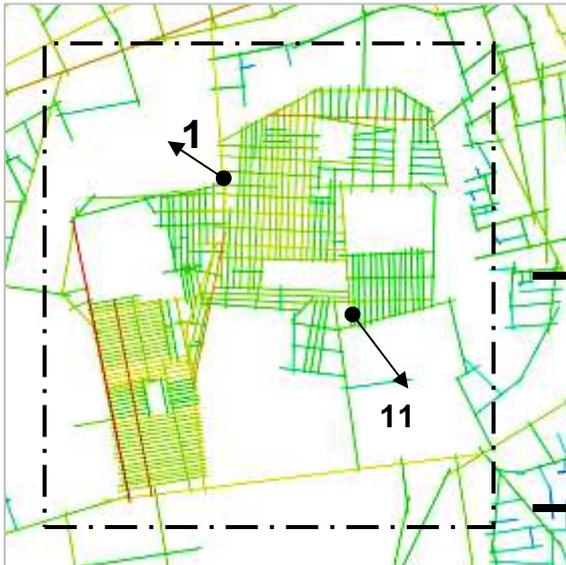


Figura 3.11: Destaque para a Integração local (R3) da feira de Caruaru (acima). Ao lado estão as marcações dos portões 1 e 11 nos mapas de contagem, das 5h às 7h e das 7h às 9h.

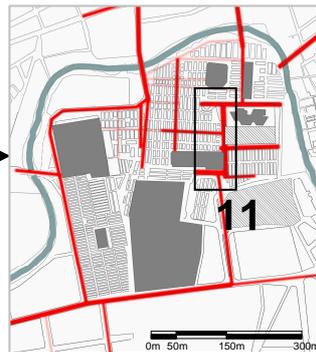
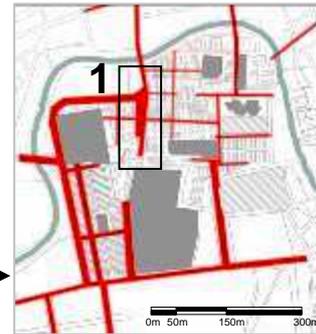


Figura 3.12: Contagem de pessoas na feira de Caruaru em dias de sábado – 7h às 9h

Por outro lado, essa configuração espacial planejada também acarretou baixa acessibilidade em algumas áreas internas, ou seja, há diversas vias internas que não possuem alta integração local. Isso leva ao que se observa atualmente: o baixo uso de algumas extensões inteiras de barracas, prejudicando a feira como um todo.

Sobre tal modificação de uso em espaços essencialmente comerciais, Penn (2005, p. 27) argumenta que a “trama de rotas cria fluxos desiguais de pessoas em diferentes segmentos”. Logo, essa desigualdade de fluxos cria locais com maiores e menores oportunidades para os vendedores comercializarem seus produtos. Na feira de Caruaru, a desigualdade de fluxos é tanta que muitas áreas se constituem em bolsões subutilizados ou mesmo “mortos”, pelo baixo uso que se faz delas, constatando-se também através de observações *in loco* associadas às contagens de pessoas (figuras 3.13 e 3.14). Isso acarreta um desvirtuamento da função desses espaços pelo surgimento de atividades diferentes das originais, como depósitos, prostíbulos e “habitações”. Este processo é chamado aqui de *esvaziamento interno*, resultado, dentre outros motivos, do fraco movimento



interno de pessoas, como já dito, e da saída de feirantes para irem comercializar nas ruas do entorno da feira.

E quando se trata de acessibilidade local na feira de Campina Grande, ela não tem essa característica tão marcante. As vias que ela tangencia são as mesmas que têm boa integração global e local, enquanto que as demais no entorno da feira não possuem medidas locais satisfatórias, como mostra a figura 3.15.



Figura 3.13: Ao lado, destaque das áreas menos integradas localmente na feira de Caruaru

Figura 3.14: Montagem (abaixo) de fotos representando as áreas em destaque na figura 3.13, mostrando o esvaziamento interno da feira de Caruaru, em 2009.. Fontes: Gustavo Miranda

1. Área com prostíbulos;
2. Corredores vazios entre as barracas;
3. Barracas sem utilização em 5 dos 6 dias em que a feira funciona;
4. Barracas sem utilização em 5 dos 6 dias em que a feira funciona;
5. Barracas demolidas e outras servindo de depósito;
6. Barraca funcionando como "habitação".





Essa figura mostra também que as áreas de maior integração local se dispõem no centro e ao sul, porém, como destacado ao lado, a parte da malha onde se encontra a feira não possui esta característica morfológica, sendo que a via de maior integração local apenas tangencia o mercado ao ar livre, que é a avenida Floriano Peixoto (figura 3.15 – portão 1). Ela possui um valor de integração de 3,5379, sendo a 13ª linha mais integrada localmente de todo o sistema, o que confirma o bom fluxo de pessoas medido nos portões de contagem, por onde passam 31 pessoas/min., enquanto que a média das demais é de 18,25 pessoas/min.

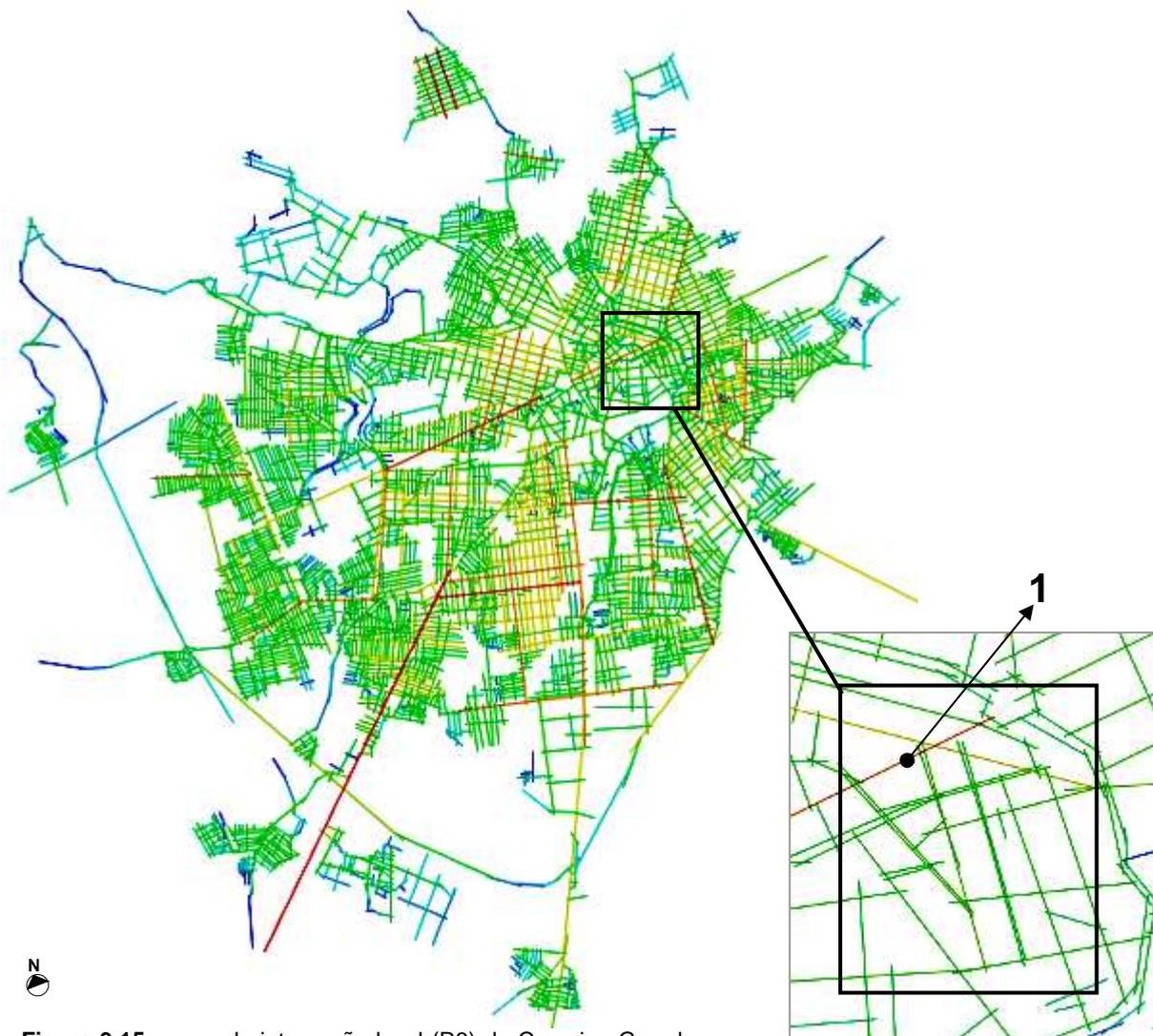


Figura 3.15: mapa de integração local (R3) de Campina Grande com destaque ao portão 1.



Esta característica morfológica é agravada pela disposição das barracas no meio das ruas, ocupando em muitos locais as calçadas das lojas ou mesmo das habitações existentes (figura 3.16), sobrando apenas duas faixas de circulação de pedestres.



Figura 3.16: Calçadas de residências ocupadas por barracas. Fonte: Gustavo Miranda, 2009.

Isso gera reflexos sensíveis na mobilidade e diminuição da velocidade do fluxo de pedestres e dos carroceiros, causando uma espécie de “congestionamento” entre as barracas.

A malha urbana dessa zona da cidade também fez surgir na feira várias áreas com baixo valor de integração local, muitas subutilizadas, chamadas neste trabalho de “bolsões”, como na feira de Caruaru. Eles são caracterizados por estarem um pouco afastados do mercado central, por terem pouco movimento (no dia de maior fluxo passaram pelo local 15 pessoas/min, índice abaixo de outros pontos no mesmo período) e por passarem uma maior sensação de insegurança do que em outras partes da feira, como afirmaram 45,4% dos entrevistados que citaram diversas áreas como inseguras.

Entretanto, não só a configuração espacial por si só explica todas as causas do movimento. O ambiente construído – cheios e vazios – pode justificar o porquê do tipo de movimento em determinada área, como mostrou Medeiros *op. cit.* (2006). E na feira de Campina Grande isso acontece ainda mais fortemente, como constatado nas observações em campo, e a permeabilidade visual entra também como forte aliada da sensação de insegurança em alguns locais e de segregação em outros.



Na feira campinense, isso acontece nas áreas atrás do mercado de carnes, já que ele ocupa um quarteirão inteiro, funcionando como barreira física e visual para quem compra e dividindo a feira em duas, uma ao norte e outra ao sul, sendo que esta parte é a mais segregada das duas (figuras 3.17 e 3.18).



Figuras 3.17 e 3.18: Mercado de carnes em destaque como barreira visual para o entorno da feira central campinense. Fontes: Google Earth e Gustavo Miranda, 2009.

Estas observações e análises mostram que em Caruaru e Campina Grande, as feiras passam por processos de modificação e ajustes de suas estruturas internas, como conseqüências de influências espaciais que sofreram ao longo do tempo, em uma área convexa ou mesmo dispostas ao longo do tecido urbano. Portanto, a análise da integração local se tornou relevante para a compreensão do uso da área interna das feiras, mas também associada às observações em campo e à contagem nos portões.

Verificou-se assim que em Caruaru houve uma alteração significativa ao longo dos anos no ritmo de movimento na área interna da feira, que gerou um processo de esvaziamento interno, enquanto que na campinense, o próprio tecido da cidade onde se situa acarretou uma diminuição gradual no número de pessoas e a subutilização de alguns trechos desse comércio informal.

Deste modo, isto confirma o que já previa nas primeiras análises a sintaxe espacial, ou seja, não há um resultado padrão de ocupação do território pelas feiras estudadas, mas sim modos diferentes resultantes da associação entre forma urbana e as atividades que acontecem dentro e no entorno dessas feiras.



3.2 Movimento e padrões de uso das feiras: observações participantes

A dinâmica das feiras livres acontece pela associação de diferentes fatores, sejam eles espaciais, econômicos ou culturais que influenciam na geração de movimento para e nessas áreas. E o uso do solo, a partir do discutido anteriormente, estabelece também relação direta com o movimento, principalmente pela força de abrangência dessas feiras, influenciando, assim, no modo como a atração nesses espaços vai se apresentar.

Para a compreensão da associação movimento/padrões de uso, foi necessário fazer observações em campo mais profundas sobre o funcionamento e dinâmica das feiras estudadas, associando ao uso da contagem de pessoas por “portões” dentro e fora das referidas feiras, como explicado no capítulo anterior.

Isso resultou na confirmação de suposições levantadas ainda na fase de levantamento bibliográfico. Tudo passava pela questão da acessibilidade, do movimento e do uso do espaço, seja ele interno ou externo à feira. Deste modo, no período de observações constatou-se de maneira inequívoca que a feira de Caruaru tem uma grande dinâmica semanal, por sua abrangência regional e nacional, tendo a sulanca como uma força econômica que se destaca das demais.

Já a de Campina Grande, possui uma dinâmica mais restrita à cidade e à vizinhança, sem um setor que se destaque dos demais, mas com um funcionamento típico de feira, ainda seguindo o traçado urbano. Mas as duas feiras têm conflitos e situações que apenas dificultam o funcionamento comercial e que reforçam a necessidade de um olhar mais atento, como mostrado a seguir nas diversas observações realizadas nas feiras de Caruaru e Campina Grande.



3.2.1 Observação participante: fim de semana

3.2.1.1 Quando a feira campinense ganha mais movimento

Em Campina Grande, o fim de semana na feira campinense revelou algo que se esperava de antemão: o aumento no número de vendedores e de barracas na feira. Muitas delas formavam uma terceira fila em áreas onde já existiam duas, diminuindo sensivelmente a mobilidade nos portões 3, 19 e 22, por exemplo (figura 3.19).



Figura 3.19: Fila extra de barracas em fins de semana na feira campinense. Fonte: Gustavo Miranda, 2009.

Outro fator que também colaborou para a dificuldade de locomoção na feira eram os carroceiros de mão. Gritando “olha o pesado!” ou “olha o sangue!” eles vão passando pelos pedestres sem se importar com quem está na frente. Mas, por mais ameaçador que pareça, felizmente do modo como eles falam torna-se até engraçado. Porém, para os feirantes não o é. Eles reclamam muito desses carroceiros (15%, mínimo, dos entrevistados reclamaram deles) porque há um excesso real do número deles na feira. Ela já é quase intransitável com as barracas no meio da via, ainda mais com essas carroças transitando e levando transtornos à mobilidade dos fregueses.

O que não é nada engraçado, mas sim degradante, é o trabalho de crianças fazendo esse serviço pesado, iniciado em pleno sábado de madrugada. Nesse horário, já havia meninos de no máximo 10 anos carregando fretes para ajudar no sustento da casa (figura 3.20).

O anúncio de produtos e a concorrência entre os feirantes era visível e audível. Enquanto um gritava a plenos pulmões



Figura 3.20: Criança trabalhando como carroceiro. Fonte: Gustavo Miranda, 2009.

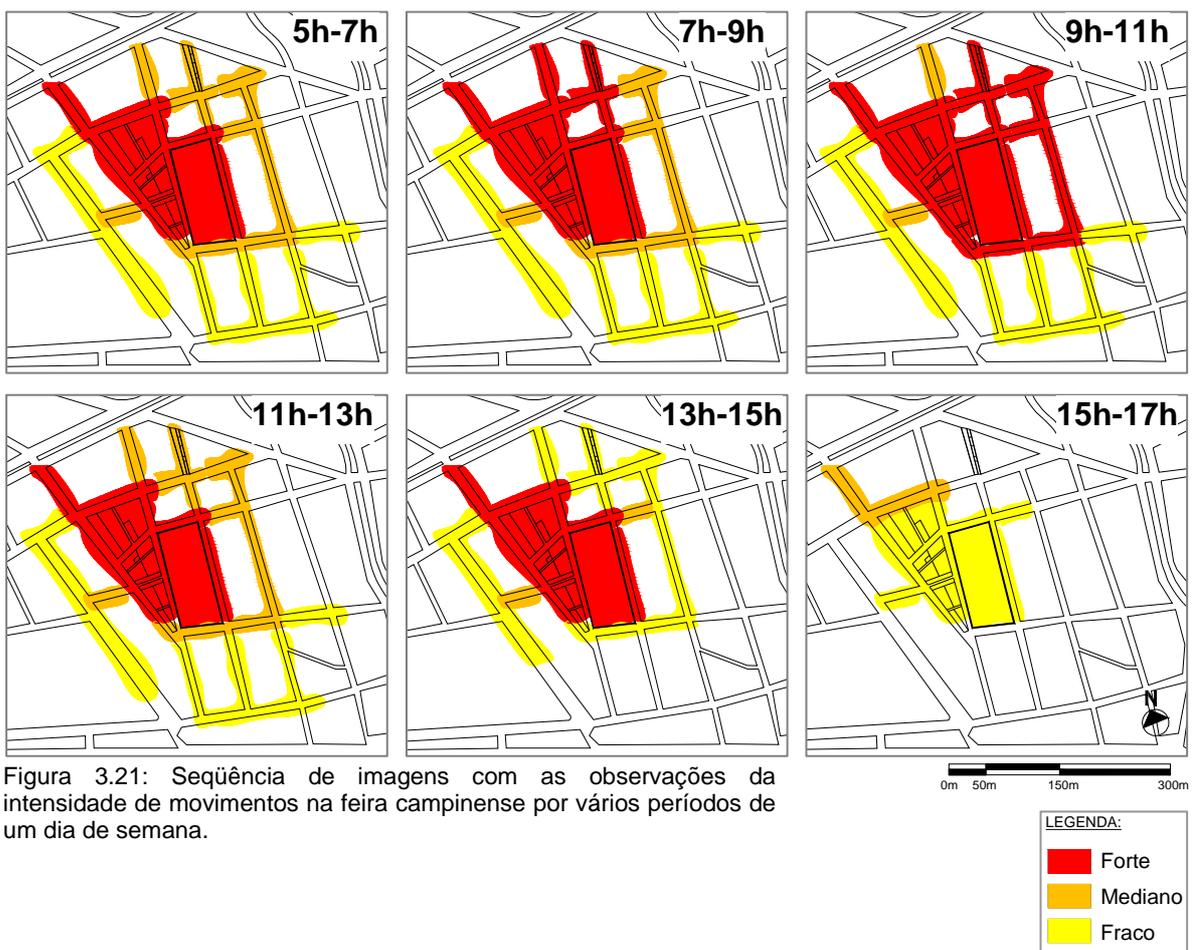
“40 bananas é um real”, outro vizinho, para não ficar atrás e perder a freguesia,



chamava mais alto ainda por três vezes seguidas “50 bananas é um real”. Mas não só eles. Outros se fazem ouvir da melhor e mais alta maneira possível ao anunciarem seus produtos aos quatro ventos.

Grande parte dos vendedores da feira campinense não pagam um imposto sequer. Segundo foi informado pelo diretor de feira central, apenas 80 a 90 deles pagam a taxa de uso do solo, atualmente de R\$5,00 a R\$10,00. Ele reclamou que, sem essa taxa, os benefícios para a feira são poucos. Isso explica porque muitas vezes durante os percursos feitos na feira os feirantes ficavam desconfiados se o trabalho realizado era para algum tipo de fiscalização.

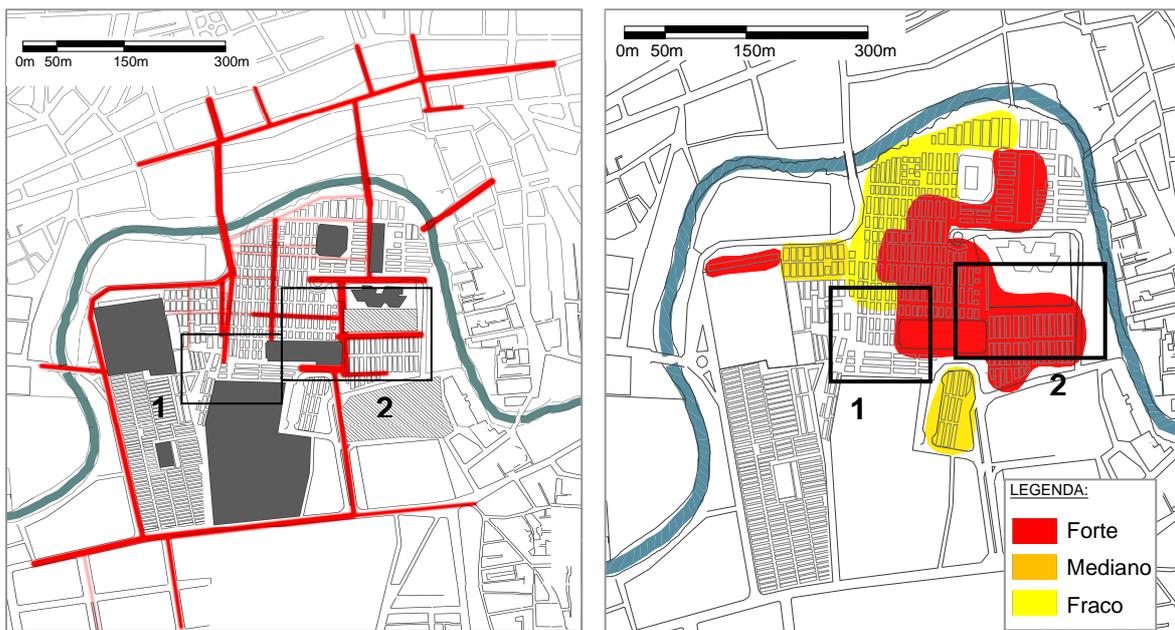
Deste modo, nesta feira, o sábado é o dia da semana de maior movimento, como mostra a figura 3.21 abaixo. Neste dia, as pessoas de outras cidades e da região aproveitam para vir e fazer compras, além de encontrar conhecidos e também venderem seus produtos.





3.2.1.2 Movimento intenso no interior da feira de Caruaru

Movimento intenso de pessoas. Isso foi constatado na feira de Caruaru em todos os momentos de observação do sábado, já que no domingo a feira não funciona, e a contagem de usuários refletiu isso. A existência de estacionamento próximo à Casa de Cultura é a grande responsável, pois desde cedo o fluxo de usuários já era grande, particularmente ao lado do mercado de carne, por cujos portões passavam até as 9h, 20 pessoas/min. em média (área 2). Motos, carros, ônibus, “Toyotas” (lotações), enfim, todo tipo de veículo tem fácil acesso a esse espaço da feira, trazendo os moradores dos sítios e de cidades vizinhas para “fazer a feira” e levar mantimentos para toda a semana, movimentando em especial a feira de frutas e verduras. Porém, em outros pontos longe das áreas acessíveis, não passava uma pessoa sequer, gerando uma sensação de insegurança, como nos portões 5 e 10, inseridos na área 1 marcada (figuras 3.22 e 3.23).



Figuras 3.22 e 3.23: Mapas de contagem de pessoas aos sábados (7h-9h) com destaque para as áreas 1 e 2 e outro de observação da dinâmica do movimento na feira no mesmo período.

Entretanto, durante a manhã, o número de pessoas foi gradativamente aumentando no sentido centro-feira, via os acessos tanto do centro quanto o posterior, o que se reflete no aumento do fluxo em grande parte dos portões, principalmente nas áreas norte e sul do Parque 18 de Maio. Porém a partir do



meio-dia, reverte-se o sentido do movimento, pois o comércio vai fechando, assim como grande parte das barracas, como mostram as setas azuis na figura 3.24.

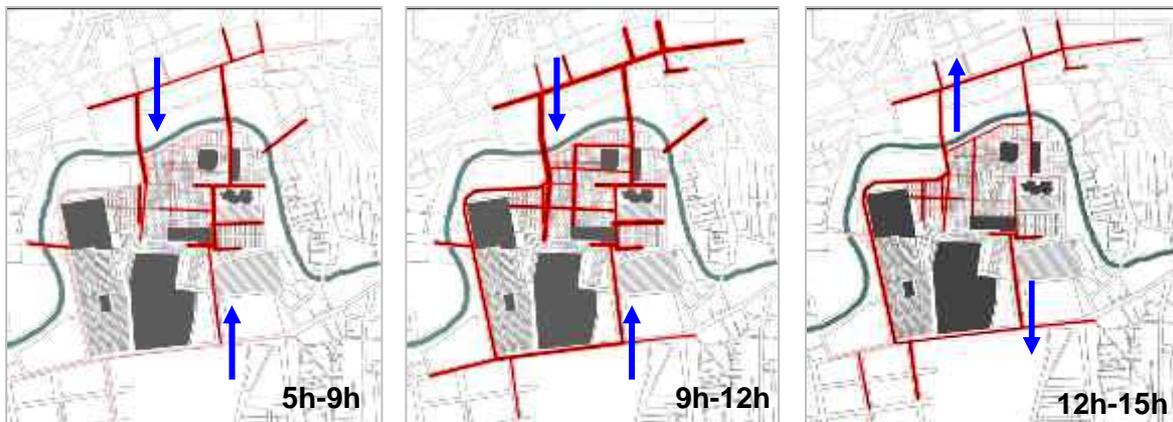


Figura 3.24: Figura com indicações do fluxo de pessoas em períodos do sábado (setas azuis).

3.2.2 Observação participante: durante a semana

Este período de observação se concentrou, tanto nas feiras campinense quanto na caruaruense, na atenção despertada por esses comércios informais em dias de semana. Havia a tendência de que, nesse período de observação e contagem, a dinâmica de funcionamento em ambas as feiras se diferisse bastante de dias de fim de semana, quando o movimento e o fluxo de pessoas são considerados fortes. E essa tendência se confirmou, com exceção da terça-feira em Caruaru, quando acontece a feira da sulanca, destacada mais à frente.

3.2.2.1 Movimento fraco mas constante na feira campinense

Na feira campinense, em alguns dias da semana foram feitas observações desde a manhã até o fim da tarde. Desde cedo já havia feirantes trabalhando, vendendo verduras e legumes na entrada principal e no interior da feira, porém em número reduzido por não ser um período com grande movimento de compradores. Entretanto, no decorrer do dia o fluxo teve um aumento considerável, com trechos recebendo um acréscimo de mais de 100% no número de pessoas, como na entrada principal da feira (portão 2), saltando de 9 para 22 pessoas/min, do período de 5h às 7h para o de 7h às 9h, respectivamente (figura 3.25 – partes 3 e 4).

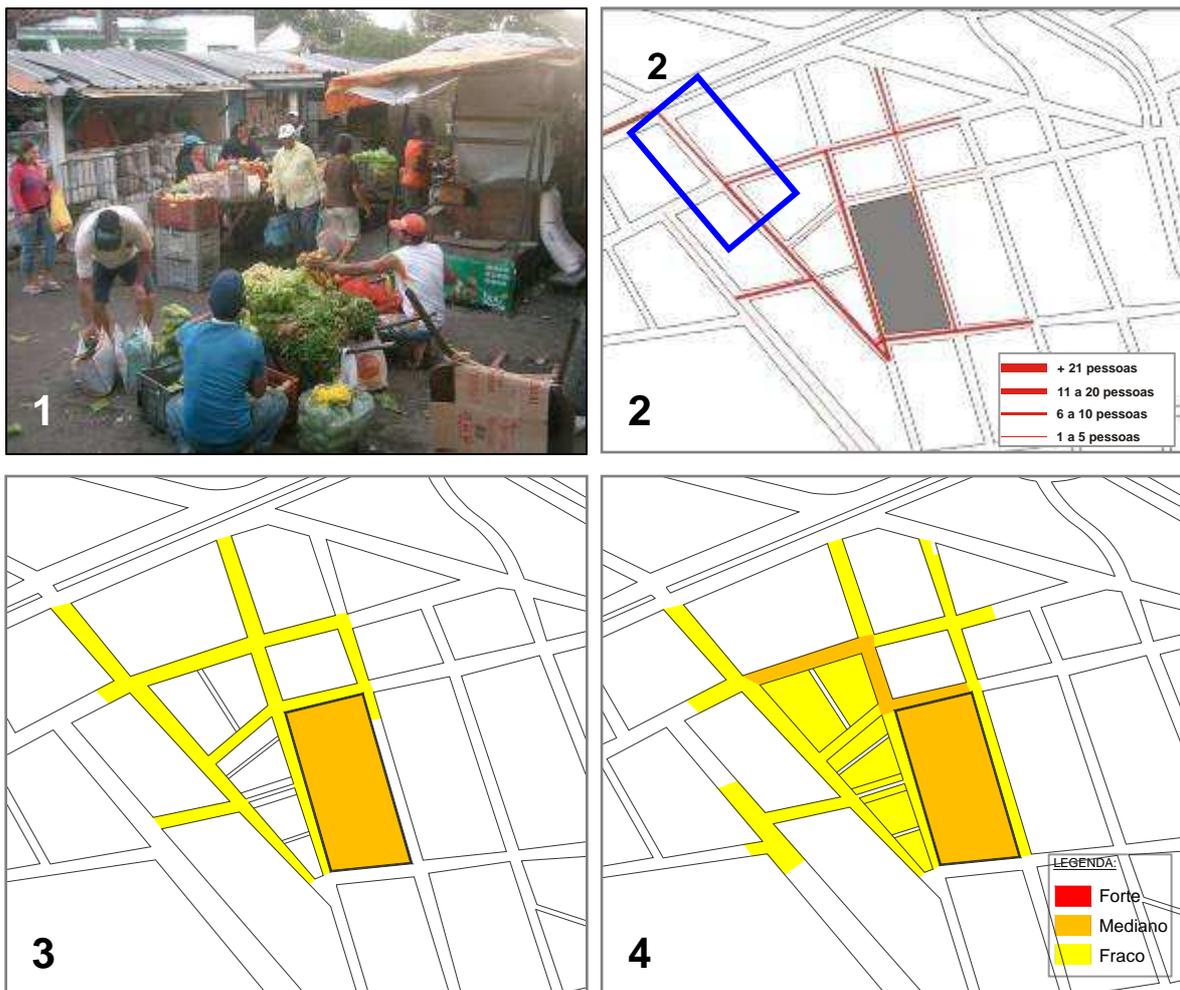
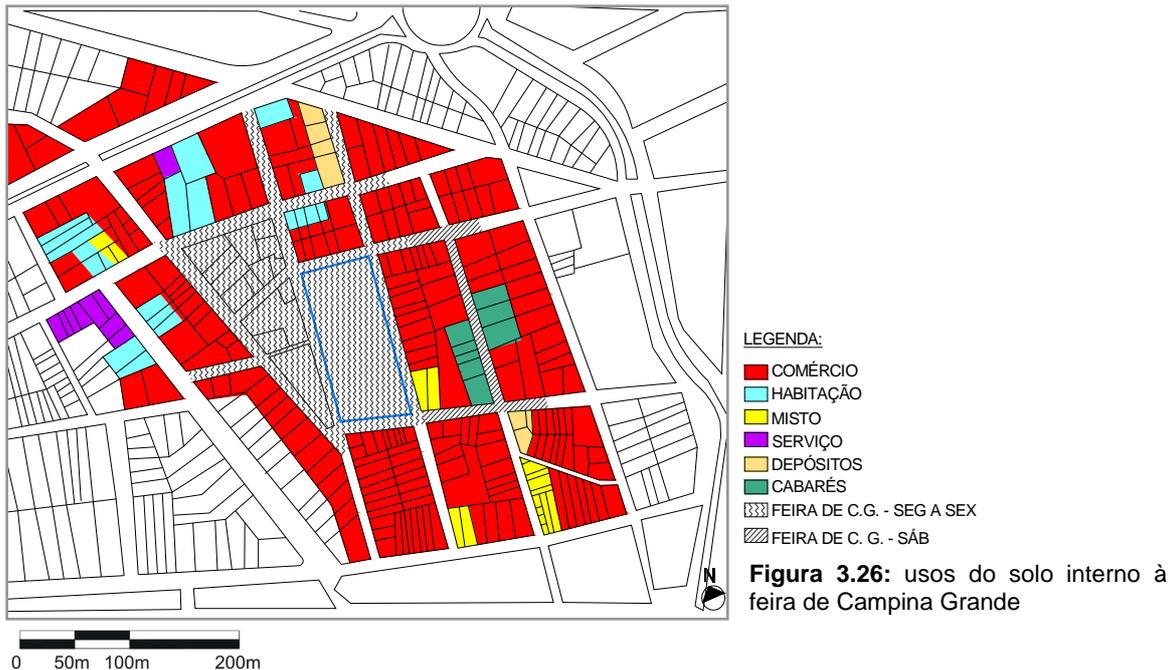


Figura 3.25: Imagens do movimento na feira campinense durante a semana. (1) Ambulantes em uma das entradas da feira; (2) portão 2 (11h às 13h) em destaque e o fluxo de pessoas no trecho mostrado pela imagem 1; (3 e 4) mapas com as observações de movimentação em diferentes partes da feira das 5h às 9h, durante a semana.. Fontes: Gustavo Miranda, 2009.

Ao longo do dia, outra área que recebeu um incremento no fluxo de pessoas foi o entorno do mercado de carnes, especialmente ao norte e a oeste. Isso é reflexo dos usos existentes na feira, como o de frutas e verduras (norte) e roupas, alimentação e utilidades domésticas (oeste). Essas áreas recebem grande parte do fluxo de pessoas durante o dia, pois têm mais poder de atração do que as demais em outros pontos da feira. (mapa 3.26)

Esse uso interno à feira produz imagens bem peculiares, como em alguns pontos de ruas próximas ao mercado de carne, onde se encontram mulheres, muitas vezes senhoras de idade debulhando feijão verde tranqüilamente em frente às pessoas que passam (figura 3.27), enquanto que seus maridos e filhos vendem saquinhos com esse feijão, além de macaxeira, uva, alface, dentre outros.



Já o comércio formal no entorno da feira é composto basicamente de atividades correlatas a ela, como por exemplo, mercadinhos, bares e lanchonetes. Outras, como diversas habitações que ainda permanecem nas ruas ocupadas pela feira, tentam permanecer por lá, já que um dos grandes problemas encontrados é que muitas dessas calçadas ficam ocupadas com mercadorias ou pela existência de barracas em frente às essas edificações, reduzindo a mobilidade de quem vive lá (figura 3.28).

Outro uso consolidado no entorno da feira é o de armazéns e galpões para o depósito de mercadorias vendidas em atacado, tanto para feirantes quanto para o comércio

formal. Para a feira, a existência desse uso não contribui para um significativo fluxo de pessoas na área, pois não é uma atividade geradora de movimento,



Figura 3.27: Mulher debulhando e vendendo o feijão. Fonte: Gustavo Miranda, 2008.



Figura 3.28: Barraca de feira em frente a uma residência em Campina Grande. Fonte: Gustavo Miranda, 2009.

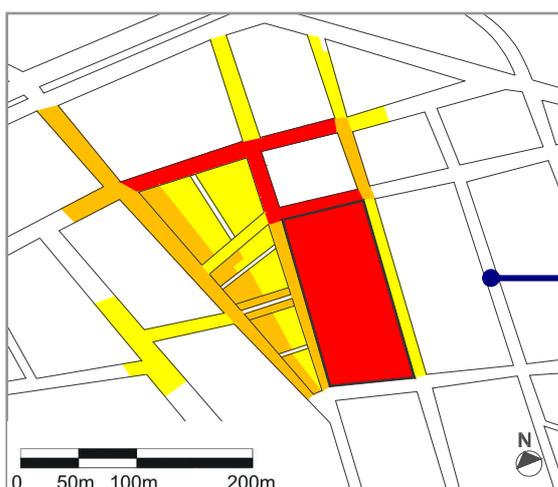


causado pela especialização¹⁹ nessa área, ou seja, não há uma diversidade de usos que podem atrair mais pessoas e incrementar o movimento dessa área, diminuindo a temporalidade existente.

De mesmo modo, há aquelas atividades que se aproveitam indiretamente da simbiose comercial entre formalidade e informalidade, como os prostíbulo ou “cabarés” (figuras 3.29 a 3.31), áreas bem decadentes de prostituição, que atendem ao público que vai vender/comprar no espaço da feira. Segundo o diretor geral da feira, Aguinaldo Batista, nas décadas de 60 e 70, quando não existiam casas de espetáculo na cidade, esses locais eram muito bem freqüentados por pessoas ricas da região, o que não acontece atualmente, porque usuários de drogas e bêbados são as personagens mais comuns nesses locais.



Figuras 3.29 e 3.30: Prostíbulo existentes na mesma rua da feira de animais vivos.
Fonte: Gustavo Miranda, 2009.



Região dos prostíbulo sem movimento significativo de pessoas.

Figura 3.31: Observação do movimento no entorno da feira campinense durante a semana, das 13h às 15h, com destaque para a área dos prostíbulo.

¹⁹ Está associado o processo conhecido por *coesão*. Esse termo foi emprestado da geografia humana para entender-se que, pela força econômica gerada no comércio, há uma tendência no setor varejista de “lojas do mesmo tipo se aglomerarem, apesar de não manterem negócios entre si”, formando então “um conjunto que cria atração para o consumidor que, estando interessado em um determinado produto terá alternativas para escolha” (CORRÊA, 1979, p. 104)

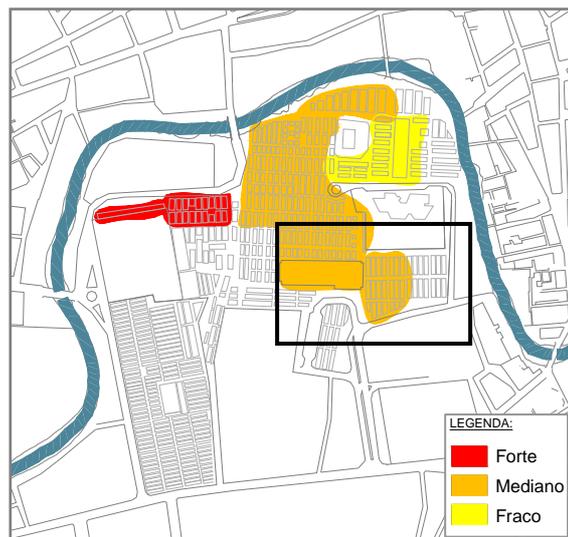
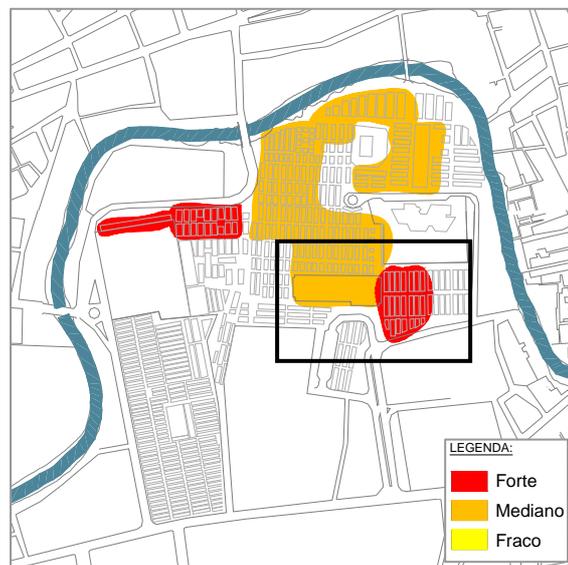


Tudo isso colabora para que a áreas sul/leste da feira sejam umas das mais segregadas, não só pela configuração da malha, mas também pelos usos existentes e pelo sentimento de insegurança gerado, fazendo com que as pessoas evitem andar por lá, tornando-se apenas local para estacionamento e venda de mercadorias em atacado.

3.2.2.2 Dias de semana na feira de Caruaru: de movimento fraco ao ápice com a sulanca

O início da semana na feira de Caruaru não tinha uma intensa presença de pessoas em muitas das áreas, mesmo naquelas em que se verificou grande movimento no sábado, como na área leste da feira, junto do setor de flores e do mercado de carne (área em destaque - figuras 3.31 e 3.33), já que por esses lados há fácil acesso, tanto de veículos quanto de pedestres. Confrontando-se esses dados empíricos com os verificados anteriormente através da sintaxe espacial, confirma-se realmente que há relação direta entre o funcionamento de determinadas partes da feira caruaruense com o grau de acessibilidade topológica a elas, pelo menos durante a semana.

Nesse período, funcionaram basicamente as mesmas feiras do sábado, porém algumas delas tiveram menor número de feirantes e compradores, como a de artesanato,



Figuras 3.32 e 3.33: Média da intensidade do funcionamento da feira caruaruense durante a semana, de 9h às 11h e de 11h às 13h.



frutas e verduras e flores, por exemplo. Na primeira, o movimento caiu em todos os portões em três vezes, na segunda, 50%, e na última é quase oito vezes menor em relação à contagem do sábado.

Continuando a percorrer a feira já no fim do dia para realizar as contagens, percebeu-se um movimento diferente próximo à área da feira da Sulanca, o que chamou a atenção. Muitos dos proprietários das barracas que permaneceram fechadas a semana inteira começaram a arrumá-las para a feira da Sulanca, que se realizaria apenas às 3h da madrugada do dia seguinte. Chegada de lotações com materiais, arrumação de tendas, limpeza das barracas, varrição das ruelas, disposição das araras e mostruários e desempacotamento das mercadorias, enfim, tudo o que um feirante pode fazer para organizar sua venda era feito.

3.2.3 Observação participante: a dinâmica espacial da sulanca

Nesta fase, a observação *in loco* foi feita em dia específico da feira da sulanca, em Caruaru. A terça-feira não foi nada parecida com os outros dias de observação, sendo bem mais movimentado e com maior número de feirantes e usuários dentre os períodos utilizados para observação. O fluxo de pessoas que se iniciou na tarde da segunda-feira aumentou e muito durante a madrugada. A arrumação das barracas não ficou apenas nas fixas, mas também nas desmontáveis, trazidas dos “cemitérios de barracas” (figuras 3.34 e 3.35) a partir da meia-noite por carregadores que as dispunham em vários pontos, como na feira de importados, em frente à feira de artesanato e de sulanca, ocupando uma das



Figuras 3.34 e 3.35: Cemitério de barracas de madeira e outras metálicas sendo consertadas. Fonte: Gustavo Miranda, 2008.



faixas de veículos, prejudicando muito o trânsito desde a madrugada (figura 3.36).

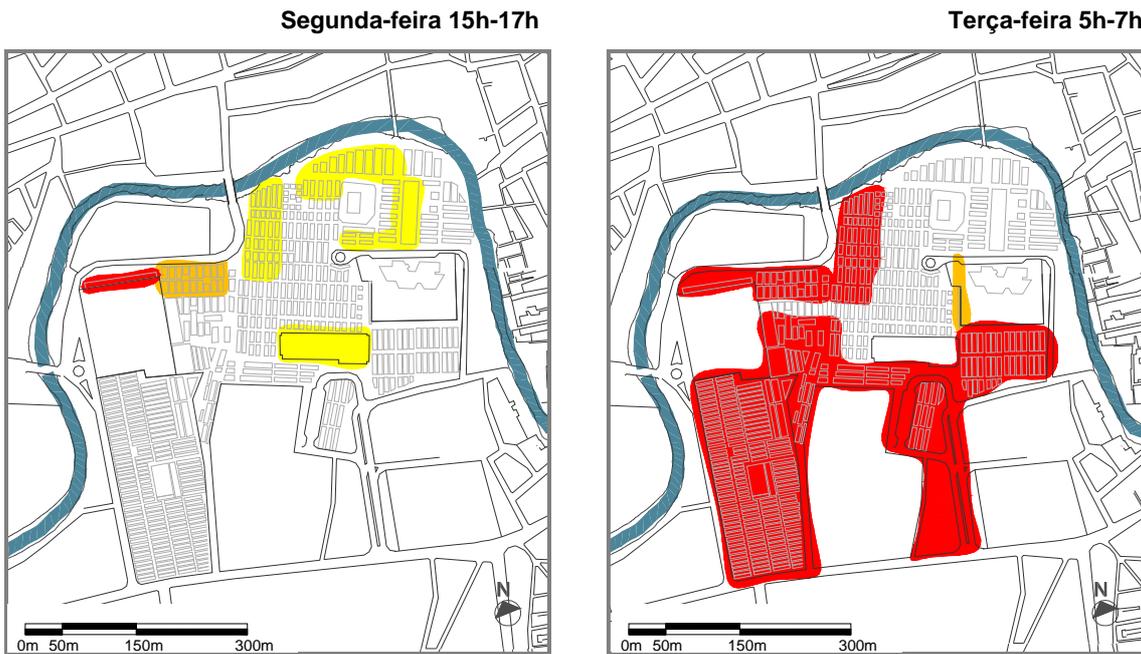
Ainda de madrugada a feira se iniciou. E foi a 5ª maior feira da Sulanca do ano (Dia dos Pais), segundo o presidente da Associação dos Sulanqueiros de Caruaru, atrás apenas da feira ocorrida antes do Natal, ano novo, dia das mães



Figura 3.36: Barraca sendo transportada para a rua ao lado do Parque 18 de Maio. Fonte: Gustavo Miranda, 2008.

e são João. Qualquer uma delas tem o poder de atrair mais de 100 mil pessoas por feira entre vendedores e fregueses, em um período relativamente curto de 8h de funcionamento.

Nas horas em que a feira acontecia, ficou claro que o enorme movimento e o grande fluxo de pessoas (chegando ao máximo de 147 pessoas/min no entorno da feira, e a 172 dentro da sulanca, no momento máximo da contagem, de 9h às 11h) se davam pelas bordas do Parque 18 de Maio e nas ruas próximas a ele, por causa do comércio de confecções e artigos relacionados. Assim, o poder de atração ou o “ímã” que esta feira exerce é tão forte que ela altera significativamente o equilíbrio interno representado no mapa de manchas (figuras 3.37 e 3.38), deslocando grande parte do funcionamento do interior da feira para a borda oeste/sudoeste do parque, fazendo com que muitos feirantes coloquem suas mercadorias no meio de outros setores, chocando as atividades. (figura 3.39 e 3.40)



Figuras 3.37 e 3.38: Mapas de observação mostrando a mudança na intensidade do uso do espaço do Parque 18 de Maio, mais ao norte na segunda-feira que antecede a sulanca, e mais a oeste/sudoeste, na terça-feira, dia da feira de confecções.



Figuras 3.39 e 3.40: Barracas de sulanca em frente às de artesanato.
Fonte: Gustavo Miranda, 2009.

Além disso, esse papel de “ímã” da sulanca tem causado muitos transtornos e mudanças às ruas no entorno imediato. As mudanças concorrem para um ponto em comum, a transformação do uso das edificações que ladeiam o Parque 18 de Maio, deixando de ser habitações e passando a ser lojas que comercializam produtos ligados à sulanca (processo de invasão-sucessão²⁰). Porém, a simbiose

²⁰ O processo de invasão-sucessão é definido por Correa (1979, p. 108-109) como estando associado, sobretudo, à questão residencial, ainda que possa afetar as atividades terciárias e industriais. No caso de áreas próximas ao centro de negócios, onde a deterioração dos imóveis é maior, adiciona-se o fato de que as atividades localmente centrais não só incitaram a saída da população de alta renda, mas também sua expansão espacial a partir do centro cria para os proprietários dos imóveis a possibilidade de esperar a



entre comércio formal e informal também traz bons frutos, como geração de empregos, principalmente para o primeiro, que depende fortemente da existência da feira de confecções e da força de atração de compradores que ela possui (figura 3.41).

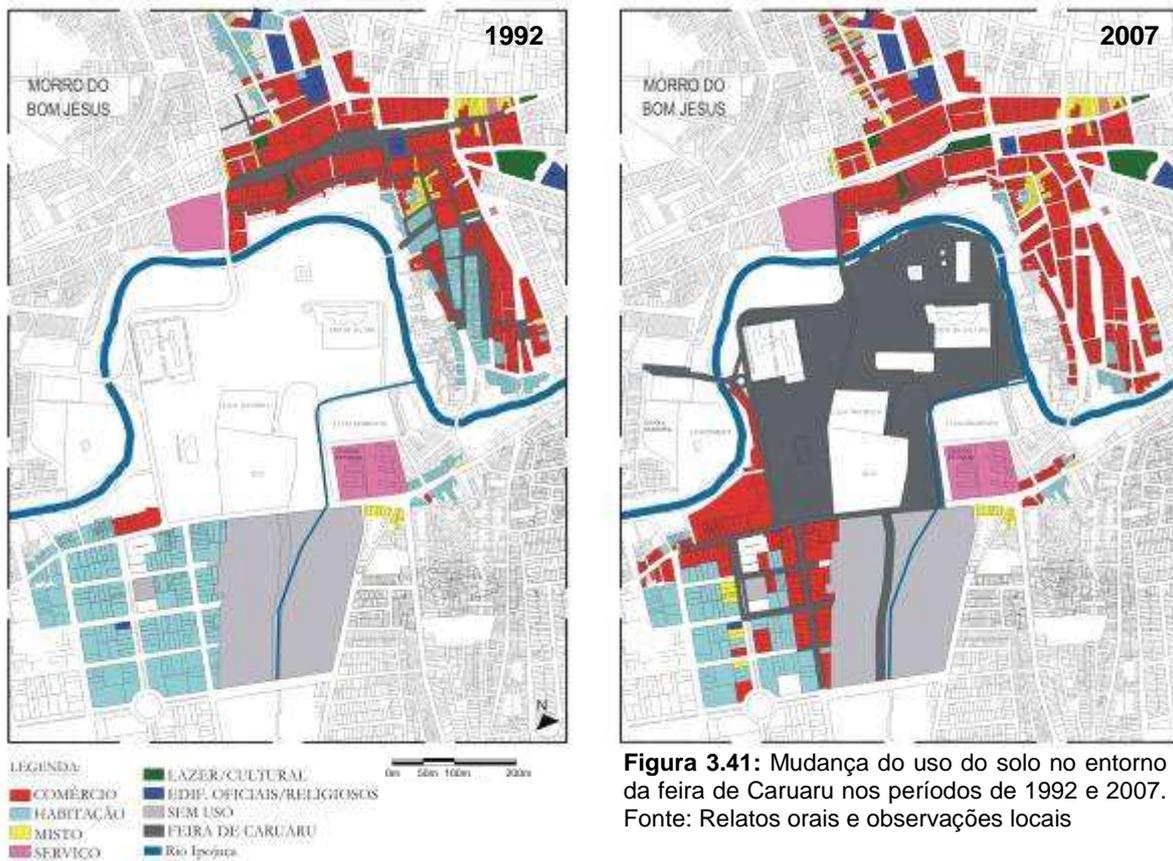


Figura 3.41: Mudança do uso do solo no entorno da feira de Caruaru nos períodos de 1992 e 2007. Fonte: Relatos orais e observações locais

Já os transtornos são mais impactantes, pois afetam a vida de milhares de pessoas que transitam por aquela área, desde a madrugada, quando as vias são tomadas por centenas de barracas e milhares de pessoas, diminuindo a velocidade do fluxo de veículos e causando engarrafamentos, além do processo de *esvaziamento interno* já citado anteriormente.

Outro contratempo é a falta de ocupação da área da sulanca no Parque 18 de Maio durante a semana, porque ela funciona por apenas 9h semanais, o que significa menos de 25% de uma semana de trabalho, deixando esse espaço ocioso por longos períodos, em comparação com outros dias de observação.

valorização, para depois se vender a residência ou o terreno para firmas que necessitam de localização central. A implicação do processo de invasão-sucessão está no caráter mutável das áreas residenciais que constituem uma cidade.



Deste modo, é fácil observar essa diferença no uso da área quando se colocam os vários momentos de observação juntos, desde as 5h da manhã às 17h, como nos mapas anteriormente. Essa constante e a elevada sazonalidade leva a uma sensível queda na vigilância social e ao aparecimento durante a semana de ações criminosas, como assaltos, homicídios e tráfico de drogas nessa área, relatados cotidianamente pelos meios de comunicação locais. (Figuras 3.42 a 3.43)



Figura 3.42: Comparação entre dois momentos diferentes em uma mesma área da sulanca, sem e com movimento de usuários. Fonte: Gustavo Miranda, 2009.



Figura 3.43: Comparação entre dois momentos diferentes em uma mesma área da sulanca, sem e com movimento de usuários. Fonte: Gustavo Miranda, 2009.

Então, por que não proporcionar uma rotatividade do uso do espaço ocioso da sulanca inserindo opções que diminuíssem essa sazonalidade, além de uma utilização mais sustentável para as centenas de barracas que ficam a maior parte da semana fechadas? Um exemplo dessa dinâmica no uso do espaço pode ser encontrado dentro da própria feira. Atrás da Casa da Cultura há um espaço, já citado na observação do sábado, que recebe a feira de frutas e verduras em



barracas desmontáveis, deixando livre um espaço que, na terça, já é ocupado por dezenas de barracas que vendem confecções.

Assim, o funcionamento da própria feira responde a questões como essas, sem necessidade de grandes mudanças radicais, apenas respeitando a territorialidade e a infra-estrutura comercial existente, a qual reflete o tipo de comércio que se desenvolve. Portanto, tudo isso acaba tendo reflexo e sendo determinantes no modelo de ocupação espacial nas feiras de Caruaru e campinense, além de vir modificando há tempos a dinâmica da relação entre esse comércio informal e a cidade, seja na economia, na cultura ou mesmo no modo de gerenciamento, mas principalmente, na espacialidade dessas feiras.

3.2.4 Classificações morfológicas das feiras: as feiras-percurso e as feiras-pátio

Associando-se o que foi mostrado na tabela do capítulo dois, onde vários teóricos discorreram sobre algumas classificações acerca das feiras, ao que foi discutido até aqui neste capítulo sobre a importância que as feiras têm no espaço da cidade, são propostas duas novas classificações morfológicas para as feiras.

A compreensão da diferenciação no modelo de ocupação do espaço urbano pelas feiras de Caruaru e Campina Grande foi fundamental para que fossem classificadas aqui de *feiras-percurso* e *feiras-pátio* (figura 3.44).

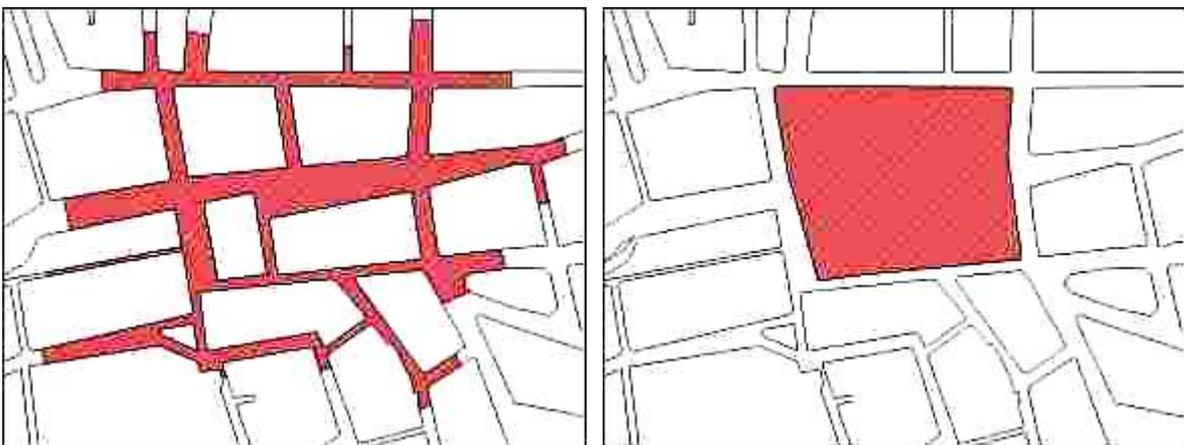


Figura 3.44: Esquemas síntese dos dois tipos de ocupação espacial, a *feira-percurso* e a *feira-pátio*

As *feiras-percurso* são as mais conhecidas por estarem dispostas no próprio tecido da cidade, independente da abrangência que possuem, se em algum bairro



ou uma com alcance regional, como é o caso da feira central campinense. Esse tipo de feira comumente “pede emprestado” o espaço da cidade para se fixar, mas devolve a ela uma dinâmica urbana que traz consigo um grande fluxo de pessoas, movimentos diversos e uma vida e econômica forte.

O número destes exemplares é inegavelmente maior do que o outro tipo de feira, a qual ainda vem se estabelecendo como um novo modo de disposição desse comércio nas cidades. O tipo *feira-pátio* é caracterizado por estar localizado em área própria e planejada, onde há uma infra-estrutura especial, independente e com regulamentação própria, para que possa acontecer em períodos independentes do funcionamento do comércio formal. Normalmente estão situadas em áreas à margem do centro, pois são reflexos de um novo modo de pensar, onde elas são tratadas como elementos nocivos à centralidade urbana, como aconteceu com a feira de Caruaru.

Esse tipo de feira tem uma relação diferente com o espaço onde está localizado, em relação à feira-percurso. A feira-pátio não toma emprestado o espaço onde se localizam, mas sim este se torna dela, o que leva a outro tipo de relação do usuário/ feirante com a feira e ao surgimento de conflitos de dimensões totalmente diferentes aos que ocorrem nas feiras de rua, normalmente por um relaxamento da gestão dessas áreas.

3.3 Dinâmicas de crescimento: *movimento centrífugo x retração centrípeta* na busca por novas espacialidades

Ambas as feiras de Caruaru e Campina Grande vêm passando atualmente por processos de ocupação do espaço urbano pelo comércio informal bem próprios e que têm reflexo quase que imediato na relação feira-cidade. Isso de certo modo tem a ver inicialmente com a dinâmica de comércio, pela busca por um número maior de vendas e de um aumento na renda desses feirantes. Conseqüentemente, há um reflexo espacial, seja na necessidade da retomada do espaço das ruas seja pela necessidade de sobreviver frente às ameaças da competição com o comércio formal.



Deste modo, por se tratarem de duas feiras com características tão diferentes, é importante aqui ter em mãos os mesmos instrumentos de leituras feiras já usados anteriormente, pois, com eles, observou-se que ambas passam atualmente por processos espaciais distintos.

Enquanto que a feira de Campina Grande está sofrendo uma diminuição em seu tamanho, a de Caruaru atravessa uma fase inversa, porque seu interior está perdendo feirantes e movimento de pedestres, ao mesmo tempo em que o entorno recebe cada vez mais comerciantes informais, movimento de compradores e atividades formais.

Mas por que isso acontece? Diferentes respostas para cada caso são possíveis, alguns motivos já foram apresentados neste trabalho e outros ainda serão explorados.

3.3.1 A feira campinense e o processo de retração centrípeta

Em Campina Grande, durante muitos anos a feira esteve situada em uma das vias mais acessíveis do tecido urbano, mas devido a intervenções municipais foi retirada desse local. Esse comércio informal cresceu e se desenvolveu no centro, como em muitas cidades nordestinas que tiveram seus inícios através de feiras. Mas em Campina Grande assim como em Caruaru, muitos contratempos aconteceram no desenvolvimento das cidades e que transformaram a presença das feiras no centro quase que insustentável devido aos conflitos espaciais e infra-estruturais (engarrafamentos, queda na mobilidade de pedestres e falta de limpeza, para citar alguns mais graves).

Ocorreu também uma forte pressão do comércio formal consolidado e próximo a ela. Segundo Costa (2003) e relatos dos próprios feirantes, na década de 90 um grande supermercado que estava prestes a funcionar próximo ao antigo local onde se situava a feira central na Avenida Floriano Peixoto (figura 3.46 – destaque 1), uma das mais importantes da cidade, passou a fazer *lobby* e pressão junto ao governo municipal para que ela fosse restringida ao espaço onde se encontra atualmente, a fim de não atrapalhar as vendas do supermercado, já que os produtos da feira eram mais baratos. Como



conseqüência natural, após a restrição do funcionamento na avenida Floriano Peixoto, ela foi perdendo comerciantes e passou a diminuir de tamanho, aproximando-se do núcleo da feira, que é o mercado central de carnes (setas azuis - figura 3.46). Tal processo, iniciado naquela época, é chamado aqui de retração centrípeta, definida como uma retração que tende a “se dirigir ao centro, que procura aproximar-se dele” (HOLANDA, 2004) (figura 3.45)

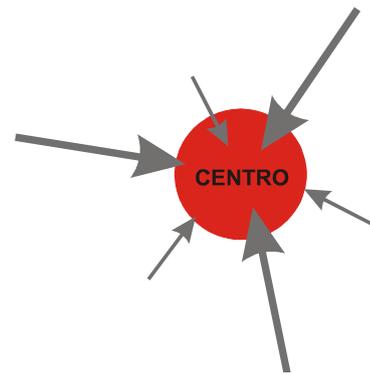


Figura 3.45: Esquema da retração centrípeta

Entretanto, essa retração está novamente presente na dinâmica espacial atual da feira, o que tem como conseqüência o esvaziamento interno de vários pontos da feira. Um dos espaços que mais sofrem atualmente com grandes áreas vazias é a rua Capitão João de Sá (área 2 – figura 3.46), onde apenas metade das barracas da feira de animais vivos funciona aos sábados. Nela, o movimento de pessoas é quase inexistente durante a semana, porém, nesses dias aumenta consideravelmente, cerca de 4 vezes em relação aos outros dias. (figuras 3.48 e 3.49)

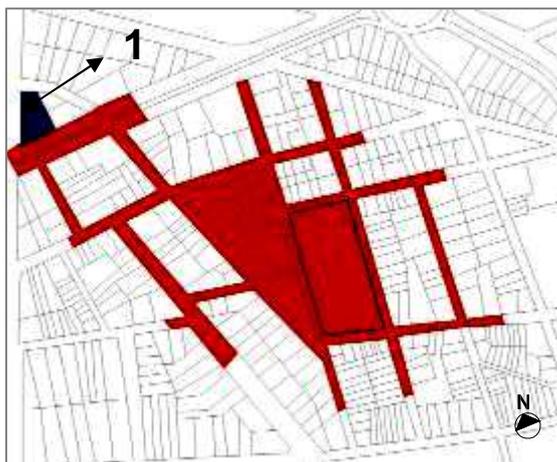
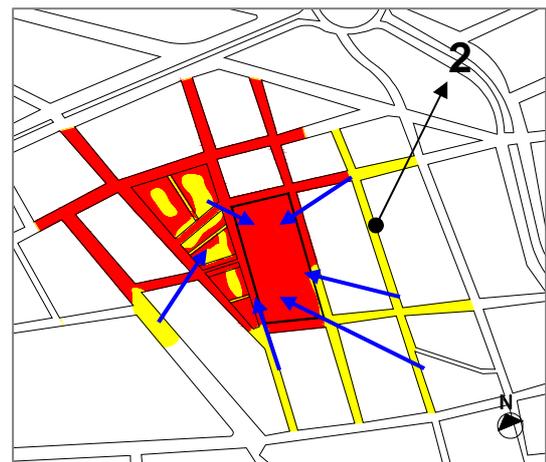


Figura 3.46: Mapa com ocupação da feira na década de 90, com o supermercado em destaque (1). Fonte: Relatos orais.

Figura 3.47: Mapa síntese dos processos de retração centrípeta (setas azuis) e de esvaziamento interno (áreas em amarelo) da feira de Campina Grande.



0m 50m 150m 300m

Área com processo de esvaziamento interno
 Área com atividades da feira



Figuras 3.48 e 3.49: Feira com algumas barracas funcionando em dia de semana e em pleno funcionamento na feira de animais vivos, aos sábados. Fonte: Gustavo Miranda, 2009.

Esse processo de esvaziamento interno foi causado por alguns motivos detectados nas visitas à feira, no acesso a dados da gerência do mercado central e nas conversas com feirantes. Dentre os mais relevantes estão:

- A queda do número de vendedores que existiam trabalhando na feira em na década de 90. De mais de 5 mil feirantes, para um pouco mais de 2 mil atualmente;
- A diminuição do número de usuários em alguns trechos da feira, especialmente aos sábados, onde barracas ficam abertas, mas recebendo poucos fregueses;
- Conseqüentemente, a queda na abrangência regional da feira. Ela continua recebendo usuários de pontos distantes do Estado, mas de locais mais próximos à Campina Grande do que anteriormente;
- A ausência de um setor “ímã” dentro da feira. Se houvesse, as atividades poderiam ser diversificadas, arrebatando clientes de diferentes regiões, voltando a dilatar a importância regional dessa feira;
- Existência de barracas fechadas, servindo apenas de depósito ou mesmo de “residência” para alguns feirantes (figura 3.50);
- O crescimento das feiras de bairro, apontado como um dos pontos mais fortes que causam a diminuição física da feira central e a saída de comerciantes para trabalharem nessas outras feiras livres, especialmente



aqueles que comercializam frutas e verduras. Uma das que se tornaram mais fortes com o tempo pela chegada de comerciantes advindos do centro foi a feira do Prata, um dos bairros da cidade;

- E, por fim, a mais forte consequência gerada por todos esses motivos e que implicou invariavelmente no esvaziamento interno da feira central: o fator financeiro, com a diminuição das vendas e da arrecadação dos feirantes.



Figura 3.50: Corredor entre barracas junto a bares, as quais servem como depósito em Campina Grande. Fonte: Gustavo Miranda, 2009.

3.3.2 A feira de Caruaru, crescimento centrífugo e esvaziamento interno

Durante o processo de coleta de dados fotográficos, confirmados na pesquisa de campo, percebeu-se que a feira de Caruaru havia iniciado um interessante movimento de transformação da ocupação do Parque 18 de Maio, especialmente do ano 2000 para cá, como mostrado por Miranda (2005). Os comerciantes informais que trabalham com confecções passaram a buscar o entorno próximo ao Parque (Figura 15). Isso é confirmado por van Nes (2005), que afirma que os vendedores procuram uma locação ideal como essa para alcançar o maior número de consumidores possível com o propósito de maximizar os lucros.

Assim, a dinâmica espacial com uma movimentação em busca de mais vendas e visibilidade é chamada neste trabalho de *crescimento centrífugo* (figura 3.51), tendo como o “centro” o interior do Parque 18 de Maio.

Essa denominação se baseia na associação de uma dinâmica espacial (crescimento) com uma característica dessa expansão, ser centrífuga, ou seja, esse crescimento da feira “tende a se

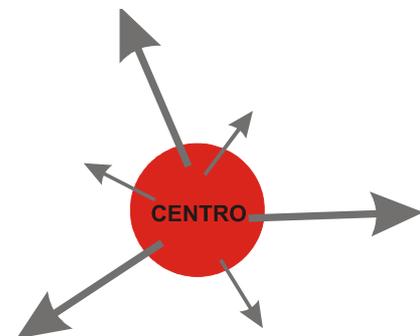


Figura 3.51: Esquema do crescimento centrífugo.



afastar do centro” (HOLANDA op. cit., 2004) do Parque 18 de Maio, pois os feirantes perceberam que, na rua, eles poderiam reverter, pois a exposição do produto e a visibilidade apresentada são maiores.

E as vendas realmente reverteram a tendência de queda, principalmente nos setores mais acessíveis ao público. Um dos exemplos mais contundentes é a *sulanca*, pois a movimentação de valores atualmente gerados pela feira como um todo chega só na parte de Artesanato a 20 milhões de Reais em média na baixa estação, e na *Sulanca*²¹, 22 milhões, atraindo até 100.000 pessoas nos meses de junho e dezembro (tabela 3.2), transformando-se, assim, no principal referencial econômico da feira de Caruaru.

<u>Setor da feira</u>	<u>Nº de comerciantes</u>	<u>Nº de compradores</u>	<u>Valor comercializado 2007 (em média)</u>
<i>Sulanca</i>	12000 +10000 invasores	100.000/ feira em alta estação ²² 35.000/ feira em baixa estação	<u>22 milhões/semana</u>
<i>Artesanato</i>	400	10.000/semana	<u>20 milhões/ baixa estação</u> <u>40 milhões/ alta estação</u>

Tabela 3.2: Dados das feiras de *sulanca* e de artesanato - 2007

Fontes: Associação dos *Sulanqueiros* e dos Feirantes de Artesanato de Caruaru.

Porém, esse crescimento para as bordas do Parque 18 de Maio é seguido de outro processo já discutido anteriormente e chamado de *esvaziamento interno* (figura 3.52). Ele só acontece porque muitos daqueles feirantes que estão situados nas ruas, deixaram de trabalhar no meio da feira, o que, de alguma maneira, trazia ocupação das barracas que hoje estão desocupadas, movimentação de pessoas, uma maior vigilância social e uma sensação de segurança atualmente rara.

Mas também outros fatores corroboraram para o espalhamento da feira no entorno e o surgimento de áreas subutilizadas no interior do Parque, porém o

²¹ Este segmento surgiu na década de 60, atuando no mercado de produtos populares de baixo custo, a partir do aproveitamento de sobras de tecidos de malha (*helanca*) vindos das indústrias dos sul do país, originando assim o nome *Sulanca*.

²² A *alta* ou *baixa estação* são períodos onde os feirantes tendem a ter uma variação das vendas de seus produtos. Assim, para eles a *alta estação* se dá nas festividades de São João (em junho) e fim de ano (dezembro). Todas as outras feiras são consideradas de *baixa estação*.



principal deles é a falta de uma gestão do espaço de feira mais atuante, pois, do contrário, a grande maioria dos conflitos citados abaixo não existiriam, ou se acontecessem, apareceriam em menores proporções. Assim, os principais conflitos detectados são:

- As ruas são vitrines para a venda de produtos, o que naturalmente atraiu cada vez mais comerciantes, especialmente os sultanqueiros. A partir daí, o comércio formal também foi aos poucos se concentrando nas ruas e edificações a oeste e a sul da feira de Caruaru, ao lado da sulanca. Entretanto, essa ocupação das vias traz a cada feira engarrafamentos e queda na mobilidade, principalmente àqueles que querem sair do centro para a parte sul da cidade e vice-versa (figura 3.53);
- Relaxamento da fiscalização do comércio informal nas vias de entorno do Parque, permitindo a saída de muitos comerciantes informais para as ruas e a chegada de outros no entorno do Parque;
- A falta de acessos por vias que pudessem “alimentar” o interior do Parque com mais afluxo de pessoas. Na discussão anterior sobre acessibilidade, mostra-se claramente que muitas áreas internas do Parque sintaticamente já possuem baixa integração, o que é refletido na utilização desses espaços (figura 3.54);
- Falta de infra-estrutura interna como iluminação, rede de água e de esgotos, banheiros públicos, drenagem e limpeza urbana, só para citar alguns, que levam à fuga dos compradores (figura 3.55);

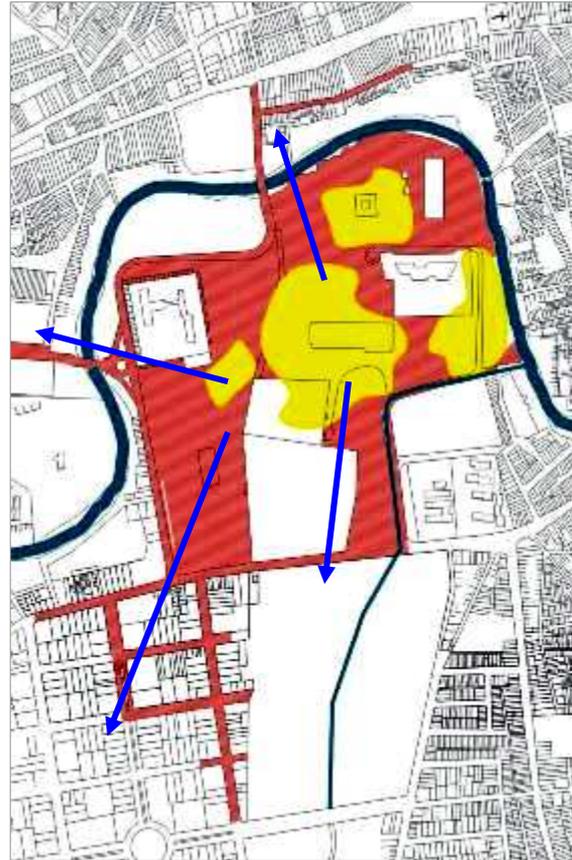


Figura 3.52: Representação do crescimento centrífugo (setas azuis) e do processo de esvaziamento interno (manchas em amarelo) na feira de Caruaru. Fonte: Gustavo Miranda, 2009.



- Existência de muitas áreas que estão encobertas visualmente por edifícios que compõem o funcionamento da feira, como os mercados de carne e de farinha, gerando uma baixa permeabilidade visual, além da proximidade das barracas gerando um campo visual pequeno (figura 3.56);
- Falta de sinalização turística indicativa que possa levar compradores para o interior da feira, associada à baixa permeabilidade visual existente. A ausência de informações visuais de fácil assimilação a quem não conhece o espaço dificulta saber que existem outros setores mais para o interior do Parque 18 de Maio. Esta ausência foi detectada por 5% dos entrevistados. A feirante Maria Elisa Santos relatou que alguns turistas se surpreenderam com a existência de outras áreas internas da feira de Caruaru, pois não havia sinalização (figura 3.57);
- E, por fim, esses fatores associados passaram a gerar um forte sentimento de insegurança, confirmado com o elevado número de assaltos a feirantes/usuários e roubos de mercadorias, segundo relatos dos feirantes. Como consequência da falta de policiamento mais ostensivo, assaltos acontecem constantemente, amedrontando tanto feirantes quanto usuários. Um dos exemplos dessa insegurança foi relatado pelos feirantes em uma das idas à feira para pesquisa de campo. Muitos deles afirmaram que em um fim de semana anterior aconteceu um assalto no meio da tarde, onde 3 ladrões entraram armados em uma das barracas de confecções permanentes e colocaram clientes e vendedores dentro de um dos provedores da loja, todos nus. Depois levaram uma grande quantia em dinheiro sem nenhum outro comerciante vizinho perceber. Isso só gerou mais receio dos feirantes em continuar dentro do Parque.

A maioria dos entrevistados, 38%, reclamou da forte sensação de insegurança gerada especialmente pela falta de policiamento. Como constatado na figura 3.57, um dos postos de policiamento estava fechada no meio da manhã. Já em dias de feira de sulanca (maior movimento), o contingente é aumentado para 30 policiais (Vanguarda, 2007) ainda insuficientes para cobrir uma área de mais de 150 mil m², isto é, uma relação de 1 policial para cada 5.000m², isso significa que 1 policial tem de



cobrir sozinho uma área equivalente a quase um campo de futebol. Outra comparação possível seria da patrulha de 1 policial para cada grupo de 3.335 pessoas²³, relação baixíssima para uma feira onde mais de 50 mil pessoas a visitam por semana.

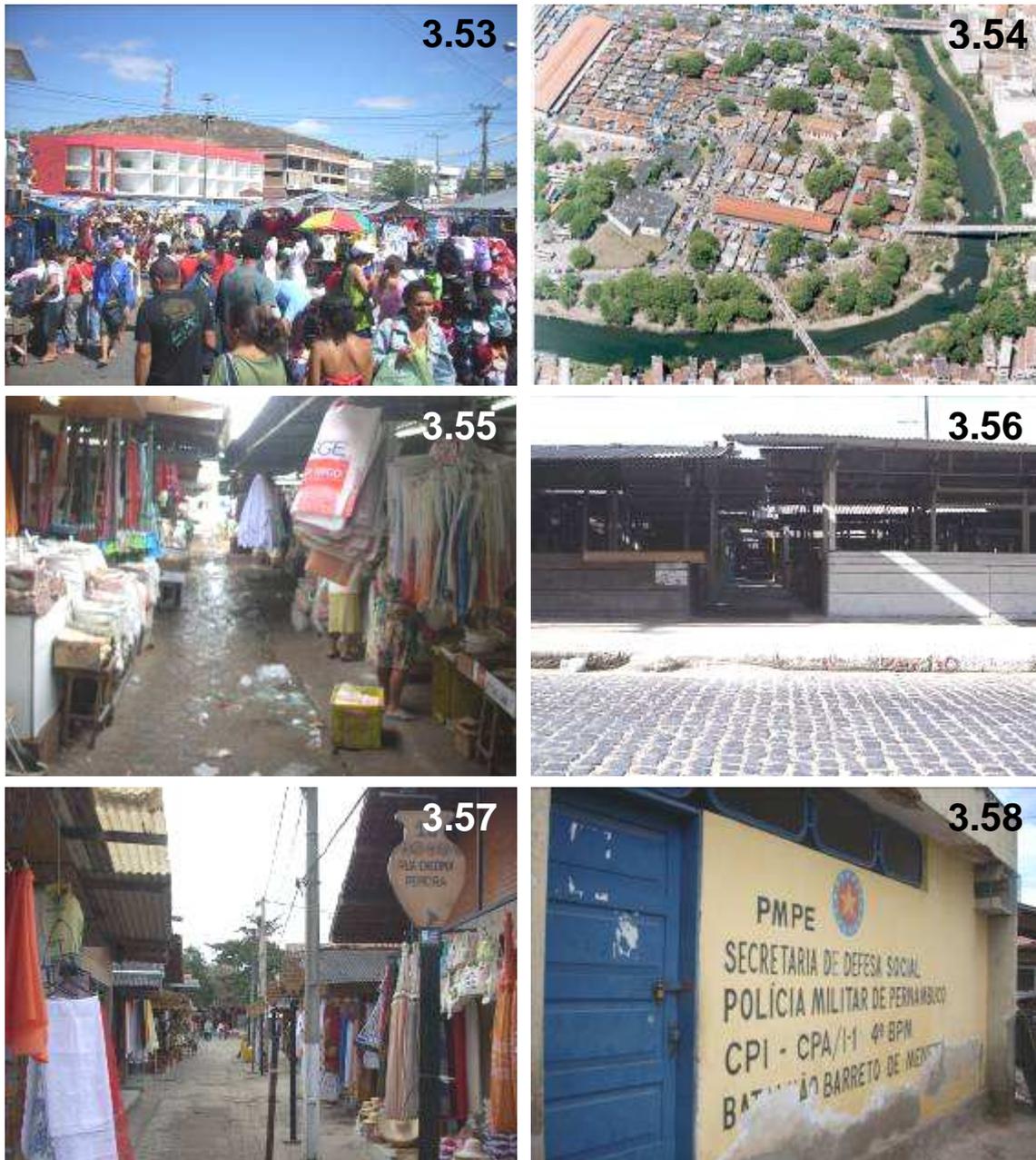


Figura 3.53 a 3.58: Imagens dos conflitos existentes na feira de Caruaru. Todos eles como causa e consequência do crescimento centrífugo e do esvaziamento interno.

Fonte: Gustavo Miranda (todas, exceto a 3.53), 2009. e Roberto Silva – PMC, 2002..

²³ A quantidade de pessoas utilizada para esse cálculo foi uma média de 50 mil., em dia de sulanca.



Então, ao se considerar a feira de Caruaru como uma estrutura viva, um organismo, por exemplo, a partir de todos os indícios que levaram a esse crescimento e expansão espacial com conseqüente esvaziamento interno de várias áreas do Parque 18 de Maio, seria possível diagnosticar que esse processo é quase processo pode ser comparado a um “câncer” para a feira, que deve ser combatido por seus efeitos nefastos no tecido, como a própria figura 3.52 deixa evidente. O emprego deste termo é baseado na definição apresentada por Holanda op. cit. (2004) e tomada de empréstimo para explicá-la: “qualquer aumento de volume desenvolvido em qualquer parte do corpo”, pois partes dela estão crescendo quase que sem controle enquanto outras estão “morrendo”. Todos esses argumentos só deixam claro que ações urgentes devem de ser tomadas através de um gerenciamento eficiente da feira para que se controle a expansão desordenada e o esvaziamento do interior do Parque 18 de Maio

Um processo evolutivo, uma dinâmica é composta por movimentos, tanto de crescimento como de involução, de adaptação ou mesmo de transgressão, todos são modos que qualquer organismo apresenta ao reagir a estímulos percebidos. E as feiras de Caruaru e Campina Grande refletem estes processos e para que sobrevivam é necessário saber mais sobre os efeitos destas dinâmicas na vida do comércio informal e formal e destes na vida das cidades.



3.4 Ações e reações na dinâmica espacial das feiras

Examinando o papel do tecido urbano de cada cidade no funcionamento das feiras caruaruense e campinense, a partir da análise da acessibilidade existente em ambas e como se dá a articulação espacial entre os comércios informais e o território, percebeu-se que de um modo ou de outro as feiras estudadas demonstram que ainda possuem um contato permanente com o espaço urbano das cidades. Exemplos fáceis de serem vistos são a ocupação das ruas e chegada de novos feirantes em Caruaru ou a saída de outros com o enfraquecimento das funções de feira, em Campina Grande.

Isso ficou claro com as observações em campo e com as contagens realizadas, onde a dinâmica de funcionamento está totalmente envolvida pelo fluxo e movimentação de pessoas. Porém, também se constatou a presença de fortes atratores (magnetos), como o comércio que tem preços baixos e muitas atividades semelhantes próximas umas às outras, que levam a um movimento maior em alguns dias, menor em outros, porém sempre existente.

As diferentes dinâmicas espaciais e as distintas formas de ocupação do território tornaram possível neste capítulo a classificação das duas feiras segundo os critérios acima. Segundo a dinâmica espacial surgiram a *retração centrípeta* e *crescimento centrífugo*, e de acordo com a forma de disposição no espaço, as *feiras-percurso* e *feiras-pátio*.

Entretanto, um dos objetivos também foi o de mostrar que um processo evolutivo, de adaptação ou mesmo de regressão são modos de reação a uma necessidade iminente. E as feiras de Caruaru e Campina Grande passaram ou ainda passam por situações como essas, expandindo-se, como em Caruaru, ou retraindo-se, como em Campina Grande. Deste modo, ficou claro que esse aprimoramento do funcionamento surge pela busca de mais rentabilidade e lucros, alvo primário de qualquer comércio, mas que traz consigo muitos conflitos, como a falta de uso em algumas áreas, baixa mobilidade no espaço, difícil inteligibilidade e sensação de insegurança, apenas para citar alguns deles.

Mesmo com tudo isso, é notório que ambas as feiras ainda têm o poder de gerar padrões de movimento, de atrair grandes fluxos de pessoas, de receber novos usos e de potencializar um desenvolvimento do espaço urbano. E a busca por



novos modos de relação com o território é concreta e clara a partir do momento em que as feiras exploram o espaço urbano da melhor maneira possível, já que suas ações são respostas a um contexto de necessidades iminentes.

Portanto, com toda a análise espacial da articulação das feiras de Caruaru e de Campina Grande, é possível adentrar então nas questões econômicas que envolvem os referidos mercados ao ar livre, já que esse também é um dos fatores imprescindíveis para a manutenção da relação feira-cidade.

“O TOMA LÁ DÁ CÁ”
ANÁLISE DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS NAS FEIRAS





4. “O TOMA LÁ DÁ CÁ”: ANÁLISE DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS NAS FEIRAS

Toma lá, dá cá. O preço vem cantando, manhoso, mas o freguês faz muxoxo. Moça bonita não paga, mas também não leva. E o preço é o combinado, que combinado não é caro nem barato. (GUGLIELMO, 2005, p. 11)

Focalizando a natureza das transações comerciais do produtor ao comerciante, do comerciante ao usuário dentro dos espaços das feiras, este capítulo visa discutir as relações econômicas que se estabelecem em um mercado ao ar livre e a dinâmica que esse comércio estabelece na cidade. Para isso, faz-se necessário entender que o tradicional “toma lá dá cá” é aperfeiçoado cotidianamente.

Para se chegar nele, a arte da pechincha e do fiado entram “em campo”, já que o segredo é existir confiança mútua entre vendedor e freguês. Porém, neste lugar democrático de sobrevivência, qualquer meio de ganhar dinheiro é potencializado e aqueles que querem realmente trabalhar encontram um campo fértil. Por isso que em um mesmo espaço os mais diferentes produtos coexistem, seja qual for o tamanho da feira. O vendedor de gelados e o carroceiro estão juntos dos feirantes de banana, de ferragens ou de brinquedos.

O ato da troca pressupõe a conversa para que o negócio seja efetivado. No entanto, ela só se realiza porque existe a necessidade e o desejo pelo bem, levando, assim, à busca de uma real satisfação quando a o [ato da] troca evolui. Alíás, uma boa negociação é aquela em que ambos os envolvidos [vendedor e comprador] saem satisfeitos (VARGAS, 2001, p.19).

Através do comércio informal das feiras, equilibra-se a dinâmica econômica de uma cidade ou região, a partir da concorrência, pois os mesmos produtos são vendidos em vários locais das feiras, trazendo os preços para níveis mais baixos do que em outros pontos da cidade e beneficiando o consumidor. Ou seja, as feiras são excelentes reguladores dos preços de mercado, o que só favorece a presença cada vez maior de usuários neste espaço.

E esse comércio informal quase nunca existe sozinho. Há sempre o comércio formal que se relaciona com as feiras. Este se beneficia do movimento trazido por elas, estabelecendo uma simbiose comercial com ela.



Uma feira pode influenciar muito no funcionamento e agregar valor à economia da cidade onde se situa, em especial quando há crises econômicas. Elas são responsáveis por grande parte da absorção da mão de obra do comércio formal, pois têm a capacidade de agregar aqueles que necessitem de renda e que, muitas vezes, não possuem qualificação profissional para tal.

Nas cidades menores, a dependência econômica delas para com as feiras é inversamente proporcional ao seu tamanho, ou seja, quanto menor a urbe, mais ela vai depender do comércio informal. E isso é claro nas cidades pequenas nordestinas, onde o comércio formal existe, normalmente comercializando produtos mais caros ou raramente encontrados nas feiras, enquanto que os mercados ao ar livre respondem, com menores preços, pelos itens cotidianos das cidades, como os de primeira necessidade ou os alimentícios, comumente comercializados pelos próprios produtores rurais e levados à cidade.

Com o foco nas feiras nordestinas de Caruaru e Campina Grande, observa-se que elas não são apenas testemunho vivo da criatividade do povo em sua permanente luta pela sobrevivência: são, como já dito, “empreendimentos econômicos cujos sucessos estão ancorados na cultura e na tradição, assim como na capacidade de adaptação aos novos tempos” (BRASIL, 2007b, p. 12). Apesar das mudanças nos hábitos de consumo, dos supermercados e das imposições das grandes corporações atacadistas e varejistas, o fato de terem permanecido como um espaço onde o consumidor encontra diversidade e tem escolha, está também no centro desse sucesso.

O peso econômico dessas feiras, portanto, “vem de sua capacidade de resistência e, ao mesmo tempo, de adaptação às transformações urbanas, ao turismo, aos avanços tecnológicos e às mudanças e injunções do sistema capitalista de produção e consumo” (BRASIL *op. cit.*, 2007b, p. 12), gerando impactos benéficos na economia das cidades.



4.1 Arranjos produtivos e os impactos na economia dos municípios pesquisados

Qualquer tipo de comércio informal em maior ou menor escala causa impactos à economia formal do município onde está situado, e com as feiras não é diferente. Em algumas cidades, elas conseguem impulsionar a economia dos mesmos e compor uma categoria denominada Arranjo Produtivo Local²⁴ (APL). E Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, duas das cidades vizinhas, compõem uma APL.

Como citado anteriormente, com o agravamento de crises econômicas, parcelas da população perdem empregos e buscam maneiras de obter uma renda, e as feiras desses municípios oferecem locais mais propícios para trabalharem nesses momentos de retração econômica.

Dados do Ministério do Trabalho de 2006 (tabela 4.1) indicam que em Caruaru e região 36,5% das 255 mil pessoas tidas como população economicamente ativa (PEA) estavam trabalhando como autônomos, em universo de 13,7% de desempregados àquela época (BRASIL, 2007a, p. 2)

População Economicamente Ativa¹	(em %)
Total de Ocupados	100
Assalariados	45,1
Do Setor Privado	36,5
Do Setor Público	8,4
Autônomos	36,2
Trabalha para o Público	21,3
Trabalha para Empresa	14,9
Empregadores	3,9
Empregados Domésticos	5,5
Demais	9,3

Tabela 4.1: Distribuição da População Ocupada Segundo Posição na Ocupação nos Município de Caruaru e Entorno ⁽¹⁾ no Trimestre Setembro-Outubro-Novembro de 2006

Fonte: Convênio MTE/SPPE/CODEFAT/098-2005, Item 5. Metodologia PED – DIEESE/SEADE

Notas: 1) Corresponde ao total dos Municípios de Caruaru, Bezerros, Gravatá, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama;

²⁴ Pode ser definido como uma “aglomeração de um número significativo de empresas que atuam em torno de uma atividade produtiva principal, bem como de empresas correlatas e complementares como fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, clientes, entre outros, em um mesmo espaço geográfico [...]” (ALBAGLI e BRITO, 2002).



Isto indica que em momentos de crise, tais percentuais devem subir consideravelmente, pois o setor reflete sensivelmente as desestabilidades econômicas locais, regionais ou mesmo internacionais. O aumento da população na informalidade compensa o número de desemprego formal. E esses pressupostos foram confirmados nas respostas dadas pelos feirantes, uma vez que todos os que possuem empregados confirmaram que não assinam carteiras de trabalho. Uma das feirantes em Caruaru confirmou esta informação, mas os justificou devido aos altos encargos que teria que desembolsar, o que, invariavelmente, refletiria no preço dos produtos e, conseqüentemente, na queda das vendas e de competitividade com os outros feirantes.

Por tudo isso é que as feiras de Caruaru e Campina Grande têm importantíssimo papel articulador na economia dessas cidades, especialmente porque englobam diferentes meios de emprego, o que representa arrecadação.

Assim, como grandes atratores de pessoas, as feiras são responsáveis diretos pelo movimento e arrecadação dos municípios de Campina Grande e Caruaru. Segundo dados coletados nas próprias prefeituras comparados com informações obtidas no campo, pode-se afirmar, portanto, que as duas feiras analisadas passam por diversos momentos econômicos.

A feira central campinense demonstra que sua participação na arrecadação municipal está em processo de enfraquecimento, pois o número de feirantes e de usuários na feira está diminuindo (tabela 4.2), como afirma o diretor de feiras e mercados, Aguinaldo Batista. Entretanto, o aumento da procura pela feira como local de comércio é um item fundamental para que a força econômica da informalidade gerada nesses mercados ao ar livre feira permaneça existindo.

Em Caruaru, a participação da feira na economia do município continua crescendo, especialmente pela existência do pólo de confecções do agreste, que leva à cidade mais de 40 mil compradores por feira, em média. Assim, segundo cálculos para este trabalho, estima-se que em dias de sulanca 7% da PEA da região pesquisada²⁵ mas que estão sem emprego encontrem-se trabalhando na feira, segundo números da pesquisa do DIEESE (2007).

²⁵ Corresponde à soma das pessoas empregadas nos municípios de Caruaru, Bezerros, Gravatá, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama.



Feira	Ano			Crescimento (%)
	2003*	2004**	2008***	
Caruaru	-	12125	17759	46,4
Campina Grande	3414	-	1876	-54,9

Tabela 4.2: Número de feirantes nas feiras de Caruaru e Campina Grande

Fonte: * COSTA, 2003, * departamento de Feiras e Mercados – Prefeitura Municipal de Caruaru e *** Administração do Mercado Central - Sec. de Serviços Urbanos. Período de 22/08/2008 - Cadastro dos vendedores localizados na feira central de Campina Grande

Nota: (-) Sem dados para esse ano.

Deste modo, a força que as feiras possuem e a articulação com o espaço nas cidades analisadas resulta em ocupações de espaço que estão se tornando corriqueiras, seja com a disposição de barracas na rua seja com a chegada ou saída de feirantes. Sendo que a diferença fundamental nos valores apresentados reflete o modo de articulação com o espaço urbano e uma maior ou menor participação das feiras na economia das cidades.

4.1.1 Duas feiras e duas influências econômicas distintas

As duas feiras apresentam características bem diversas quanto ao comércio que existe nelas. A feira campinense tem um caráter mais local, de subsistência e informal, enquanto que a de Caruaru, mais regional e “formalizada”. A primeira se apresenta desta maneira pelos tipos de produtos comercializados, basicamente de subsistência, como alimentos, que ocupam grande parte das ruas que abrigam a feira, e pela característica de que feirantes e usuários são da própria cidade, como mostra a tabela 4.3. Nele 23,5% dos entrevistados na feira campinense são da própria cidade, sendo metade de usuários e a outra metade de feirantes (tabela 4.4). Os outros 24% são de cidades próximas, confirmando que essa feira tem uma relação bem mais próxima do âmbito local de comércio que regional.

RESPONDENTES (N= 323)		feiras livres	
		Caruaru (N=223)	Campina Grande (N=100)
		%	
local de residência	cidade da entrevista	79,8	76
	cidades vizinhas	16,6	24
	outros Estados	3,6	0
Total (%)		100	100

Tabela 4.3: Local de residência de usuários e feirantes em cada uma das feiras livres.



LOCAL DE RESIDÊNCIA	FEIRAS LIVRES	TIPO DE USUÁRIO (N= 323)		TOTAL (%)
		usuário	feirante	
		%		
Cidade da entrevista	<i>Caruaru</i>	46	54	100
	Campina Grande	47,4	52,6	100
Cidades vizinhas	<i>Caruaru</i>	75,6	24,4	100
	<i>Campina Grande</i>	66,7	33,3	100
Outros Estados	<i>Caruaru</i>	50	50	100

Tabela 4.4: Local de residência de feirantes e usuários, por feira pesquisada.

Outro dado que confirma essa tendência foi mostrado por Araújo (2006) no gráfico 4.1 ao lado, o qual aponta que 93% dos freqüentadores eram locais (ARAÚJO, 2006, p. 68), sendo que, nesse dado não foram encontradas pessoas de outros Estados.

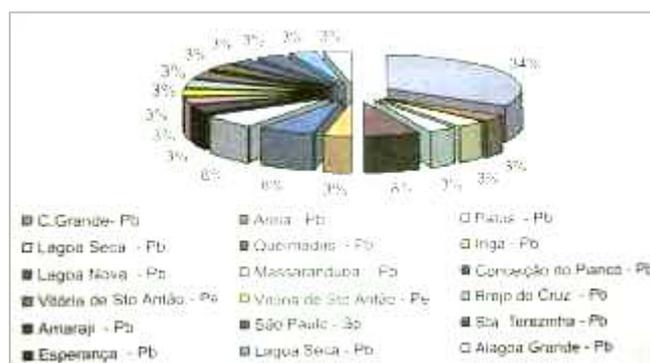


Gráfico 4.1: Gráfico produzido por Araújo (2006) sobre a naturalidade dos fregueses entrevistados. Fonte: Araújo, 2006, p. 68

E a caracterização como feira de subsistência é reforçada, como já mostrado através da área ocupada por cada setor na feira, pelos tipos de produtos existentes. Grande parte deles é de alimentos comprados de terceiros (84%), em geral na CEASA²⁶ da cidade, como afirmado por muitos feirantes. Ou seja, muitos poucos feirantes (4%) produzem e vendem esses produtos na feira, sendo o mercado formado basicamente por intermediários que revendem produtos, como cereais, frutas, verduras e legumes. (Gráfico 4.2)

²⁶ “CEASA” se refere à Central de Abastecimento gerenciado pelo governo do Estado da Paraíba.

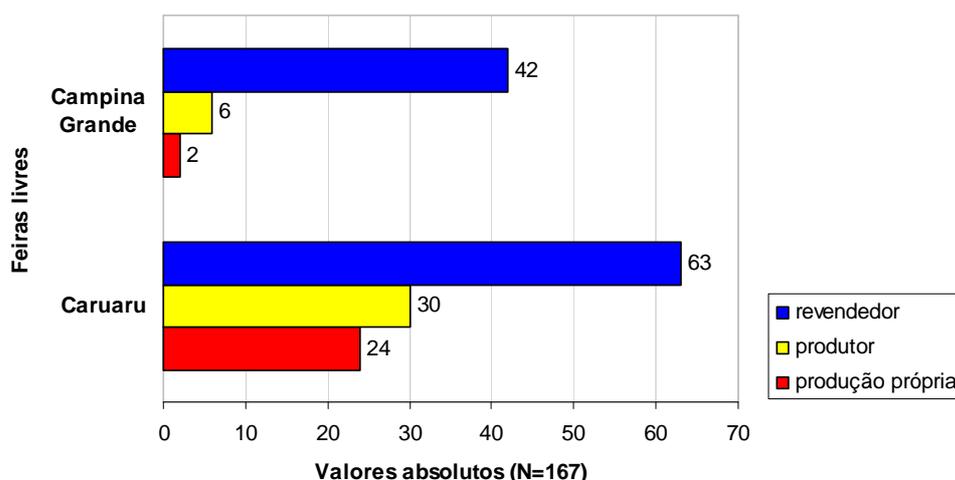


Gráfico 4.2: Como os feirantes campinenses e caruaruenses obtêm os produtos a serem comercializados.

Já a feira de Caruaru, conforme gráfico acima, pode ser caracterizada de maneira diferente, pois, mesmo com a revenda de produtos de terceiros para serem vendidos na feira por 53,8% dos feirantes, ainda 46,1% deles afirmam que seus produtos foram produzidos por eles ou comprados diretamente do produtor, estabelecendo uma relação mais próxima com a origem do item vendido do que na feira campinense. Dentre os fatores que podem ter contribuído para um resultado diferente do encontrado em Campina Grande é a existência de uma produção local, como por exemplo, na feira de artesanato, onde alguns dos comerciantes fabricam e vendem os próprios objetos.

Entretanto, muitos dos que apenas revendem na feira comercializam produtos industrializados, localizados em 6 dos 17 setores delimitados no Parque 18 de Maio. Isso representa mais de 35% dos setores existentes e uma ocupação de mais da metade da área, em períodos de maior movimento (terça-feira), pois nesse dia, o número é incrementado pelo reforço expressivo dos sulanqueiros que funcionam nas ruas e da feira de importados, indicando a olhos vistos o rompimento da relação produção x comercialização (“Paraguai”).



4.1.2 Classificações das feiras segundo as relações econômicas: feiras informais tradicionais e feiras híbridas

A compreensão da diferenciação no modelo de relações econômicas nas feiras de Caruaru e Campina Grande foi fundamental para que fossem classificadas de *feiras tradicionais* e *feiras híbridas* ou *semiformais* (tabela 4.5).

<u>CATEGORIA</u>	<u>CLASSIFICAÇÃO</u>	<u>CARACTERIZAÇÃO</u>
Econômica	<i>Feiras informais tradicionais</i>	São feiras com forte interface com a informalidade e normalmente voltadas para a subsistência da população.
	<i>Feiras híbridas</i>	Resultantes de mudanças na configuração comercial e econômica das feiras tradicionais, através de forte tendência à formalidade.

Tabela 4.5: Categorização a partir das relações econômicas das feiras de Caruaru e Campina Grande.

As *feiras tradicionais* são originadas a partir das feiras de rua, ou segundo a classificação morfológica, as feiras-percurso, caracterizando-se pela existência de um comércio onde a relação entre produtor e feirante é muito próxima, e também tem, muitas vezes, um caráter de subsistência tanto para o usuário quanto para o comerciante. Isso acontece porque normalmente ela serve como o único local onde muitas pessoas podem conseguir trabalho, especialmente para aqueles com uma menor qualificação profissional, e comprar produtos a uma preço mais baixo que no comércio formal.

Já o surgimento das *feiras híbridas* acontece pela necessidade de reorganização espacial das feiras-percurso gerando as feiras-pátio. Essa mudança gerou invariavelmente, ao longo de alguns anos, a transformação das relações econômicas antes existentes, pois “a atividade econômica apresenta um estreito relacionamento com o espaço físico que lhe dá suporte (...), é ao mesmo tempo causa e efeito dos padrões espaciais existentes.” (VARGAS, 2001, p. 49) Ou seja, a transferência de local gerou mudanças econômicas entre a feira e a cidade.

Por outro lado, a existência dessa tipologia permitiu uma ligação maior com a formalidade, mesmo ainda mantendo os aspectos da informalidade próprios desses mercados ao ar livre. Um exemplo que se encaixa nessa definição é a feira de Caruaru.



4.2 A relação comercial entre setor formal e as feiras

Qualquer trabalho ou discussão que aborde as feiras livres não pode deixar de tratar do comércio informal sem a perspectiva do comércio formal e da estreita relação entre eles. A “sistêmica conexão com o setor formal”, como denomina Portes et al (1991), é uma das conseqüências do crescimento da importância do setor informal atualmente, e em especial o das feiras livres, pois “[...] não há um recorte claro na dualidade entre setor formal e informal, mas uma série de interações complexas que estabelecem relações distintas entre a economia e o estado[...].”²⁷ (Portes et al,1991, p. 31).

Deste modo, os casos discutidos nesta pesquisa possuem, também como em outras feiras, uma ligação estreita com o comércio formal, pois muitas áreas em que os mercados ao ar livre estão situados são locais comerciais formais. A relação entre as duas expressões comerciais acaba sendo de simbiose, onde ambas se aproveitam do movimento de pessoas oferecendo diversidade de preços e produtos, e maximizando lucros.

Em Caruaru, o comércio central se beneficia de maneira clara do fluxo de pessoas que vão para a feira, e que, sem a existência dela, muitos dos pontos comerciais não existiriam. Por isso que se diz que as feiras, como grandes atratores de pessoas, proporcionam para quem está em volta grandes benefícios econômicos. Deste modo, o mercado ao ar livre impacta positivamente em áreas que estão sob determinado raio de abrangência com fluxo de pessoas e um aumento das vendas.

E os usuários, mesmo inconscientemente, mostram de certa forma a relação de simbiose entre comércio formal-informal. Ao serem perguntados quais atividades eles faziam conjuntamente ao ato de ir à feira, os usuários de Caruaru afirmaram que também vão às lojas vizinhas à feira, assim como às lojas do centro (gráfico 4.3).

²⁷ A seguir, trecho original de Portes et al (1991) “(...) there is no clear-cut duality between a formal and a informal sector, but a series of complex interactions that establish distinct relationships between the economy and the state (...)”. (PORTES et al,1991, p. 31)

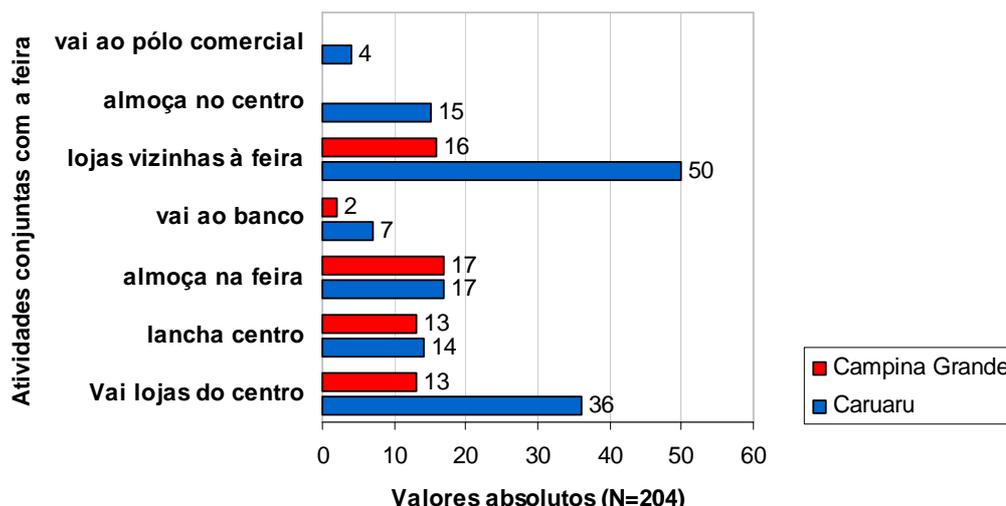


Gráfico 4.3: Atividades conjuntas dos usuários nas feiras de Caruaru e Campina Grande

Essa mesma tabela mostra que campinenses deram respostas muito quase equivalentes entre si, ao citarem mais de uma opção. A comparação entre as respostas dadas em ambas as cidades mostra como a disposição da feira no espaço urbano influencia de modo marcante nas ações daqueles que vão às feiras, isto é, como a feira de Caruaru não está no centro da cidade e possui a sulanca como um “ímã” imenso na atração de pessoas e do comércio formal, os fregueses aproveitam a ida à feira para resolver pendências na cidade e à sulanca para comprar nas lojas vizinhas, já que a variedade é grande de produtos devido à coesão das atividades.

Enquanto isso, como a feira de Campina Grande está localizada no próprio tecido urbano e não há um setor que se destaque como a sulanca em Caruaru, os usuários utilizam a feira como ponto de comércio vão em busca da feira e da cidade ao mesmo tempo. Nas observações de campo, constatou-se que, em Campina Grande, muitas lojas, bares, armazéns e supermercados próximos à feira encontravam-se sempre cheios, pois, como afirmou o feirante José Carlos, vendedor de bananas e com barraca em frente a um supermercado recém inaugurado, “as pessoas compram o que é mais barato na feira, e o que é difícil de encontrar ou tem de ser de melhor qualidade vão aos supermercados”. Essa é uma afirmação de um vendedor de comércio informal que reconhece que o comércio formal se aproveita cotidianamente da presença da feira central daquela cidade.



Além desse comércio, outra parte bem representativa do setor formal na região e extremamente beneficiada pela existência das feiras livres são as fábricas de fundo de quintal ou mesmo micro-empresas de confecção, bijuterias e eletrônicos, por exemplo, voltadas exclusivamente à fabricação de produtos a serem vendidos nas feiras da região.

Apenas em Caruaru, há 380 empresas formalizadas e outras 2000 informais produzindo confecção que vai ser vendida na cidade e no entorno (tabela 4.6), chegando até Paraíba, e especialmente a Campina Grande. Essa tabela mostra a diferença entre o faturamento das empresas formais e as informais. Nota-se a diferença significativa na proporção do faturamento entre elas, onde as formais estão concentradas nas faixas de 15 a 150 mil, enquanto que as informais, de menos de 5 a 15 mil reais, resultando em uma média próximo a 4 vezes menor de faturamento.

Esses produtos geram em Caruaru um faturamento desproporcional entre empresas formais e informais, pois os primeiros recebem quase quatro vezes mais do que no segundo tipo (Tab. 4.7).

Distribuição das empresas formais e informais no Pólo do Agreste Pernambucano - 2003					
Municípios	Formais		Informais		Total
	<i>Quantidade</i>	<i>%</i>	<i>Quantidade</i>	<i>%</i>	
Caruaru	380	16	2000	84	2380
<i>Toritama</i>	88	4,2	2000	95,8	2088
<i>Santa Cruz</i>	477	13,7	3000	86,3	3477
Total	945	11,9	7000	88,1	7945

Tabela 4.6: Distribuição das empresas formais e informais no Pólo do Agreste Pernambucano – 2003, com destaque para Caruaru. Fonte: FADE, 2003

Faturamento (R\$1000,00)	Caruaru (valores em %)	
	<i>Formal</i>	<i>Informal</i>
< 5	11,9	52,6
5 a 15	29,4	27,3
15 a 50	31,2	18,7
50 a 150	25,7	1,4
150 a 300	0,9	0
300 a 600	0,9	0
600 a 1000	0	0
≥1000	0	0
Média (R\$ 1000)	38,12	9,95

Tabela 4.7: Distribuição do faturamento mensal das empresas, incluindo faixões - 2003
Fonte: Destaque sobre informação da FADE, 2003



E esses dados apenas reforçaram a potencialidade do comércio de confecções da região, representada pela feira da sulanca, em Caruaru, que é responsável pela existência de grande parte dessas empresas, sejam elas formais ou informais. A observação mais atenta do papel econômico que ela exerce clareará algumas discussões posteriores sobre a feira caruaruense, a partir do entendimento da relação formalidade-informalidade gerada por esse setor, já que é um dos setores mais importantes desse mercado ao ar livre hoje em dia.

4.2.1 Sulanca: um setor que tem “pano pra manga”

A partir do surgimento em Santa Cruz do Capibaribe na década de 60, este segmento passou a atuar no mercado de produtos populares de baixo custo, a partir do aproveitamento de sobras de tecidos de malha (helanca) oriundos das indústrias do Sul do País, o que originou o nome Sulanca.

Baseada no tripé das cidades componentes do pólo de confecções do agreste (Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama), a feira da sulanca caruaruense vem se tornando um marco comercial para a região agreste de Pernambuco e alvo da atenção de muitas instituições governamentais, como o SEBRAE²⁸-PE, através do Projeto de Desenvolvimento do Pólo de Confecção do Agreste, que visa fomentar uma ação conjunta entre vários parceiros e que beneficia, também, as outras cidades deste pólo têxtil.

Os dados sobre este pólo impressionam: “mais de 60% da indústria de moda de Pernambuco está nestas cidades, apresentando produção mensal em torno de 8 milhões de peças e com mais de R\$ 25 milhões de faturamento por mês” (ESTADO DE SÃO PAULO, 2002). Juntas, as cidades fabricam mensalmente 55 milhões de peças de roupa, de calças jeans a calcinhas, ocupando 78 mil pessoas em 12 mil empresas de confecções e serviços - a maioria ainda de fundo de quintal, de acordo com o SEBRAE e o Sindicato da Indústria do Vestuário de Pernambuco (Sindinvest-PE) (figuras 4.1 e 4.2). O seu presidente, Fredi Maia, estima que “2,3 mil das empresas estão formalizadas, num processo irreversível

²⁸ Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas



para quem quer crescer e se posicionar no mercado”. (ESTADO DE SÃO PAULO, 2002)



Figuras 4.1 e 4.2: Tipos de confecção vendida na feira, moda praia e moda íntima, respectivamente. Fonte: Ângela Mirella, 2009.

Este é um dos setores da feira de Caruaru que mais contribuem para a economia da cidade, já que grande parte dos empregos informais gerados na feira é preenchida por muitos dos desempregados do mercado regional²⁹, totalizando 35 mil pessoas (BRASIL, 2007, p. 2). Desse universo, segundo dados da Prefeitura Municipal, 12 mil estão cadastrados para trabalharem nesse setor, além de mais 10 mil exporem suas mercadorias apenas às terças-feiras³⁰, totalizando 22 mil pessoas comercializando na feira (MIRANDA, 2008), ou seja, em um cálculo rápido conclui-se que só a sulanca pode absorver quase 63% da mão de obra desempregada da região, nem que seja por um dia apenas.

A sulanca caruaruense, segundo Miranda (2008), gera em média 20 milhões de reais em arrecadação por semana. Outro dado surpreendente é que, se comparado a outras feiras, a sulanca tem quase 4 vezes mais feirantes do que a de frutas e verduras, por exemplo, que acontece diariamente em diversos pontos do Parque 18 de Maio, ou mesmo 55 vezes mais do que a feira de artesanato, que é uma das mais conhecidas pela população (tabela 4.8).

Do mesmo modo, a atratividade de pessoas que vêm comprar na sulanca é altíssima, uma média de 40 mil por feira, ou seja, 4 vezes mais que a de artesanato ou 2 vezes mais do que a de frutas e verduras. Já em relação ao

²⁹ Abrange as cidades de Caruaru, Bezerros, Gravatá, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe.

³⁰ Estes 10 mil são considerados “invasores” do espaço público por não pagarem qualquer imposto municipal ao venderem suas mercadorias.



arrecadado, esta empata com a de artesanato em números absolutos, mas é sete vezes maior do que a de frutas e verduras.

TIPO DA FEIRA	Nº DE COMERCIANTES	Nº DE COMPRADORES	VALOR COMERCIALIZADO 2006 (R\$/ ESTIMATIVA)
Frutas e Verduras	5900	20.000/ semana	3 milhões/semana
Sulanca	12000 +10000 invasores	100.000 alta estação 35.000 baixa estação	22 milhões/semana
Artesanato	400	10.000/semana	20 milhões/ baixa estação 40 milhões/ alta estação

Tabela 4.8: Dados das feiras de Frutas e Verduras, Sulanca e de Artesanato - 2006

Fonte: MIRANDA, 2008

4.2.2 O processo de mudança do perfil da sulanca

Apesar de o nome sulanca ser um forte identificador dos itens de confecção da região, “como se fossem produtos de baixo preço e baixa qualidade, consumidos por uma população de baixa renda” (Gomes, 2002, p. 97), esta realidade deixou de ser verdade já há um bom tempo. Muitas empresas conseguiram firmar suas marcas em centros comerciais e vitrines de shoppings centers, procurando fugir deste estigma, já que as roupas produzidas no pólo também são “fornecidas com exclusividade para grandes magazines do país como as marcas Marisa, Pernambucanas ou Riachuelo” (Estado de São Paulo, 2002), e também para o exterior, especialmente o mercado europeu (Portugal, Espanha e Itália) (tabela 4.9).

Assim, para alcançar uma venda com maior qualidade nos produtos, a sulanca está passando por uma fase de renovação do modo de funcionamento, dos produtos, de ampliação da abrangência, e mudando um pouco o perfil, porém sem perder a capacidade de dinamizar o espaço onde se situa ou mesmo a economia da região onde ocorre.



Segmento	Caruaru	Toritama	S.C.do Capibaribe
Malha / Tecidos Planos	35%	10%	60%
Camisaria	17%	-	-
Jeans	30%	90%	-
Surfwear / Streetwear	10%	-	5%
Moda Íntima	5%	-	20%
Moda Praia	-	-	15%
Fardamento	3%	-	--
Total	100%	100%	100%

(dados compilados por estimativa)

Tabela 4.9: Participação por segmento de dentro da atividade de confecções, com destaque para Caruaru. Fonte: SEBRAE – Relatório do arranjo produtivo de confecções do agreste pernambucano, 2006.

4.3 Quem vende e quem compra: as diferentes personagens das feiras analisadas.

Pelo espaço das feiras, os mais diferentes personagens passam todo dia, construindo relações sociais, culturais e urbanas, isto é, relações humanas que estão na raiz desse elemento econômico das cidades. Então, para entendê-las, faz-se necessário analisar os perfis daqueles que fazem das feiras de Caruaru e Campina Grande: os feirantes e os usuários. Portanto, traçar linhas gerais do funcionamento de cada uma passa pelo entendimento de questões como: quantos são, de onde vêm, quanto gastam ou arrecadam, dentre outros aspectos.

4.3.1 Os feirantes: os agentes de comércio

Os feirantes são aquelas personagens que mais têm o sentimento de pertencimento às feiras, pois estão lá todos os dias, sob sol ou sob chuva. A fim de traçar o perfil desses comerciantes informais, buscou-se primeiro realizar entrevistas informais com eles, em Caruaru e Campina Grande, que serviram de embasamento para que, posteriormente, fossem construídos formulários.

O modo de trabalho, a geração de emprego e renda, as diversas impressões que eles têm sobre essas feiras, as relações de vizinhança, o grau de dependência desse comércio, foram questões que surgiram nas diversas conversas que formaram o conhecimento das realidades de ambos. Porém, é necessário salientar que é muito difícil “contar com um estudo completo que defina o perfil



peçoal do comerciante de rua” (YÁZIGI, 2000, p.198) em função da sua própria mobilidade e uma certa ilegalidade.

Também se tentou mostrar o momento atual vivido por esses comerciantes informais. Para isso, foram feitos questionários aleatórios com 157 feirantes, sendo que com 5 deles em cada setor, no mínimo³¹, totalizando 109 em Caruaru e 48 em Campina Grande (tabela 4.10), porém, de maneira que se abrangessem todas as feiras possíveis. Na feira campinense o universo de feirantes foi menor do que em Caruaru por dois motivos principais: a feira tem um menor número de feirantes total e menor número de setores internos.

		Tipo de usuário		Total
		usuário	feirante	
Feiras livres	Caruaru	114	109	223
	Campina Grande	52	48	100
Total		166	157	323

Tabela 4.10: Quantidade de pessoas entrevistadas em cada feira, divididas entre usuários e feirantes

Deste universo de comerciantes, 57,3% foram mulheres e o modo aleatório com que esta pesquisa de campo foi feita confirma facilmente essa hipótese (gráfico 4.4). Alguns motivos foram confirmados por algumas feirantes, como por exemplo, a necessidade de uma renda extra na casa, porque o marido já tem um emprego e a esposa busca complementar essa renda trabalhando na feira, ou mesmo o que a esposa recebe é a única fonte de renda da casa para sustentar a família.

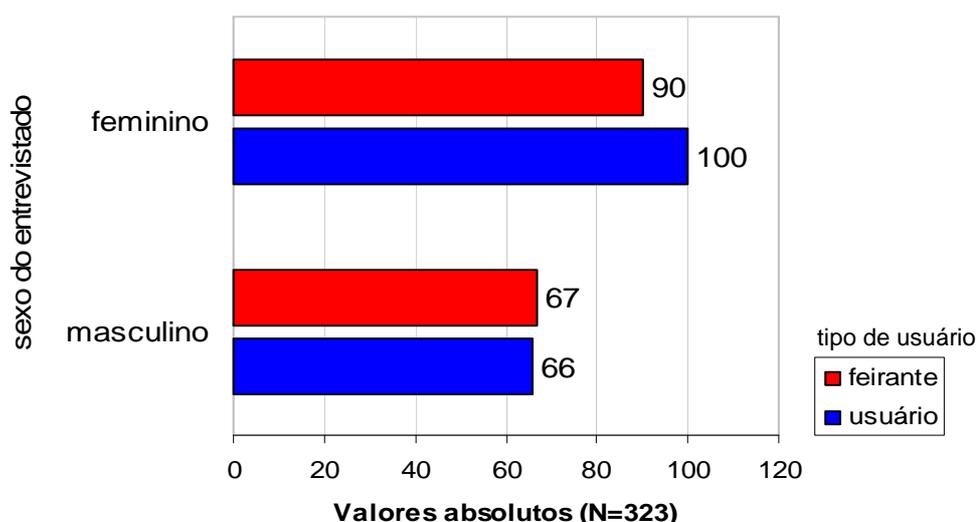


Gráfico 4.4: Correlação entre o sexo e o tipo de usuário.

³¹ Mas alguns setores nos dias visitados não continham esse número todo, assim, tomou-se o maior número possível existente. Em outros, motivos de insegurança impediram a aplicação dos questionários, como afirmado no capítulo metodológico.



Em relação ao local de residência dos feirantes, a maior parte deles mora nas cidades das entrevistas (86,6%), sendo que do universo de 136 vendedores entrevistados, 70,5% feirantes são de Caruaru e 29,4%, de Campina Grande (gráfico 4.5).

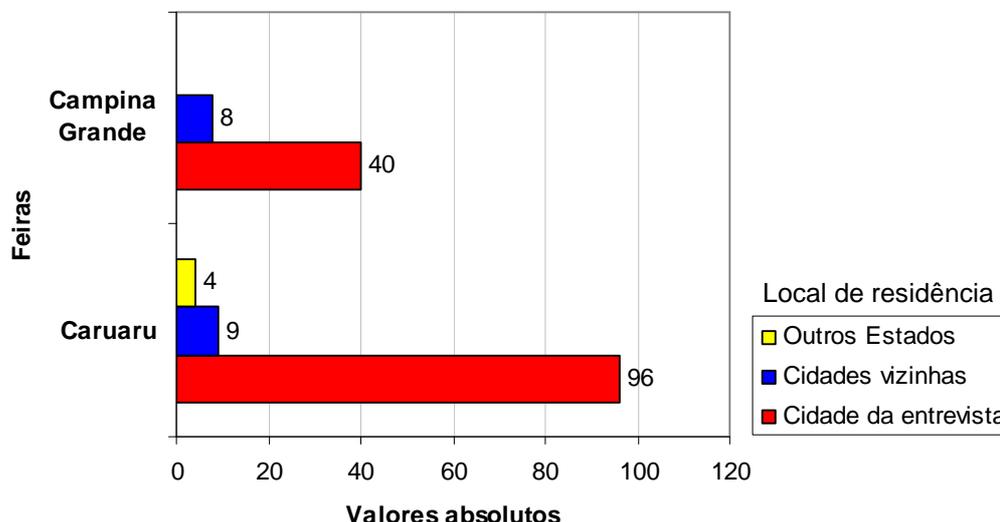


Gráfico 4.5: Gráfico mostrando o local de residência dos feirantes de Caruaru e Campina Grande

Já o gráfico 4.6 abaixo mostra a tendência em venderem mais e terem maior arrecadação aqueles feirantes que têm produção própria e a utilizam para comercializar nas feiras, já que a margem de lucros também é maior. À medida que também se observa a linha do item “do produtor” em direção à linha “do revendedor”, nota-se que a quantidade de feirantes inseridos nessas categorias aumenta, assim como cai a faixa de arrecadação dos mesmos.

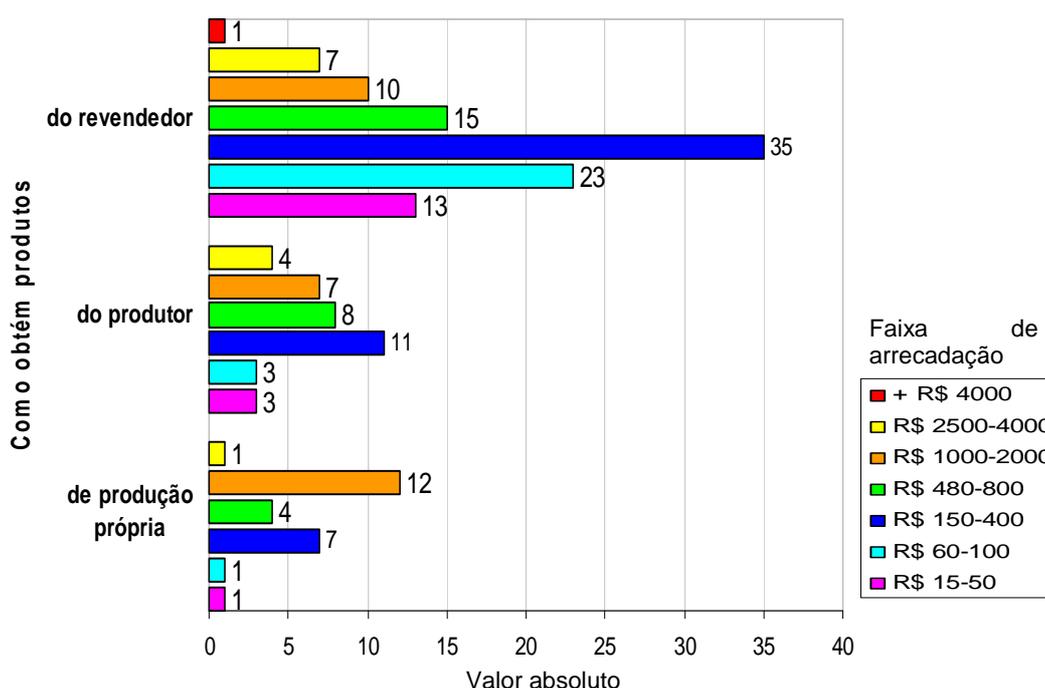


Gráfico 4.6: Correlação entre o modo como os feirantes obtêm os produtos *versus* a faixa de arrecadação média por feira.

E o comércio gerado na feira possui características muito peculiares, como o aproveitamento do capital humano familiar no ato de venda, ou seja, 67 de 116 comerciantes entrevistados (55,7%) utilizam mão-de-obra familiar em suas barracas, o que repercute na renda gerada, pois o valor pago a um funcionário muitas vezes vai para a própria família do feirante, como mostra a tendência de aumento da renda quando se usa a mão-de-obra familiar (tabela 4.11).

		categoria dos funcionários				Total
		família	funcionários formais	funcionários informais	nenhum	
faixa de renda	1 SM	9	-	-	9	18
	2 SM	10	1	1	8	20
	3 SM	9	-	1	3	13
	4 a 5 SM	14	-	3	6	23
	6 a 10 SM	9	-	4	2	15
	11 a 20 SM	12	-	1	2	15
	+ 20 SM	4	1	3	3	11
Total		67	3	13	33	116

Tabela 4.11: Faixa de renda por categoria dos trabalhadores em cada barraca pesquisada

Outra situação encontrada a partir da tabela acima é a da contratação de funcionários para o atendimento ao público. E o número deles trabalhando nas



duas feiras sem carteira assinada é mais de 7 vezes maior do que aqueles que têm o emprego formal. Destes últimos, apenas dois feirantes (1,7%) assinam a carteira dos funcionários, todos em Caruaru e na feira de calçados (tabela 4.12). Nesta cidade, a maioria dos feirantes entrevistados possui de 1 a 2 pessoas ajudando-o, equivalente a 50,4% dos entrevistados, enquanto que em Campina Grande, 34% não possuem funcionário, especialmente por causa da arrecadação que não é tão grande.

		categoria dos trabalhadores (%)				Total (%)	Total absoluto (N=)
		familia	funcionários formais	funcionários informais	nenhum		
feiras livres	Caruaru	58,2	1,7	12,1	28,0	100	115
	Campina Grande	52,0	-	14,0	34,0	100	50
Total							165

Tabela 4.12: Categoria onde se encaixam os funcionários em cada feira livre

Comparando-se a faixa de arrecadação com o número de trabalhadores em cada ponto visitado, nota-se que aqueles que têm de 0 a 2 funcionários possuem uma arrecadação semanal de R\$ 150 a R\$ 400, enquanto que os que têm 3 ou mais empregados tendem a estar situados em uma faixa de arrecadação maior (gráfico 4.7). Tal informação deixa evidente a relação direta entre o quanto é arrecadado e a quantidade de trabalhadores em ambas as feiras, pois quem possui de 4 a 5 funcionários, tem uma arrecadação média de 800 reais.

A feira de calçados em Caruaru oferece um bom exemplo. Nela, um dos feirantes entrevistados afirmou que possuía 8 barracas no Parque 18 de Maio e 6 funcionários, com uma arrecadação de mais de R\$ 8 mil por mês, caindo em um grupo quase inexistente de 3 feirantes com mais de seis barracas e que afirmaram arrecadar mais de dois mil reais por semana.

Isso pode ser explicado quando se atenta para o fato destes últimos feirantes trabalharem com produtos que atraem uma grande quantidade de pessoas, como a feira de calçados, em ambas as feiras necessitarem de mais pessoas ajudando, evidenciando a relação direta entre número de funcionários e arrecadação gerada.

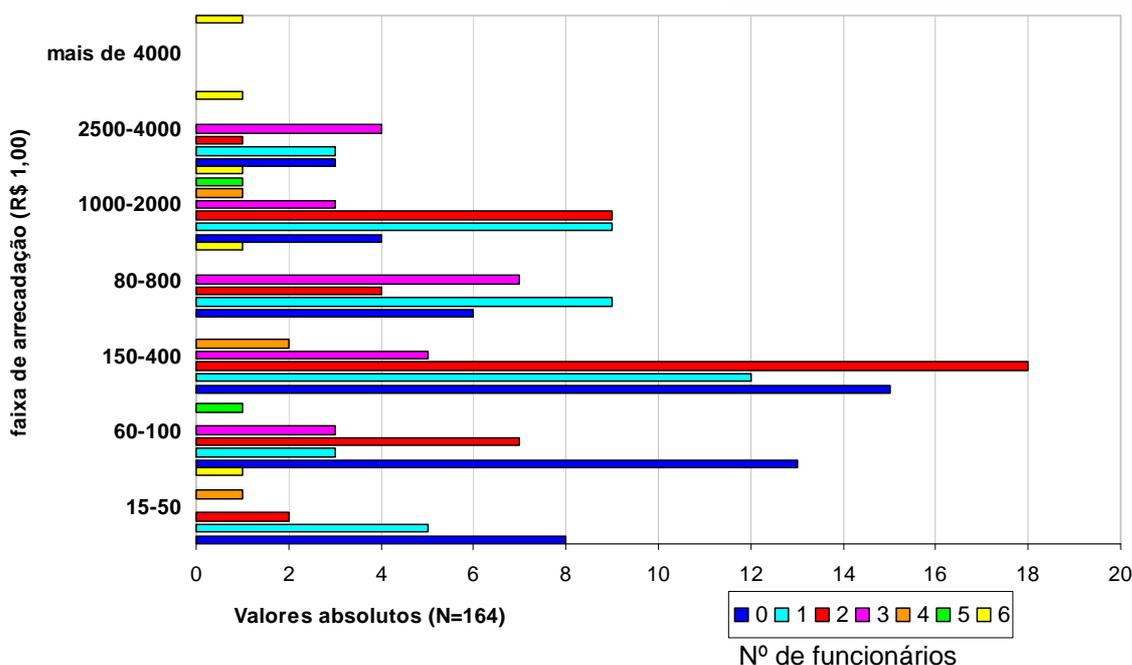


Gráfico 4.7: Faixa de arrecadação de cada feirante por número de funcionários por barraca.

Quando se detalham os dados a partir do cruzamento do número de funcionários por cidade, tem-se que em Caruaru 52,6% dos feirantes têm nenhum ou apenas um funcionário, enquanto que em Campina Grande, 60% (tabela 4.13).

Feiras livres	Número de trabalhadores				Total
	0	1	2	3	
<i>Caruaru</i>	32	28	29	16	114
<i>Campina Grande</i>	17	13	12	6	50
Total					164

Tabela 4.13: Trecho de cruzamento de dados entre número de funcionários por barracas de cada feira livre

Através do perfil educacional desses comerciantes informais – 63,5% não terminaram o 2º grau (destaque na tabela 4.14) – compreende-se o porquê deste comércio informal ser cada vez mais procurado e utilizado como ponto de fuga àqueles que não conseguiram emprego no mercado formal. E destes, 65% têm as feiras como única fonte de renda.

Ao se analisar o restante dos dados gerado pelo cruzamento do tipo de renda com a escolaridade dos feirantes, nota-se que quanto maior a escolaridade menor a dependência exclusiva da renda tirada das feiras. Entretanto, existem casos que são exceção no universo pesquisado, como alguns que vendem produtos mais elaborados e sofisticados, como eletrônicos ou calçados, que superaram os poucos anos de estudo com a vontade de trabalhar e ganhar dinheiro.



Tipo de renda gerada pela feira						Total
Escolaridade		única	principal + outra informal	principal + renda formal	secundária	
	<i>analfabeto</i>	7	1			8
	<i>1º GI</i>	36	4	19	10	69
	<i>1º GC</i>	18		3	1	22
	<i>2º GI</i>	17	2	2		21
	<i>2º GC</i>	19	4	8	3	34
	<i>Sup. Incomp.</i>		1	1	2	4
	<i>Sup. Comp.</i>	2	1	1		4
Total		99	13	34	16	162

Tabela 4.14: Escolaridade x tipo de renda gerada pela feira

Mas também há aqueles que possuem um perfil escolar diferenciado, como os que têm algum curso superior e têm renda única da feira (1,2%), os quais justificam a presença na feira por não conseguirem trabalho dentro de sua qualificação profissional (tabela 4.15). Assim como um exemplo tomado por Prezera Jr. (2002), uma destas pessoas afirmou que o que o levou a trabalhar como ambulante em várias feiras foi a falta de dinheiro e de emprego no mercado formal, além da comodidade de poder faltar se surgir algum imprevisto como doença, por exemplo, sem precisar se preocupar com o fato de perder o ponto para outro.

		Faixa de arrecadação (R\$ 1,00)						Total
		15-50	60-100	150-400	480-800	1000-2000	2500-4000	
Escolaridade	<i>Analfabeto</i>	1	2	2	-	3	-	8
	<i>1º GI</i>	10	21	19	13	6	-	69
	<i>1º GC</i>	1		11	2	6	2	22
	<i>2º GI</i>	1	1	8	2	5	4	21
	<i>2º GC</i>	1	3	9	9	6	5	33
	<i>Sup. Incomp.</i>	-	-	1	2	1	-	4
	<i>Sup. Comp.</i>	-	-	1		2	1	4
Total		14	27	51	28	29	12	161

Tabela 4.15: Faixa de arrecadação dos feirantes por grau de escolaridade

Para 46,4% daqueles que têm a feira como única fonte de renda, independente da escolaridade, a arrecadação não ultrapassa os R\$ 800,00 (tabela 4.16). Já os que têm uma arrecadação semanal maior (superior a mil reais), exercem outra atividade em paralelo, formal ou informal, o equivalente a ¼ dos feirantes. Porém, pode-se afirmar que muitos feirantes (33%) não têm boa arrecadação, variando



de R\$15 a R\$400, 00 por semana e acabam tendo a feira como única fonte de renda. Outros buscam fontes de renda diversificadas, normalmente informais, para ajudar em casa, muito devido ao fator da incerteza e da constante insegurança nas vendas que um comércio como esse produz.

Porém, há aqueles que têm comércio na feira e ainda têm outra fonte de renda formal, contabilizando 20,5% dos feirantes, segunda maior taxa entre eles, só atrás dos que têm na feira a única fonte de renda.

		Tipo de renda gerada pela feira				Total
faixa de arrecadação	(R\$1,00)	única	principal + outra informal	principal + renda formal	secundária	
		15-50	10	1	4	2
	60-100	13	1	8	5	27
	150-400	32	7	9	5	53
	415-800	22	-	4	2	28
	1000-2000	16	4	7	2	29
	2500-4000	8	1	2	1	12
Total		101	14	34	17	166

Tabela 4.16: Faixa de arrecadação dos feirantes por tipo de renda gerada.

Logo, o perfil dos feirantes nas feiras de Caruaru e Campina Grande indica um dos caminhos de como se dá a relação feira-cidade. Assim, após a compreensão de um pouco do perfil dos feirantes, agora é imprescindível vislumbrar o perfil dos fregueses, denominados neste trabalho de usuários. Eles são personagens que também compõem o cenário dos mercados ao ar livre e que podem gerar diferentes visões ou mesmo complementar as já existentes. Através deles, a compreensão da dinâmica econômica, do comprar e do vender fica mais completa, por apresentarem um papel diferente dos feirantes.



4.3.2 Os usuários, afinal “aqui quem manda é o freguês”

Os usuários entrevistados foram escolhidos de forma aleatória, buscados durante suas atividades de compra nas feiras e seguindo o mesmo processo utilizado para os feirantes, tentando-se, pelo menos inicialmente, equilibrar a presença total entre homens e mulheres, o que não aconteceu, visto que a presença delas era visivelmente superior a dos homens em uma proporção de quase 1 homem para 2 mulheres, sendo que na feira campinense houve um equilíbrio maior nesse dado (gráfico 4.8).

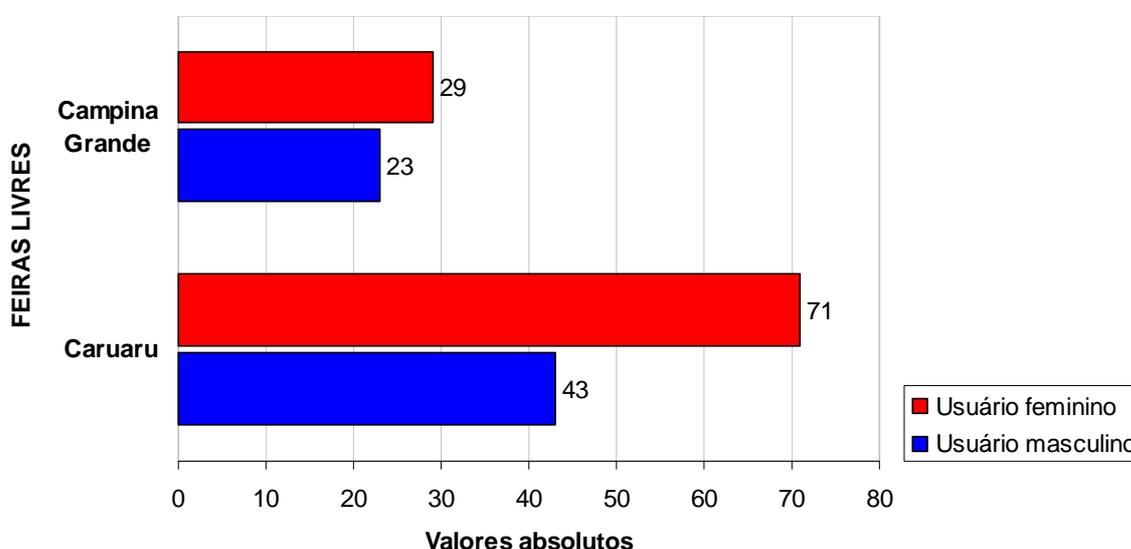


Gráfico 4.8: Sexo dos usuários em cada feira pesquisada

Descobriu-se também que a maioria dos usuários mora nas cidades onde se realizaram as entrevistas – 69,9% – enquanto que aqueles vindos de outros locais representaram 30,1%. Isso mostra que mesmo em dias de feiras com maior movimento de pessoas, grande parte delas é da própria cidade, mas em proporções um pouco diferentes, pois em Caruaru 14,3% também eram de outras cidades vizinhas e até de outros Estados, como Maranhão, Rio Grande do Norte e São Paulo que vinham comprar na feira da sulanca, enquanto que em Campina Grande, 16% (tabela 4.17).



Tipo de entrevistado	feiras livres	Local de residência (%)			Total (valor absoluto)
		cidade da entrevista	idades vizinhas	outros Estados	
Usuário	Caruaru	71,9	24,5	3,6	114
	Campina Grande	69,2	30,8	0	52

Tabela 4.17: Local de residência dos usuários por cidade pesquisada.

Havia também a intenção nestes questionários de se obter a experiência dos usuários com relação ao desejo de ir às feiras de Caruaru e Campina Grande. Neste item, 97,2% dos usuários afirmam que gostam de ir às feiras (gráfico 4.9), sendo que destes 95,6% das respostas foram dadas em Caruaru enquanto que todos que responderam “sim” em Campina Grande. O que se reflete também na quantidade de vezes que se vai à feira, pois 73,2% gostam de ir à feira e vão pelo menos uma vez por semana, seja a trabalho ou passeio, mostrando uma relação direta entre esses fatores (gráfico 4.10).

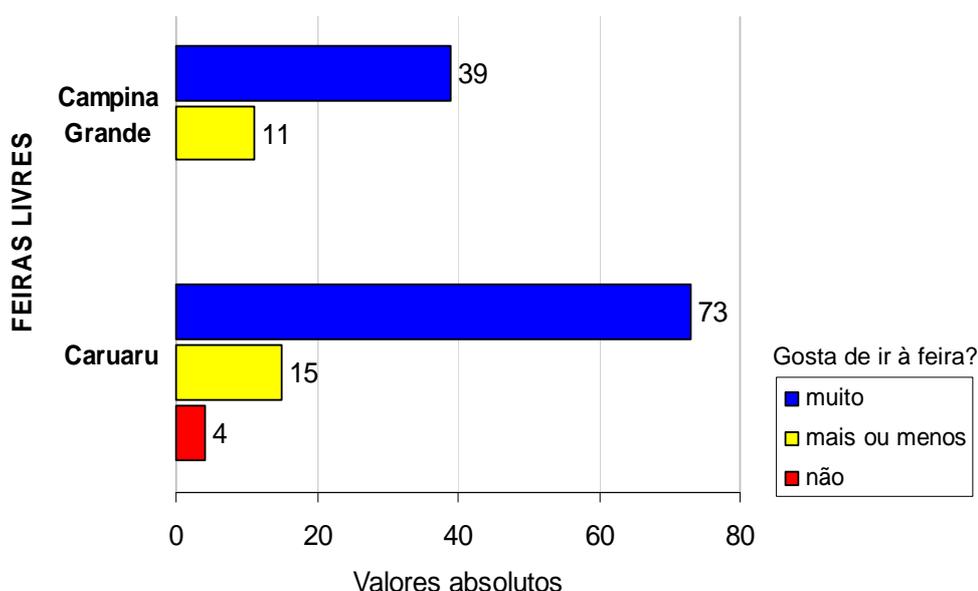


Gráfico 4.9: Opinião dos usuários sobre ida às feiras de Caruaru e Campina Grande

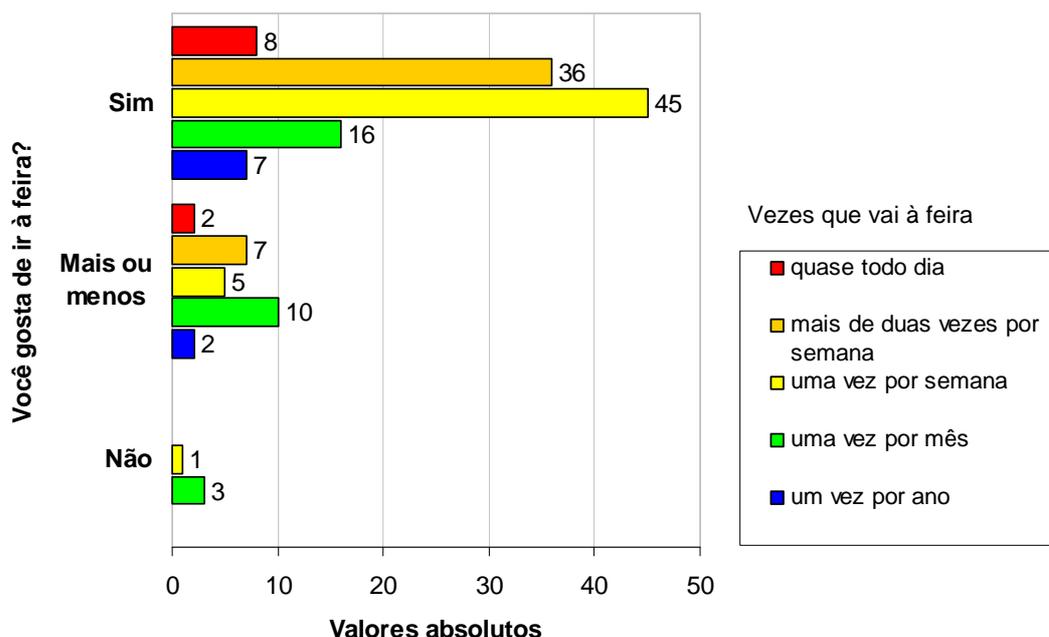


Gráfico 4.10: Correlação da opinião dos usuários em ir às feiras x a freqüência de idas á feira

Em se tratando da análise da escolaridade entre os usuários em cada uma das 7 faixas de renda selecionadas para este trabalho, verificou-se que quem teve, por exemplo, menos de 10 anos de estudo (até 1º GI) possui renda média de 1 a 2 SM, isto é, 67,6% dos usuários que estudaram até a 4ª série do ensino fundamental recebem no máximo R\$ 800,00. (tabela 4.18). Na mesma direção, 66,7% dos usuários com curso superior completo têm renda maior que 4 SM, confirmando uma tendência já esperada de antemão, de que uma maior escolaridade geraria uma boa renda mensal, com reflexo conseqüente em um gasto diferenciado na feira (gráfico 4.11).

		Faixa de renda ³²							Total
	Escolaridade	1 SM	2 SM	3 SM	4 a 5 SM	6 a 10 SM	11 a 20 SM	+ 20 SM	
Usuário	<i>analfabeto</i>	3	1	1	-	-	3	-	8
	<i>1º GI</i>	19	4	-	5	4	2	-	34
	<i>1º GC</i>	21	13	6	4	-	-	1	45
	<i>2º GI</i>	17	4	2	2	-	-	-	25
	<i>2º GC</i>	6	15	8	4	3	-	1	37
	<i>Sup. Incomp.</i>	2	-	2	1	1	-	-	6
	<i>Sup. Comp.</i>	1	1	1	4	1	-	1	9
Total									154

Tabela 4.18: Correlação entre a faixa de renda com o nível de escolaridade dos usuários

³² Um salário mínimo (SM) valia à época R\$ 415,00.

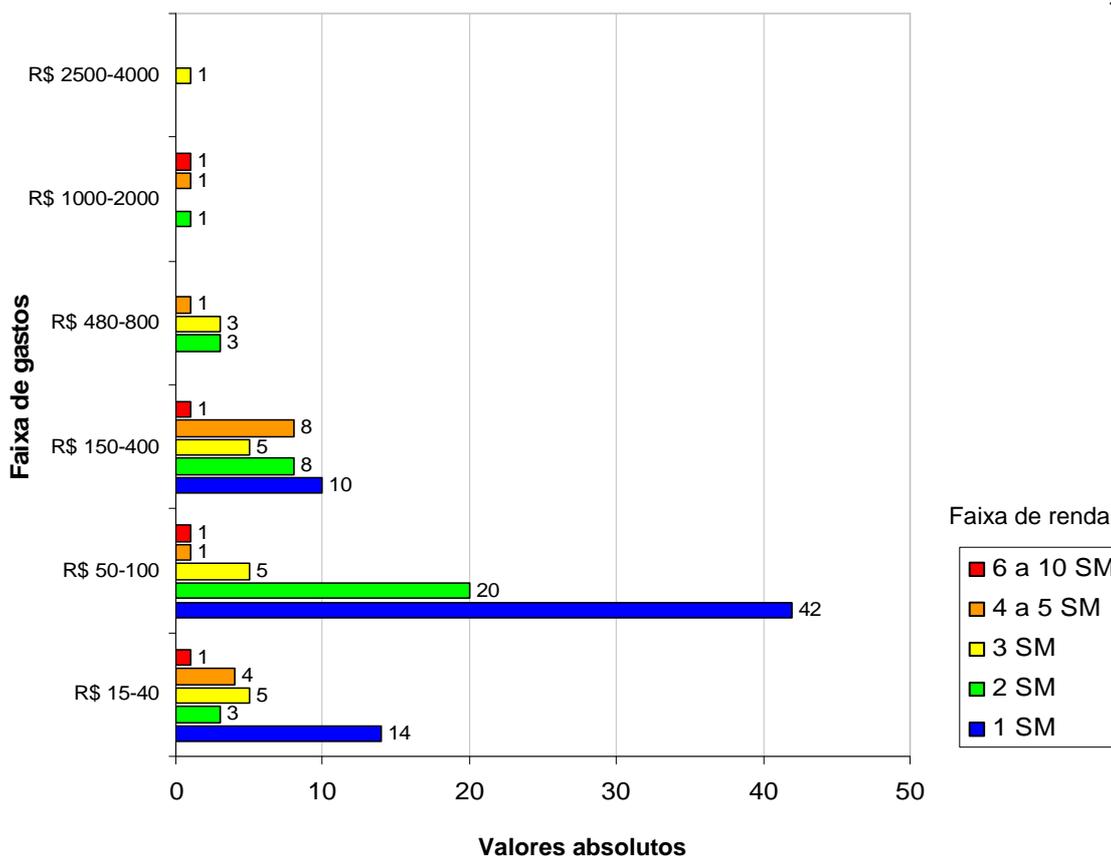


Gráfico 4.11: Correlação entre a faixa de renda e a faixa de gastos dos usuários em ambas as cidades.

Porém, esses dados mostram que, inclusive, o inverso acontece. São casos onde o usuário é um feirante que compra na feira para revender em outro local, como em feiras de outros Estados. O caso da Sra. Vera Campos é um exemplo típico da exceção descrita acima (figura 4.3)

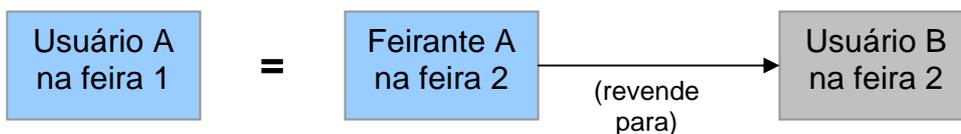


Figura 4.3: Esquema da exceção de vendas nas feiras, onde o usuário também é feirante, constatado através dos questionários.

Ela veio de Marechal Deodoro (AL) com um grupo formado por mais de vinte pessoas em um ônibus fretado para comprar na sulanca e revender os produtos naquela cidade. Ela afirmou ganhar R\$1500,00 por mês, mas gasta na feira mais de 2 mil reais, configurando o papel de usuário que também é feirante em outra cidade, revendendo os itens comprados na feira de Caruaru.



O gráfico 4.12 mostra claramente a distribuição dos gastos por cada uma das feiras, sendo que em ambas, a faixa de gastos mais citada foi a de R\$ 50 a R\$100,00. Porém, com uma média de despesas por pessoa nas feiras de R\$ 118,63, tem-se que os valores gastos na feira campinense são menores que na caruaruense, até porque o tipo dos produtos vendidos na primeira faz com que eles sejam mais baratos do que a maioria dos itens vendidos no segundo mercado ao ar livre.

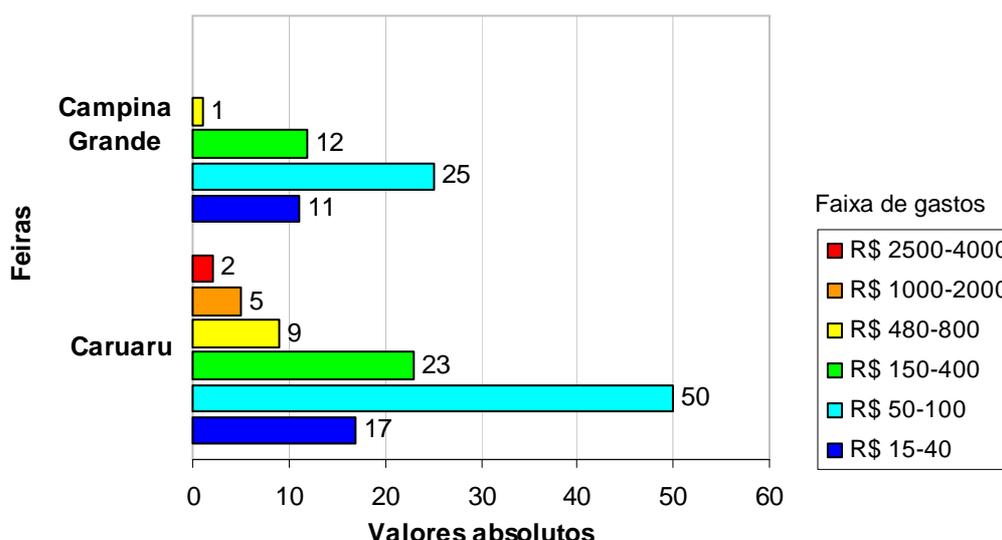


Gráfico 4.12: Faixa de gastos dos usuários em cada uma das feiras

As menores despesas na feira campinense estão indicadas já desde a delimitação das faixas de gastos na tabela 4.19. Nela, é possível observar que os usuários da feira campinense atingem um limite de gastos semanal na feira de R\$ 400,00, enquanto que na caruaruense chega-se a 10 vezes mais. Porém, neste último mercado, 85% dos usuários gastam até ao valor limite citado em Campina Grande, onde apenas 1 dos 49 entrevistados (98%) disse que tinha uma despesa maior. Isso mostra que há uma relação direta um menor valor das despesas e um maior número de pessoas que o citaram.

Da tabela acima surgiu também um dado curioso: dentre os entrevistados, as mulheres foram as que gastaram mais. O equivalente a 61,5% do total dos que afirmaram que compravam na feira eram do sexo feminino, gastando quase 5 vezes mais que os homens, com média de R\$967,00 a R\$200,00. Tal diferença de gastos é percebida no momento em que se percorre qualquer trecho das feiras e observa-se que a maioria dos produtos é voltado para esse público-alvo.



4.4 Reflexões parciais: a influência da feira nas relações econômicas da cidade

Não há como negar a importância das feiras nas cidades e ainda mais a econômica. Essa influência das feiras nas cidades é um dos motivos que dinamizam a economia local, seja através da atração de pessoas, de usos ou mesmo da interação com o comércio formal, com o qual estabelece uma clara simbiose cotidiana, em maior escala em Caruaru e, em menor proporção, em Campina Grande.

Deste modo, a força econômica das feiras gera dividendos e promove a absorção de uma mão-de-obra muitas vezes desqualificada, mas que encontra lá um meio de sair de uma situação de desemprego e risco social. Para que essa simbiose aconteça, há duas categorias de personagens que atuam cotidianamente na construção da relação econômica, os feirantes e os usuários. Por isso, neste trabalho cada um foi caracterizado a partir das suas principais características, a fim de se entender como os diferentes perfis que possuem possibilita o “toma lá dá cá” cotidiano.

Portanto, já tendo analisado as relações econômica e espacial, pode-se adentrar em outro fator de forte impacto na relação feira-cidade, o cultural. Com isso, o alinhavar dos pontos que possibilitarão costurar a relação feira-cidade ficará mais forte, pois as feiras são uma das mais importantes manifestações de uma cultura regional, além de um palco importante para a criação e desenvolvimento de inúmeras expressões.

A FEIRA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL





5. A FEIRA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL DE UMA REGIÃO

Neste capítulo, será apresentada uma discussão sobre a importância cultural das feiras como manifestações típicas de uma cultura regional, ao mesmo tempo em que se busca perceber a imagem que usuários e feirantes têm dessa manifestação cultural e que constroem dia-a-dia a relação feira-cidade.

Para isso, é necessário entender que qualquer feira livre é, por excelência, espaço que concentra atividades e práticas diversas relacionadas à produção, ao comércio e ao consumo de determinada região, mas também é um lugar onde se desenvolvem formas de sociabilidade e convivência.

Elas são consideradas sinônimo de diversidade, pois são lugares possuidores de uma riqueza cultural peculiar, feita por produtos que vêm carregados de inúmeros significados e por relações humanas fortes e marcantes. Não é por outra razão que muitos viajantes afirmam que uma das melhores maneiras de conhecer uma cidade ou um país é freqüentando suas feiras e mercados.

Puxando o fio da tradição e re-inventando-se cotidianamente, estão lá as figuras e conjuntos esculpidos em barro, os brinquedos de madeira, as cores das redes e tecidos bordados, a forma dos funis e regadores feitos de flandres, as sandálias e o cheiro dos chapéus de couro, o gosto dos queijos e doces, tudo despertando diversas sensações nos usuários (figuras 5.1 a 5.4).

Entretanto, alguns valores culturais estão se perdendo ou sendo esquecidos ao se tratar a feira apenas como um evento econômico e um elemento comercial na cidade, apenas capaz de gerar emprego e renda. Mas a feira não é só isso.

Essa força característica das feiras faz com que elas propiciem a existência de uma relação entre produtores, artistas e o público, tornando-se um lugar de co-presença, de encontro e de troca de experiências culturais, onde se pode olhar, perguntar, experimentar e provar os mais diversos produtos. A própria estrutura imbricada na cidade, independente do arranjo espacial das mesmas, faz com que os movimentos do dia-a-dia se misturem com os da feira, favorecendo a afervescência cultural e a renovação constante de muitas expressões tradicionais.



Figuras 5.1 a 5.4: Produtos que despertam sensações experienciais em quem percorre as barracas de qualquer feira nordestina. 5.1) artesanato, 5.2) ervas e chás medicinais, 5.3) queijos e manteigas e 5.4) frutas diversas. Fontes: Gustavo Miranda (5.1, 5.3 e 5.4) e Ângela Mirella (5.2), 2009.

Todas essas características compõem o cenário gerado pela forma como acontece o comércio e as relações sócio-culturais em qualquer feira, pois representam um lugar expressivo culturalmente. E quando essa força cultural é reconhecida pela população, sendo marcante o suficiente para destacá-las individualmente das demais, surge como consequência o reconhecimento oficial.

5.1 O processo de Registro das feiras como Patrimônio Imaterial

O reconhecimento público é o passo principal para que aconteça qualquer processo de Registro como Patrimônio Imaterial, pois ele é baseado na identificação de manifestações artísticas como forças vitais da participação popular. A partir daí, expressões tradicionais ganham um espaço institucionalizado através de ações legais que geram o reconhecimento oficial e ampliam a abrangência de sua função social, promovendo a valorização dos bens culturais, que são muitas vezes elementos presentes no cotidiano.



Para iniciar a discussão sobre o processo de Registro, pretende-se deixar claro o conceito de Patrimônio que será utilizado, porém não se objetiva aqui levantar discussões sobre a definição do sentido da palavra, pois há outros trabalhos bem mais aprofundados sobre tal acepção. Deste modo, utilizar-se-á a definição de Lemos (1987), que entende patrimônio como sendo:

O artefato, objeto, edifício ou paisagem produzido pelo homem, ou a técnica e as tradições de um povo [neste caso, patrimônio imaterial], recebido como herança de gerações anteriores e que apresente excepcional valor histórico, artístico, científico ou arqueológico. (LEMOS, 1987, p. 8).

No Brasil, as preocupações com a criação de um sistema de preservação patrimonial se concretizaram na década de 1920, quando foram apresentados alguns projetos de lei com a finalidade de se definir o que viria a ser considerado patrimônio nacional e como protegê-lo. Porém, foi somente em 1937, que se criou o órgão nacional de preservação e salvaguarda, instituído através do Decreto-lei nº 25, documento que conceitua e organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

À época foram reconhecidos como patrimônio brasileiro apenas os bens materiais, registrados em quatro Livros de Tombo: i. Arqueológico, paisagístico e etnográfico, ii. Histórico, iii. Belas artes, e iv. Artes aplicadas. Os primeiros monumentos foram tombados em 1938, ano em “que foi inscrito o número mais expressivo de bens [292]” (FONSECA, 2005, p. 114). Era a época de estabelecimento do órgão de salvaguarda e de sua afirmação, e da definição da idéia do edifício, apenas, como patrimônio da nação, como monumento.

Uma mudança na visão do que é patrimônio começou a se desenvolver na década de 1970, pela necessidade de se ter uma nova abordagem na proteção dos bens culturais. Uma década mais tarde a nova Constituição Federal (1988) amplia o conceito de patrimônio cultural (FONSECA, 2000).

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial [grifo nosso], tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico,



paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988)

Em conseqüência, o bem imaterial passou a ser reconhecido como bem patrimonial no Brasil apenas recentemente, através do Decreto nº 3.551 de 04 de agosto de 2000, que institui o registro de bens patrimoniais imateriais, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e quatro Livros de Registro: dos Saberes, das Celebrações, das Formas de Expressão, e dos Lugares. Este Decreto determina que “a inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e a sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira” (BRASIL, 2000, p. 01), havendo inclusive a possibilidade de serem abertos novos livros para o registro desses bens imateriais.

O PNPI é um programa de fomento a pesquisas e propostas de inscrição do patrimônio imaterial, que visa estabelecer parcerias entre os governos, as universidades e organizações não-governamentais. O Programa busca viabilizar projetos de identificação, reconhecimento e salvaguarda do patrimônio imaterial brasileiro, como ocorreu com as mais diversas expressões culturais em todo o Brasil, como o Ofício das Baianas de Acarajé (2004), o Samba de Roda do Recôncavo Baiano (2004), o Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará (2005) e, mais recentemente, a Feira de Caruaru (2006) e o Frevo (2007) em Pernambuco.

5.1.1 A feira de Caruaru: Patrimônio Imaterial brasileiro

Um espaço onde as mais diversas expressões tradicionais, ofícios e modos de fazer têm presença marcante e encontram um mercado com condições de mantê-los. Essa é a Feira de Caruaru. Ela é única porque reflete os valores da cultura do agreste pernambucano, além de apresentar os objetos e práticas da região, ou seja, ela é única porque só nela existe esta composição de atividades, produtos e formas de expressão.

A partir da constatação da riqueza cultural produzida nessa feira, foi solicitada ao IPHAN, através de vários órgãos da sociedade civil, a inserção desse comércio



informal no livro de Lugares do Patrimônio imaterial brasileiro. Para isso, informações básicas foram requeridas através do inventário da produção artística local para a abertura do processo administrativo³³.

Essa demanda da sociedade local veio coroar a necessidade existente de se preencher os livros de Registro com um exemplar cultural nacional em cada um deles. E a feira era o perfeito exemplar para concretizar a idéia de lugar. Para isso, realizaram-se pesquisas documentais e de campo, visando a obter informações sobre esse bem cultural, permitindo a elaboração do dossiê que instrui o caminho para o processo final.

É um lugar de referência viva da história e da cultura nordestina para camadas cada vez mais amplas da população, ao se manter a história e a cultura que a produziram. É, ainda, um lugar de memórias e de continuidade do saber e do fazer, produtos tradicionais e expressões populares que, sem sua dinâmica e sem o mercado, certamente já teriam desaparecido.

Foram, então, os “valores históricos, memoriais, culturais e econômicos atribuídos à feira de Caruaru que permitiram delimitá-la como o objeto de Registro” (AGUIAR e MIRANDA, 2008, p.12). E esses valores estão presentes no vínculo espacial e funcional da feira, nos produtos artesanais que ali são comercializados e, eventualmente, confeccionados; nos saberes e conhecimentos tradicionais que esses produtos mobilizam, nas expressões artísticas que a feira abriga e enseja e nas memórias que evoca. Em suma, a feira como um Lugar (com “L” maiúsculo) que abriga tudo isso e que reverbera como referência para além da cidade, do estado e da região onde está.

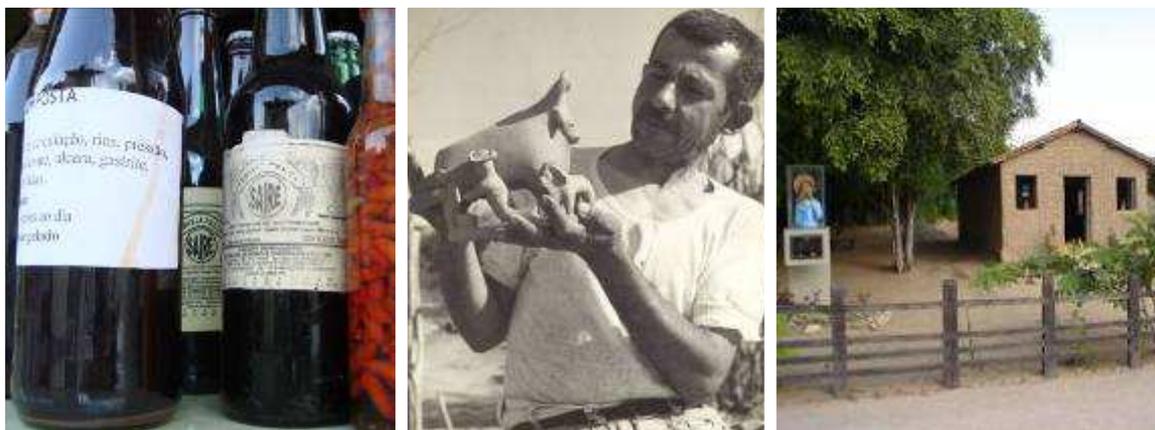
E ter uma feira como Patrimônio Imaterial é sinal de que ela possui riquezas que vêm do povo, plantadas, cultivadas e colhidas da mais forte árvore, com três ramos importantíssimos do ser e do fazer cultural, como citados acima e que não faltam na feira de Caruaru: a criatividade, diversidade e efervescência.

A criatividade permite retratar sobremaneira o modo como a atividade cultural acontece, quando junto da diversidade de opções e de escolha. E é uma palavra que adjectiva a feira de Caruaru. Lá, reverbera todo tipo de atividade existente na

³³ Conforme Resolução do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, aprovada em 3 de agosto de 2006.



cidade, mas com um jeito bem próprio. Se existem as farmácias e lojas de roupas de grife, na feira há as barracas de ervas medicinais e de “meizinhas”³⁴ para os mais pobres, as barracas de confecções para todos os gostos e bolsos e o artesanato de barro, iniciado por Mestre Vitalino (figuras 5.5, 5.6 e 5.7).



Figuras 5.5, 5.6 e 5.7: Banco da Feira de Ervas e suas “meizinhas”, foto de Mestre Vitalino com algumas de suas peças de barro e a antiga residência de M. Vitalino, hoje museu.

Fontes: Ângela Mirella (fig. 5.5), 2009; Acervo da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ (fig. 5.6), década de 1950; e Gustavo Miranda (fig. 5.7), 2008.

De efervescência a feira é carregada, cheia de sentido, expressa na continuidade e manutenção de representações: passado e presente num envolvimento mútuo, num misto de reinvenções e continuidades, à procura de soluções novas para problemas técnicos e financeiros ligados ao fazer artístico e utilitário, mas sem perder a autenticidade da inspiração e finalidade iniciais dos mais velhos, dos primeiros criadores.

E uma das feiras mais retratadas em todo o Brasil é a de Caruaru. São cordéis, repentes e músicas, várias, porém a mais famosa é “A Feira de Caruaru”, composta por Onildo Almeida e imortalizada pelo mestre do baião e do forró Luiz Gonzaga. Nela se mostra a variedade e diversidade de produtos que podiam ser encontrados na década de 60, mas ainda existentes atualmente. O autor quis colocar, através dela, o que ele pesquisou na feira, mas para isso alguns itens deveriam ter final “u”, para rimar com “Caruaru”. Pois bem, ele conseguiu. De caju a uruçú, tudo “no mundo” tinha na feira e foi imortalizado em apenas uma canção (quadro 5.1).

³⁴ Meizinha” é o nome dado tradicionalmente no Nordeste aos remédios caseiros vendidos na feira de Ervas, uma das muitas subdivisões da feira de Caruaru.



A Feira de Caruaru

Compos.: Onildo Almeida

A Feira de Caruaru,
Faz gosto a gente vê.
De tudo que há no mundo,
Nela tem pra vendê,
Na feira de Caruaru.

Tem massa de mandioca,
Batata assada, tem ovo cru,
Banana, laranja, manga,
Batata, doce, queijo e caju,
Cenoura, jabuticaba,
Guiné, galinha, pato e peru,
Tem bode, carneiro, porco,
Se duvidá... intê cururu.

Tem cesto, balaio, corda,
Tamanco, gréia, tem cuêi-tatu,
Tem fumo, tem tabaqueiro,
Feito de chifre de boi zebu,
Caneco acuvitêro,
Penêra boa e mé de uruçú,
Tem carça de arvorada,
Que é pra matuto não andá nú.

Tem rêde, tem balieira,
Mode minino caçá nambu,
Maxixe, cebola verde,
Tomate, cuento, couve e
chuchu,
Armoço feito nas cordas,
Pirão mixido que nem angu,
Mubia de tamburête,
Feita do tronco do mulungú.

Tem loiça, tem ferro véio,
Sorvete de raspa que faz jáú,
Gelada, cardo de cana,
Fruta de paima e mandacaru.
Bunecos de Vitalino,
Que são cunhecidos intê no
Sul,
De tudo que há no mundo,
Tem na Feira de Caruaru.

Quadro 5.1: Letra da música “A feira de Caruaru”.

Como visto, cada produto vem carregado de significados nessa feira, sejam os existentes ou mesmo a memória de algum que não existe mais, como a “carça de arvorada” ou o “fósco sete lapadas”. Por serem dois produtos vendidos ainda quando a feira se encontrava no centro da cidade, mas que ainda existem no imaginário de quem a frequenta. Em entrevista ao inventário de Registro da feira, o compositor Onildo Almeida destaca as características de ambos os produtos, tanto que o primeiro ele colocou na música “A Feira de Caruaru” “[...] *Tem carça de arvorada,/ Que é pra matuto não andá nú*”. Para ele, essa calça era similar a um brim mais resistente.

[...] Um brim, um brim feito uma lona, resistente a sol e chuva. O matuto comprava uma capa, uma calça daquela, ia pra roça com ela, lavava e vinha pra feira, quer dizer, era a roupa eterna dele, ele passava o ano todinho com aquela roupa, e a roupa forte, não rasgava facilmente, que era uma lona, então dali a semelhança do jeans, porque a cor do jeans é exatamente a cor da calça de alvorada.’ (BRASIL, 2006, p. 34)

Já o fósforo artesanal produzido na feira foi relatado por ele como sendo outro produto vendido na feira, mas não mais comercializado. Ele diz na mesma entrevista que:

“Fósco a sete lapadas’ é o fósforo fabricado artesanalmente em casa. [...] O fósforo comum ele vem dentro da caixinha, né? O outro é um pedaço de madeira retalhado, feito em palito, mas sem desprezar o palito da outra base. Você pega um quadrado assim, corta, corta em cruz, sobra um bocado de palito tudo agarrado no tronco embaixo, que ele pega na massa quente do fósforo que faz o atrito, bota ali e tira,



quando ele tira ele enxuga, então fica aqueles 40 ou 50 palitos de fósforos. Você esfrega um no outro assim, que ele é agarrado só em massa, aí você puxa assim, pega no solado do sapato e acende o cigarro. Chama esses fósforos de “7 lapadas”, sabe por que? Porque nunca acende de primeira [risos]. Ou na pedra, ou na parede ou no chão ou no sapato, tin... tin... até acender, aí chama ‘7 lapada’ (BRASIL, 2006, p. 34).

5.1.1.1 O lento processo de salvaguarda da feira

Mesmo tendo passado quase 3 anos do Registro como Patrimônio Imaterial, a feira ainda não recebeu os cuidados necessários de quem deveria fazê-lo. O governo municipal, o Estado, a União, através do IPHAN, ou mesmo entidades civis ainda não se articularam para tirar do papel o Plano de Salvaguarda construído para que a feira continue sendo um marco imaterial do País. Deste modo, pouco se fez e muito se regrediu nos cuidados com a feira, ou seja, como mostrado nas observações em campo, ela passa por sérios conflitos que já deveriam estar sanados, até para que ela mantenha o título recebido.

Uma das poucas notícias acerca da integração entre IPHAN e governo municipal foi dada pelo Jornal Vanguarda (2009, p. 7.) Ele afirma que este Instituto tem recursos para a construção de salas de vídeo e que a Prefeitura estaria com projeto de recuperação de uma das edificações que serviram de apoio para o Registro da feira. E só, o que pode ser considerado pouco para um bem Imaterial brasileiro. Enquanto isso, mais e mais problemas vão se acumulando dentro do Parque 18 de Maio, como já mostrado neste trabalho.

Apesar de tudo, a feira de Caruaru, por sua produção, pela importância dos produtos para a região, pela criatividade e pela diversidade ainda tem suas características mantidas, atuando como marco regional. Lá é ainda onde se dá a convergência que estimula, aglutina e massifica os saberes e fazeres individuais existentes. Enfim, ainda é uma caixa de ressonância da cultura popular local, onde a criação ali converge e se expande.



5.1.2 A feira campinense como Patrimônio Imaterial: ainda uma intenção

Se o Registro da Feira de Caruaru já é um fato, o mesmo não se pode afirmar em relação à feira de Campina Grande, que ainda tenta ser reconhecida como Patrimônio Imaterial brasileiro. E, para isto, a Prefeitura Municipal entrou com um pedido junto ao IPHAN para que a feira central da cidade também fosse reconhecida como tal. Atualmente, o pedido está passando por uma avaliação técnica preliminar, para em seguida ser submetido à apreciação da Câmara do Patrimônio Imaterial do órgão, que pode julgar o pedido procedente ou não.

Esta feira se constitui como uma das mais importantes no Brasil, fez surgir uma cidade e, a partir dela, esta urbe pôde se desenvolver, assim como a feira de Caruaru, por isso do pedido do governo municipal em se proceder o Registro desse comércio. E as conseqüências práticas do Registro da feira campinense seriam várias. Uma delas seria “inventariar, documentar, acompanhar, e apoiar a dinâmica” (BRASIL, 2000, p. 22) dessa manifestação popular de comércio, tornando-se fundamental para a preservação de sua memória. Outra seria “a divulgação e promoção, a serem realizadas pelos órgãos públicos, governamentais e civis” (BRASIL op. cit., 2000, p. 22-23)

Entretanto, mesmo sem qualquer título, é um importante ponto de escoamento da produção agrícola regional relacionada ao cultivo de subsistência para aqueles que dependem dela, agricultores, pequenos comerciantes ou feirantes. Este mercado ao ar livre apresenta um significativo laço cultural, costurado pelas relações humanas e pela diversidade produtiva existente, além de ser sinônimo de cultura viva e que se modifica dia-a-dia. Lugar para onde converge a cultura do interior, a conversa de matuto, as histórias de agricultores e dos materiais e produtos que vendem na feira. Como se sabe, não se vai à feira apenas para vender ou trocar, mas também para conversar e bater papo, aí é que as tradições, os saberes e fazer, enfim, a cultura, passa de um para o outro.

Assim, essas características aludem à feira campinense como fonte inegável da construção de um espaço urbano tipicamente nordestino, carregando consigo e abraçando atividades típicas regionais. Elas são fundamentais para o inventário e posterior Registro, entrando como elementos primordiais na construção dos



mesmos. Com isso, a feira continuou sendo, certamente em razão do seu profundo vínculo com um tipo específico de consumidor de baixa renda, um espaço onde saberes, ofícios, modos de fazer e expressões tradicionais encontram mercado e, conseqüentemente, condições de permanência.

Saberes relacionados à medicina popular e ao conhecimento dos usos de ervas e plantas; ofícios relativos à confecção de utensílios e objetos de couro, de pano tecido à mão, de palha, de vime; modos artesanais de fazer farinha, gomas, doces, bolos e outras comidas nordestinas; produtos como o fumo de rolo; criações e expressões artísticas populares encontram, ainda, na feira de Campina Grande um espaço importante para continuarem existindo e se reproduzindo. A feira ajuda a manter vivos esses bens culturais, que, por sua vez, agregam valor cultural à feira e aos demais produtos que aí são expostos e comercializados.

Trilhando esse caminho, o “Registro não visa ‘engessar’ de modo algum suas características, mas sim salvaguardar e incentivar a superação de dificuldades” (MIRANDA, 2007, p. 6). Isto é, este título faria da feira campinense um dos bens imateriais brasileiros, identificando-o como um dos marcos mais significativos do país, como já o é devido ao reconhecimento de seu povo, mostrando sua pluralidade e contribuindo ainda mais com o fazer cultural e a propagação das relações humanas e sociais. Deste modo, as diversas manifestações inventariadas são palcos onde a população participa da reinvenção desse bem diariamente e onde representações significativas para o fortalecimento e salvaguarda da feira de Campina Grande acontecem.

Portanto, é necessário ressaltar mais uma vez que esta feira, como expoente regional e nacional da cultura brasileira, é um retrato de um povo que acolhe uma cultura orgulhosa do que tem e do que produz com seu suor, mesmo com as dificuldades existentes. Por isso, é importante se realizar um inventário para levantar as informações necessárias ao recebimento do título de Patrimônio Imaterial do Brasil, pois é nesse palco que acontecem importantes manifestações locais, e onde “se compõe um quadro cotidiano de alegrias, agitação, calor, cheiros, cores, gostos, tudo isto mexendo com nossos sentidos...” (MIRANDA *op. cit.*, 2007, p.6). Enfim, com um possível Registro, quem sai ganhando é o povo da cidade, e principalmente, a cultura de nosso país.



5.2 A percepção da imagem da feira por usuários e feirantes

Em um campo tão amplo, complexo e diversificado quanto o de uma feira livre, os elementos que a compõem são amplamente reconhecidos por aqueles que fazem uso desse espaço. E isso é percebido claramente quando a identidade do sujeito com ela se estabelece.

E essa noção de identidade³⁵ também é diversa. Historicamente, é marcada por três períodos, em que se pode ver a mudança na sua percepção e definição. A trabalhada aqui está relacionada à identidade fragmentada e multifacetada, pois é estabelecida por um grupo de técnicos.

Para tal, apenas como ilustração e não como debate mais profundo na relação entre patrimônio e população, apresenta-se aqui uma reflexão acerca da relação entre identidade e referências culturais:

Falar em referências culturais nesse caso significa, pois, dirigir o olhar para representações que configuram uma “identidade” da região para seus habitantes, e que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos “fazeres” e “saberes”, às crenças, hábitos, etc.

Referências culturais não se constituem, portanto, em objetos considerados em si mesmos, intrinsecamente valiosos, nem apreender referências significa apenas armazenar bens ou informações. Ao identificarem determinados elementos como particularmente significativos, os grupos sociais operam uma ressemantização desses elementos, relacionando-os a uma representação coletiva, a que cada membro do grupo de algum modo se identifica. (FONSECA, 2000, p. 63)

Logo, a partir desses conceitos associados à pesquisa de campo, perguntou-se aos feirantes e usuários qual produto para eles estava associado diretamente à feira, buscando-se essencialmente apenas a manifestação espontânea de lembrança de itens existentes nesses espaços de comércio. Isso porque se entende que ao se associar um produto à feira, há uma ligação espontânea desse entrevistado com ela por meio dele, contrapondo, de certo modo, ao processo de inventário de um bem cultural, que busca as manifestações e expressões tradicionais próprias do lugar. Entretanto, nota-se que a escolha de qualquer produto pelo entrevistado possibilitou mostrar a ligação que cada um deles tinha

³⁵ Stuart Hall (1999) apresenta três visões do conceito de identidade: a do sujeito do Iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. A identidade do sujeito do Iluminismo apresenta uma concepção muito individualista, centrada no ‘eu’. Na concepção sociológica, a identidade é formada através da interação eu-sociedade. Ainda existe um ‘eu real’, o pós-moderno, mas este é formado e modificado num constante diálogo com culturas exteriores.



com a feira, isto é, indicando o que mais forte conectava a lembrança dele com a feira.

A partir desse entendimento fica bem mais fácil observar como se dá a relação de apropriação dos diversos elementos que fazem uma feira. Aqueles que fazem compras, lancham, apenas passeiam ou mesmo trabalham na feira, todos de alguma maneira se apropriam desses elementos e isto aparece nas entrevistas feitas com usuários e feirantes, em Caruaru ou Campina Grande, pois em ambas a relação sujeito-feira se dá cotidianamente.

5.2.1 A percepção da imagem da feira: resultados

A partir daqui os resultados obtidos com os questionários³⁶ serão explorados, pois as diferentes visões, tanto de usuários quanto de feirantes, mostraram uma diversidade de itens lembrados e que são associados às feiras, como mostram os trechos desses cordéis a seguir.

Na Feira, dá poesia

*“Passeando pela feira
Em silêncio versejando
Vendo as cenas e fatos
Na minha mente anotando
E as verdades vividas
Agora estou contando*

*[...] Tem o objeto feio
Mas não falta comprador
Máscara pra papangu
Pente fino e gravador
Suspensório e cassolão
Navalha e amolador [...]”*
(TABOSA, 2007, p. 1-2)

A Feira como ela é!

*“[...] Hoje a feira central
Tem muito mais opção
Tem tudo que você pensa
Vai de cueca, sabão,
Carne, tempero, verdura,
Milho, arroz, fava e feijão.*

*[...] Na feira o que está à venda
É do trabalho suado
Do agricultor honesto
Que planta e colhe roçado
Com sacrifício e, portanto,
Não pode vender fiado”*
(MONTEIRO, in ARAÚJO, 2006, p. 12)

Com esses exemplos, fica fácil saber o porquê de 99% das pessoas terem em mente algum produto que ligasse diretamente às feiras, isto é, um produto que lembrasse os comércios informais pesquisados. Mas isso acontece de duas maneiras bem diferentes, até pela característica própria de cada uma delas, discutida no capítulo anterior, com a de Caruaru apresentando-se mais como uma

³⁶ Explicados mais detalhadamente no capítulo 3.



feira turística e “formalizada” e a de Campina Grande aparecendo como de subsistência. E isso surge claramente nas respostas dos questionários.

De buchada, castanha e charque a rapadura, selas e fumo, as mais variadas respostas aparecem em uma contagem mais generalizada em ambos, totalizando 53 itens mencionados, mostrando a variedade presente. Em Caruaru, os *produtos mais lembrados* são artesanato e roupas, com 25,5% e 30,5%, respectivamente, mostrando a relação direta entre a localização espacial desses setores no Parque 18 de Maio e a imagem da feira através dos produtos. Ou seja, a disposição espacial tem reflexo direto no contato com os produtos pelos usuários e feirantes, além de serem dois setores que geram milhares de empregos e de estarem em evidência na mídia, seja por fatores positivos ou negativos, como mostrado no capítulo anterior.

O artesanato vem sendo difundido, há algum tempo, como o produto típico da cidade, com o objetivo de estreitar e fortalecer a relação com o turismo, tanto que há um setor na feira caruaruense específico para a comercialização e localizado na área com maior interface com as ruas. Como ícones desse artesanato local, podem ser citados os bonecos de barro, cuja imagem foi apropriada pela municipalidade, aparecendo no discurso e na representação visual em muitos dos eventos que acontecem na cidade, como o São João.



Figuras 5.8 e 5.9: Algumas formas de expressão vendidas na feira de artesanato, em Caruaru. Fontes: Gustavo Miranda e Ângela Mirella, 2009.

Já a lembrança da feira de roupas como imagem geral desse comércio tem uma justificativa econômica, além da espacial. É a atividade que mais influencia diretamente a experiência das pessoas pelo contato intenso proporcionado. Em



Caruaru, a confecção está se tornando quase um produto tradicional da cidade (figuras 5.10 e 5.11), pois uma das atividades econômicas de mais sucesso nos últimos anos é o setor de roupas, em conjunto com as cidades de Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, como explicado anteriormente. Esse setor traz um retorno financeiro imenso a quem trabalha na feira, mas também à cidade, pois gera milhares de empregos diretos e indiretos e atrai turistas e compradores de vários locais do país, tanto que, das 74 respostas dadas associando roupa com a feira, 92% foram dadas em Caruaru.



Figuras 5.10 e 5.11: Produtos da sulanca de Caruaru. Fonte: Ângela Mirella e Gustavo Miranda, 2009.

Muitos itens também foram lembrados pelos entrevistados em Campina Grande, com uma variedade semelhante ao que ocorreu em Caruaru. Na feira campinense, 93% responderam no mínimo um produto que trazia às suas mentes a feira. Os mais indicados dentre os citados foram frutas (27%) e verduras (13%), o que mostra explicitamente o quanto esses dois setores influenciam no comércio da feira, tanto que ocupam 56,1% da área dela, se somado o espaço ocupado por ambas. Além delas, a feira de cereais (figuras 5.12, 5.13 e 5.14) foi citada por 14% dos entrevistados como sendo uma que está associada à feira central de Campina Grande. Mas também outros foram mencionados como batata e gelada de coco, carne, peixes e temperos, caracterizando essa feira como um local com boa variedade de opções de compras.



Nesse comércio informal, a cultura local não se faz representar por um setor único, como o de Artesanato, em Caruaru, justificando que em Campina Grande o que atrai os usuários do espaço são as frutas e verduras. A falta de uma área que mostre a cultura local também se reflete claramente nas respostas dadas, pois apenas 54% afirmaram que vão para a feira passear ou só olhar mercadorias, sem comprar. Isto ocorre porque os produtos vendidos na feira central são voltados basicamente à subsistência e abastecimento da população local, tanto que os mais lembrados são itens de alimentação.

Apenas em comparação com o mesmo setor caruaruense, a divisão de confecções da feira central de Campina Grande foi muito pouco lembrada, pois só 7% das pessoas a citaram. Isso porque não há a tradição de comércio de confecções, pois o pólo têxtil pernambucano está no caminho entre Campina Grande e Caruaru.

Portanto, a identificação que as pessoas têm com esses fenômenos urbanos é perceptível no momento em que eles citam cada um dos produtos, seja por convivência ou apenas curiosidade dos preços. E cada um deles, por mais simples que seja a coberta de lona onde são vendidos, traz o sentido mais amplo



Figuras 5.12, 5.13 e 5.14: Setores de frutas, verduras e cereais, na feira de Campina Grande. Fontes: Gustavo Miranda e Agenor Veloso, 2008.



de identidade, de referência e de pertencimento, os quais se podem relacionar à vida cotidiana em cada cidade.

5.3 A ruptura da imagem das feiras

Foi necessário abrir mais esse subitem porque, no decorrer da pesquisa, detectou-se algo significativo na fase de observações e no discurso em relação à imagem daqueles que foram entrevistados: o esquecimento de alguns produtos tradicionais nas duas feiras analisadas, e que até alguns anos apareceriam em qualquer trabalho que tratasse do assunto. E dois produtos característicos desse comércio informal podem ser destacados pela ausência, e não pela presença nas feiras: um por não ter sido lembrado por nenhum entrevistado e outro por não ter sido detectado no período de observação em campo.

O primeiro foi o cordel³⁷ e o outro, os violeiros e cantadores, que até certo tempo atrás estariam versejando por entre as ruelas das feiras, principalmente nos dias de maior movimento, aos sábados. Eles percorriam as feiras atraindo a atenção de quem passava por lá e ouvia os versos dedilhados nas violas e cantados como trovadores medievais, contando histórias da vida sertaneja e os “causos” dos matutos.

Muitas vezes eles eram os “jornalistas” que traziam as principais notícias da região para aqueles que não sabiam ler ou não podiam comprar jornal e se atualizar, juntando muitas pessoas em volta deles para ouvi-los com toda a atenção e curiosidade (figura 5.15).



Figura 5.15: Dupla de violeiros
Fonte: www.revistaalgomais.com.br

Mas hoje eles são figuras raras em muitos desses comércios informais, pois esses mesmos “matutos” têm televisões ou rádios para saberem das notícias, e o repente virou apenas uma forma de expressão típica do Nordeste, mas sem muita divulgação ou incentivo para

³⁷ O cordel é um pequeno livreto com poesias populares vendidos normalmente em feiras e que é pendurado em pequenas cordas.



permanecer vivo tanto em Caruaru quanto em Campina Grande. Eles são encontrados apenas em eventos esporádicos que estão relacionados com o turismo, com o papel de representantes da cultura local, como na Semana Santa em Caruaru ou no período de São João, em ambas as cidades.

Já o cordel é um produto característico das feiras, sejam as estudadas ou quaisquer outras do Nordeste, pois, junto com os violeiros e cantadores, eram meios de comunicação popular. Pelos cordéis, histórias engraçadas ou mais sérias retratavam a nordestinidade: “*As desventuras de um corno ganancioso*”, “*O boi que falou no Piauí*” ou mesmo “*O matuto do balaio de maxixe*”, dentre diversos outros. Entretanto, nos discursos e nos questionários esta forma de expressão não foi sequer citada.

Entretanto, há em Caruaru um espaço criado só para divulgação e produção de cordéis, chamado de Museu do Cordel e dirigido pelo cordelista Olegário Filho (figuras 5.15. e 5.17). Nele, e não mais por entre as barracas de frutas, verduras, lanches, ferragens, há um local para apresentações de repentistas e poetas populares, incentivando a contínua produção e a renovação constante, tanto da literatura quanto da xilogravura, para que continuem como símbolos vivos dessa cultura popular. E que, com isso, daqui a alguns anos eles possam ser lembrados e citados em qualquer pesquisa ou estudo que trate acerca da imagem delas por quem as freqüentam.

Esses dois exemplos mostram claramente a ruptura de uma imagem existente até poucos anos atrás, e que, pela falta de renovação e incentivo, está acontecendo de maneira mais forte e acentuada.



Figuras 5.16 e 5.17: Interior do museu do cordel e exemplares em exposição.
Fonte: Gustavo Miranda, 2008.



Por tudo isso, nota-se claramente que as feiras nordestinas personificam a diversidade cultural regional, tanto que são consideradas como manifestações onde se encontram os mais diferentes tipos de produtos. Assim, neste capítulo discutiu-se a caracterização da relação feira-cidade através do ponto de vista cultural e social, que enriquecem essa ligação simbiótica.

A questão cultural é tão latente que as duas feiras foram ou estão sendo alvo de Registro como Patrimônio Cultural, que é um reconhecimento governamental da relevância desses mercados como cenários onde parte da nordestinidade acontece. Por outro lado, este capítulo também abordou a ruptura da imagem que as feiras têm, tanto a caruaruense quanto a campinense, o que ficou constatado nas observações em campo e nas respostas ao questionário, tanto por usuários quanto por feirantes.

Portanto, ao se levar em conta tudo o que foi discutido até aqui, o próximo capítulo será um ajuntamento de toda essa análise, que se concretizará na discussão de todos os fatores abordados até aqui de maneira isolada, ou seja, o campo de visão será aberto novamente para que se construa a compreensão da relação feira-cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A FEIRA NA CIDADE



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A FEIRA NA CIDADE

Em uma feira o caminhar não é predestinado, seguimos estímulos visuais, auditivos e olfativos. Percorre-se a feira à procura de surpresas, os produtos mais frescos e os melhores preços, algo que chama a atenção à esquerda, outra descoberta à direita, e sem se esperar chega-se a algum local familiar ou encontra-se conhecidos. A experiência traz satisfação e passa a ser uma forma de lazer. O caminhante, na feira, embora sempre tenha um objetivo a alcançar, deixa-se levar pelo percurso que tanto pode proporcionar mais do que esperava, como até mesmo frustrar seus intentos iniciais.

Quem vai à feira normalmente experimenta esta sensação de encontrar o que lhe é familiar e conhecido e ao mesmo tempo em que se apresenta sempre diferente. A feira é reconhecida como um evento, um fenômeno que, como dissemos desde o início do trabalho, é complexo, apresenta facetas variadas e grande influência tanto na vida de seus usuários como na vida da cidade.

Iniciamos este trabalho acreditando na importância da manutenção das feiras livres nas cidades e objetivamos compreender este universo, descrever suas qualidades, para poder demonstrar a importância em conservá-las. A motivação inicial vem da constatação de que para alguns a feira é vista como uma forma atrasada de comércio, que gera conflitos na cidade moderna e que deve ser retirada dos centros e colocada em lugares próprios e mais distantes para não incomodar. Pelo menos é o que se assiste como políticas urbanas, onde reorganizar as feiras tem sido quase sempre sinônimo de relocação e modificação de sua estrutura espacial em edificações, mercados zoneados e fragmentação em diversas partes e setores.

Verificamos no presente trabalho a existência de forças opostas, por um lado reconhece-se a importância das feiras designando-as como Patrimônio Cultural Imaterial, como o caso da Feira de Caruaru, e de outro se permite desfigurá-las, deixando-se se que elas enfraqueçam, com total ausência de diretrizes e políticas para garantir seu funcionamento e manutenção nas cidades. Nega-se assim, a importância da relação da feira com os destinos da cidade.

Durante todos os momentos deste trabalho, o objetivo traçado foi de analisar as formas de articulação das feiras com as cidades e as relevâncias mútuas desta

associação. Sabíamos que teríamos que olhar em diversas direções à procura de fatores espaciais, econômicos e culturais que alimentassem tal conhecimento. Para isso, mergulhamos em um mundo de conceitos, discussões, músicas, repentes, cordéis, enfim, conhecimentos tanto eruditos como populares que pudessem nutrir idéias e discussões sobre o futuro das feiras em nossas cidades.

Iniciamos buscando entender os mercados ao ar livre como eventos comerciais, manifestações econômicas que persistem em diferentes culturas, através de períodos históricos, sobrevivendo pela capacidade de adaptarem-se às diversas situações, contextos e lugares.

Apresentamos, então, duas situações diversas representadas pelas feiras de Caruaru e de Campina Grande e procuramos descrever a forma de ocupação do espaço, as relações comerciais internas e externas, a estética da informalidade marcada pelo colorido dos toldos das barracas, a variedade dos produtos, a gritaria dos feirantes. E procuramos entender até que ponto a relação feira-cidade nestas duas realidades são semelhantes ou desiguais.

A escolha por analisar o espaço, a economia e a cultura das feiras proporcionou ricas informações que nos permitem confirmar a presença de relações que deixam marcas e saldos distintos no espaço urbano. Com isso, surgiram algumas inquietações que configuraram o problema central do trabalho: as feiras ainda exercem o mesmo papel importante nas cidades onde se localizam? Qual a intensidade de seus efeitos espaciais, econômicos e culturais nas cidades? Essas novas expressões de mercados ao ar livre deveriam ainda ser chamadas de feiras livres?

Buscamos no desenvolvimento deste trabalho informações e dados para embasar reflexões sobre o tema e neste capítulo final procuraremos alinhar estes conhecimentos com a intenção de oferecer ao leitor uma compreensão da complexidade e da importância da relação feira-cidade.

6.1 O A feira no espaço e o espaço da feira

No capítulo 3, centramos atenção no aspecto julgado com um dos mais relevantes para a análise das feiras livres, as relações *espaciais*. Desenvolvemos análises espaciais e medidas de acessibilidades, descrevemos espaços e efetuamos observação do movimento e contagem de fluxo de pessoas em vários horários e dias. Podemos, a partir disso, discutir o que significam os resultados já apresentados, de uma maneira mais sintética e integrada.

6.1.1 A desigualdade entre a expansão selvagem e a luta pela sobrevivência

Em relação à dinâmica de crescimento das feiras, descobrimos que elas passam atualmente por dois processos distintos. Uma delas sofre um dinâmica contínua de expansão, que chamamos de processo de crescimento centrífugo enquanto que outra sofre um lento processo de diminuição que chamamos de retração centrípeta. (Tabela 6.1).

DINAMICAS DE CRESCIMENTO		FEIRAS LIVRES	
<u>TIPO</u>	<u>CARACTERIZAÇÃO</u>	<u>CARUARU</u>	<u>CAMPINA GRANDE</u>
Crescimento centrífugo	Aumento indiscriminado da ocupação com transbordamento no espaço próximo à feira		
Retração centrípeta	Diminuição contínua da área ocupada pela feira.		
Esvaziamento	Subutilização de partes da feira, diminuição de atividades e estrangulamento de algumas áreas		

Tabela 6.1: Resumo da categorização a partir da dinâmica de crescimento das feiras de Caruaru e Campina Grande

A feira de Campina Grande surpreende pela diminuição de seu tamanho refletido no menor número de barracas e também na área que ocupa nos arredores do Mercado Municipal, A feira parece estar se concentrando nas vias de mais movimento intensificando o fluxo natural de pessoas e gerado pela proximidade com o centro. Pelo seu tamanho e expressão se poderia questionar se a mesma

ainda pode ser definida como feira de alcance regional. Outras informações adiante nos ajudarão a responder esta questão.

A feira de Caruaru experimenta processo inverso. Um processo descontrolado de expansão que extravasa o espaço do Parque 18 de Maio e ocupa vias secundárias de acesso. Não é toda a feira que cresce, na realidade a feira parecer sofrer de uma disfunção entre suas partes, onde algumas passam por grande inércia e outras demonstram não conhecer limites para sua expansão. Sabemos que feirantes dependem do grande fluxo de pessoas para comercializarem seus produtos e que na ausência de um fluxo natural estes buscam outras alternativas para aumentar suas vendas.

Vimos nas análises espaciais que o espaço do Parque 18 de Maio apresenta uma distribuição axial de acessos e um zoneamento do grande pátio que desconsidera o funcionamento e a estruturação tradicional de feiras livres. A existência de um espaço especialmente para abrigar esse comércio violenta outros dos princípios básicos que são a temporalidade, a presença de uma atividade cíclica, que se implanta, realiza e desmonta sempre se renovando. Em Caruaru a feira se torna fixa, como veremos, aspecto positivo para algumas atividades e desestruturador para outras.

Se o crescimento da feira de um lado indica dinamismo e sucesso econômico, por outro demonstra também a ausência de fiscalização e controle do funcionamento interno de sua área. Na verdade, o setor que cresce primordialmente é a Sulanca, responsável pelo maior valor comercializado na feira em Caruaru. Internamente, porém, há um processo de diminuição das funções da feira e o surgimento de diversos “bolsões” de barracas vazias, gerando novas apropriações menos nobres do espaço e criando uma sensação generalizada de insegurança.

6.1.2 A persistência e a subversão de uma morfologia

Analisar espacialmente as feiras nos permitiu conhecer detalhes da influência da morfologia do espaço na realização desta atividade. Podemos compreender qual aspecto do espaço responde por qualidades na sua ocupação e na atração de movimento, garantindo seu maior ou menor sucesso no espaço urbano. Deste modo, a partir da observação das formas de ocupação destas feiras livres no tecido da cidade, pudemos identificar a presença de duas tipologias diferentes na morfologia espacial de realização destes eventos: a *feira-percurso* e a *feira-pátio*. A tabela 6.2 apresenta as características que definem estes dois tipos.

MORFOLOGIA DAS FEIRAS			FEIRAS LIVRES	
<u>TIPO</u>	<u>CARACTERIZAÇÃO</u>	<u>TEMPORALIDADE</u>	<u>CARUARU</u>	<u>CAMPINA GRANDE</u>
<i>Feiras-percurso</i>	Estão dispostas ao longo do tecido urbano tradicional das cidades.	Cíclicas		
<i>Feiras-pátio</i>	São situadas em áreas próprias e planejadas, onde há uma infra-estrutura e regulamentação próprias.	Permanentes		

Tabela 6.2: Resumo da categorização tipológica das feiras de Caruaru e Campina Grande a partir da morfologia do espaço ocupado por elas.

O primeiro tipo que é o das *feiras-percurso* recebeu esta denominação porque, ao ocupar a malha urbana, desenvolve-se em percursos urbanos localizados, como nas feiras de bairro que são os tipos mais comuns, ou como nos casos de feiras com abrangência urbana ou regional. Nessa conformação, permite-se um trajeto com início, várias possibilidades de meio, e fim, pois o percurso é feito de forma natural e casual à medida que se percebe os espaços, através de marcos e dos diferentes campos de visão possíveis, o que gera, conseqüentemente, experiências sensoriais diversificadas para o usuário.

Como locais comerciais, as feiras se aproveitam dos espaços que possuem grande movimento natural e como “ímãs”, potencializam e atraem fluxos maiores durante seu funcionamento. Mostramos anteriormente a íntima relação entre propriedades espaciais de acessibilidade ou integração com a geração de movimento nas feiras.

Vimos que a feira central campinense responde pelo aumento do número de usuários no espaço, crescimento próximo a 44%, ao comparar o número médio de pessoas em dias de semana e aos sábados no mesmo local. Este aumento pode ser creditado somente à ocorrência da feira, visto que a mesma está situada em uma área da cidade com baixa acessibilidade tanto global como local.

As feiras-percurso estão associadas também à informalidade do arranjo comercial e a uma rotina cíclica de comércio, onde as feiras abrem e se desmancham todos os dias, em um mesmo horário. Essa rotina no caso de Campina Grande tende a fazer com que os laços entre a feira e o mercado municipal sejam mais fortes, onde o comércio formal se aproveita do movimento e do papel de atrator que a feira exerce em seu funcionamento.

As *feiras-pátio* caracterizam-se, por sua vez, por ocupar uma área convexa própria, planejada e muitas vezes distante do tecido urbano central. E o exemplo desta tipologia, dentre os casos estudados, é a feira de Caruaru.

Esta classificação morfológica surgiu com o questionamento durante a pesquisa de que o exemplar caruaruense não poderia mais ser chamado de feira livre pela grande diferença que apresenta em relação à sua forma original e a outras feiras tradicionais.

Neste arranjo a lógica de coesão das atividades é planejada e imposta rigidamente pela municipalidade, tendendo quase a uma “formalização” da feira, isto é, a lógica de ocupação natural do espaço urbano pelos feirantes é rompida.

A configuração das vias de acesso ao Parque 18 de Maio, planejadas de forma ortogonal, acarreta a setorização das experiências do usuário. A procura por um produto é direcionada a espaços específicos dificultando uma experiência integral da feira. O zoneamento por produtos direciona o ato de comprar ou passear em certas áreas, deixando outras com pouco fluxo de pessoas. Um dos grandes problemas desta morfologia vem a ser a inexistência de um sistema de regulação normal de movimento apresentando áreas saturadas, com tantos pedestres que se torna difícil a locomoção e a mobilidade, e outras vazias, quase mortas.

Como vimos, a existência da feira-pátio implica na adoção de outras temporalidades da feira. O horário de funcionamento dos setores da feira em

Caruaru distribui-se de maneira desigual, pois apenas alguns deles funcionam regularmente, enquanto que outros possuem dias e horários específicos, como a Sulanca e a feira de importados. Estas últimas áreas equivalem a quase metade do Parque 18 de Maio – aproximadamente 10 campos de futebol – e que não funcionam durante quatro dias e meio, ou seja, 60% do tempo são ociosos.

A feira pátio, não conta com a regulação natural das feiras tradicionais, onde é necessário um respeito entre as atividades formais e informais para que ambas funcionem bem. Como espaço dirigido a esta função, torna-se imprescindível para seu funcionamento a presença de um órgão gestor. Observamos em Caruaru os resultados de uma falta de gerenciamento atuante: o surgimento de conflitos diversos de usos, de manutenção, fiscalização e permitindo a ocupação das zonas com baixo movimento por atividades criminosas como tráfico de drogas, prostituição e aliciamento de menores.

Além desses conflitos sociais graves, outros são conseqüências do desenho do Parque 18 de Maio, associado à ausência de fiscalização da gestão municipal, como o surgimento de “favelização”³⁸ de espaços tanto no interior como nas bordas do Parque, algo já descrito por Miranda em 2005 e que continua sendo uma preocupação atual.

6.2 A dinâmica econômica das feiras

Com a discussão sobre configuração espacial e a forma de ocupação da feira na cidade, vimos que isso influencia seu sucesso econômico. Partimos também da percepção de que economia da cidade tem reflexo nas feiras, assim como esse comércio informal influencia na dinâmica econômica da cidade.

A análise visando identificar o perfil econômico das feiras, desenvolvido no capítulo 4, leva-nos a classificar o exemplar caruaruense e o campinense em dois grupos segundo as relações econômicas presentes. A tabela 6.3 informa os critérios desta distinção:

³⁸ Estamos definindo a expressão “favelização” como sendo o processo de utilização do espaço, neste caso nas feiras, por habitações ou barracos com baixa qualidade para moradia ou outro uso relacionado.

COMPOSIÇÃO ECONÔMICA		FEIRAS LIVRES	
<u>CLASSIF.</u>	<u>CARACTERIZAÇÃO</u>	<u>CARUARU</u>	<u>CAMPINA GRANDE</u>
<i>Feiras informais (tradicionais)</i>	Forte presença da informalidade nas relações entre produtores e comerciantes e arranjos de emprego familiares		
<i>Feiras híbridas</i>	Novos arranjos comerciais entre setor formal e informal. Tendência à formalidade e descentralização de atividades		

Tabela 6.3: Resumo da categorização a partir da composição econômica das feiras de Caruaru e Campina Grande.

O modelo da *feira informal (tradicional)* pode ser achado ainda na feira central campinense, o qual está associado diretamente à troca de bens e serviços realizados de forma habitual, onde a pechincha é válida, há espaço para o escambo e o fiado é uma forma de comprar e vender. O feirante de Campina Grande tem na feira sua atividade principal, já que muitos deles (60%) declararam ter como única fonte de renda o que arrecadam nesse comércio.

Já a Feira de Caruaru pode ser classificada economicamente como uma *feira híbrida*, pois se caracteriza por apresentar uma composição de relações econômicas e comerciais novas, que acreditamos ser decorrentes da fixação espacial de suas atividades e funcionamento permanente.

Uma grande diferença econômica se refere aos setores que mobilizam a feira. Em Caruaru 60% dos usuários entrevistados apontaram que o motivo ou produtos mais atraentes para compras eram a feira da Sulanca e o Artesanato. Note-se que o setor de artesanato está praticamente formalizado, já que as barracas são permanentes, construídas de alvenaria e funcionam como lojas do comércio formal. Também não vendem produtos produzidos somente por artesãos locais mas também compram produtos de revendedores.

A Feira de Campina, ao contrário, é procurada por 41,6% dos seus usuários para a compra de frutas e verduras e produtos de alimentação. Este resultado mostra uma disparidade evidente entre a destinação econômica de ambas as feiras.

A feira da Sulanca, em Caruaru, assim como os setores de calçados, bijuterias e importados, comercializam produtos industrializados presentes também nas lojas da cidade, caracterizando-se como fortes representantes indiretos do comércio formal e do circuito superior dentro da feira caruaruense. Entretanto, pela ocupação de 1/3 do total da feira e o fortalecimento destes setores percebe-se um enfraquecimento espacial e econômico da feira caruaruense como um todo.

Observa-se um desequilíbrio na localização e na quantidade de feirantes nestas áreas. São estes que extrapolam os limites do parque e que procuram novos benefícios espaciais, ocupando as ruas no entorno.

A feira volta a reclamar sua orientação urbana e a gerar novos conflitos que a municipalidade vem retardando em resolver. E economicamente esse processo acarreta perda de arrecadação aos feirantes internos devido à chegada de um número cada vez maior dos chamados “feirantes invasores”, que não pagam taxas para ocupar regularmente o uso do solo.

Já a feira de frutas e verduras foi apontada em Campina Grande como a mais atrativa para compras, sendo que ela ocupa quase metade do espaço de comércio da feira. Por onde se queira entrar ou sair desse mercado ao ar livre encontra-se alguma barraca vendendo esses produtos, corroborando para a afirmação de que a lógica de justaposição de produtos na feira se fortalece com a disposição mista das barracas no espaço urbano.

Por fim, analisamos também neste trabalho, a relevância cultural deste fenômeno comercial na vida das cidades e seus moradores. Fizemos uma exposição de argumentos mostrando a significância de valores, tradições e manifestações culturais que acontecem nas duas feiras. Esses exemplares, em especial as feiras nordestinas, são tradicionalmente carregadas de valores de cultura local e se configuram como palcos propícios para o surgimento e divulgação de novas e reinventadas expressões culturais.

6.3 A cultura da feira

No desenvolvimento desta pesquisa, percebeu-se que na memória do povo um dos fatores da *cultura* do lugar é a feira, representada em imagens experimentadas, as quais não correspondem ao que acontece atualmente, mas sim persistem na mente das pessoas como valores reais.

A feira não é só um suporte de manifestações culturais, a feira é uma manifestação cultural. Isto é evidenciado de maneira particular no capítulo 5, a partir a coleção das imagens transmitidas na literatura sobre as feiras, como também nas respostas das pessoas às questões, visando entender o valor cultural dado a elas a partir da presença de um sentimento de identidade com suas atividades e o local. Construimos, assim, argumentos que tornaram possível caracterizar como uma feira é possuidora de uma *forte imagem cultural* e a outra com *fraca imagem*. A tabela 6.4 apresenta os critérios para tal diferenciação:

REPRESENTAÇÃO CULTURAL DA FEIRA		FEIRAS LIVRES	
<u>IMAGEM CULTURAL</u>	<u>CARACTERIZAÇÃO</u>	<u>CARUARU</u>	<u>CAMPINA GRANDE</u>
<i>Forte</i>	Presença de manifestações artísticas reconhecidas pela população; Identificação com a imagem local; Atrativo turístico.		
<i>Fraca</i>	Ausência de identificação da cidade com feira; Ausência de produtos característicos locais; Ausência de atividades culturais.		

Tabela 6.4: Resumo da categorização a partir da representação cultural das feiras de Caruaru e Campina Grande.

6.3.1 A feira como patrimônio

Em face da recente certificação da feira de Caruaru como Patrimônio Imaterial Brasileiro em 2007 e ainda em processo para a feira campinense, pergunta-se quais os aspectos destas feiras que constroem esta representação de patrimônio nacional. O que nesta forma de comércio informal deve realmente ser salvaguardado?

Vimos no decorrer deste trabalho como tais feiras eram, ao longo do tempo e em maior ou menor grau, celeiros de (re)criação de vivências, nordestinidades, formas de expressão e modos de fazer amplamente experienciados pelo povo

Decidimos verificar a imagem atual destas feiras através da lembrança que as pessoas possuem dos produtos que caracterizam na sua memória a feira.

Constatou-se o rompimento na presença de alguns itens julgados tradicionais e sempre associados a qualquer feira nordestina, e que não foram citados nos questionários tanto por feirantes quanto por usuários. Dois deles chamaram maior atenção: a ausência do cordel e dos violeiros/cantadores. Isso confirma um indício de transformação da imagem tradicional das feiras como representantes da cultura local, passando a ser reforçada a imagem apenas como locais de consumo, pois muitos dos produtos lembrados tinham origem industrial, como roupas e sapatos, por exemplo.

Em Campina Grande, como já era esperado, não existem muitos elementos culturais representados por produtos que reforcem a identidade da população com a feira central. Mesmo assim, a ausência de citações sobre manifestações da cultura popular campinense no discurso surpreendeu, pois se esperava que uma feira com a história e força econômica que já possuiu, tivesse uma imagem cultural mais forte na população local. Isso é reforçado no fato de que nenhum usuário ou feirante citou qualquer produto ou expressão típica da cultura local, como o fizeram em Caruaru (com o artesanato de barro, por exemplo), mas sim foram apontados apenas produtos industrializados ou também vendidos pelo comércio formal, além das frutas e verduras.

Por outro lado, a análise do papel cultural das feiras possibilitou o entendimento que determinados fatores têm uma força de representação grande no âmbito da cultura, e um dos exemplos é o setor de artesanato da feira de Caruaru. Nela, diferentes modos do fazer local são mostrados e o valor agregado desta significância regional é embutido nos produtos comercializados nacional e internacionalmente, como os dos discípulos de mestre Vitalino ou de tantos mestres do Alto do Moura e outros arrabaldes.

Isso reforça a idéia de que as expressões culturais surgem por alguns fatores coligados, como os citados, mas também por outros de natureza imaterial, como identidade, memória e sentimento de pertencimento, resultantes de vivências locais das quais as feiras fazem parte, potencializadas por uma localização no

espaço e pelas relações econômicas que se estabelecem nesses locais de comércio.

6.4 Um último ponto: que diretrizes propor para a manutenção das feiras livres urbanas.

A partir de toda essa discussão e dos argumentos apresentados, foi possível alinhar os fatores que moldam a relação feira-cidade, demarcando efeitos e a importância da presença desses mercados ao ar livre no contexto urbano, principalmente nas cidades nordestinas como mantenedoras de uma identidade espacial, econômica e cultural local.

Apontamos nesta parte algumas diretrizes gerais que podem ser aplicadas a qualquer tipologia de mercado ao ar livre, não se constituindo, logo, em soluções, mas sim em indicações que visam informar políticas para fixação e consolidação de feiras livres nas cidades, potencializando cada vez mais a relação entre elas.

- Manutenção das feiras em vias integradas da cidade ou o mais próximo possível do “centro-vivo” ou do núcleo de integração urbano;
- Se não for possível, que a maior parte da feira e seus acessos estejam próximos a vias que tangenciem aquelas de maior movimento, para garantir a presença de um movimento natural de pessoas constante;
- Incentivar um arranjo morfológico que privilegie a acessibilidade e o fluxo de usuários por grande parte da área da feira, facilitando a exposição e venda de mercadorias. A possibilidade de percursos com boa acessibilidade garante a possibilidade de arranjos espontâneos e ocupações dinâmicas que caracterizam as feiras livres;
- Considerar a morfologia espacial das feiras também como elemento característico importante para identificação das mesmas como Patrimônio Imaterial Cultural. Para as feiras a experiência do lugar é indissociável da sua imagem e elemento que deve ser identificado para inventário e Registro e assim como futura manutenção;

- Incentivar a relação entre comércio formal e informal, pois há vantagens para ambos quando estão juntos. Este ponto é importante, visto que muitos projetos de requalificação de áreas de feira tendem a relocá-las em locais afastados de usos predominantemente comerciais, enfraquecendo uma importante relação econômica;
- Garantir o funcionamento periódico, ou feiras que se realizem em vários locais e em diferentes dias da semana (no caso de cidades maiores), contrapondo a tendência de fixação temporal desse evento;
- Evitar o zoneamento excessivo de atividades ou especialização de áreas em demasia dentro das feiras. A experiência da feira parte da oferta da diversidade, das alternativas e das escolhas de percursos entre os seus vários produtos;
- Incentivar a relação entre produtores locais e a feira, já que esse é um dos aspectos que mais caracterizam a existência dela como um evento de um comércio informal;
- Implantar um sistema de gestão próprio para o evento de feiras, responsável pela qualidade de infra-estruturas para feirantes e usuários, como segurança, iluminação, condições de estacionamento e banheiros, por exemplo, devendo ser participativo e transparente com todos os que compõem as feiras;
- Valorizar a presença de expressões artísticas locais na feira, atentando-se para a não institucionalização desses elementos culturais, (ao contrário do que acontece com o cordel em Caruaru, por exemplo), pois eles passam a ser tratados como se fossem algo exótico, diferentes e não uma forma de manifestação cultural popular que poderia acontecer em qualquer parte da feira;
- E criação de leis ou regulamentações que possam guiar o funcionamento desses espaços, valorizando a relação com a cidade e impedindo a dissociação dos fatores espaciais, econômicas e culturais que dão às feiras características próprias, e que as constituem como marcos de identidade das cidades nordestinas.

Estas recomendações generalizadas objetivam garantir que as feiras retomem ou mantenham a força agregadora e catalisadora de pessoas, relações econômicas e de expressões culturais nas cidades onde se realizam.

Tentamos desenvolver neste trabalho uma forma de olhar a articulação, a influência e a interface da feira na cidade. A análise dos dois casos, a feira de Caruaru e de Campina Grande, forneceu material para demonstrar duas situações específicas, mas que acreditamos possuírem ter similaridades com muitas outras feiras.

O que este trabalho também procura expor é que o pouco estudo deste fenômeno e a falta de compreensão acerca de sua importância têm levado a uma série de políticas equivocadas que lentamente têm fragilizado o futuro das feiras no meio urbano. Levando-se em conta tudo isso, acreditamos, portanto, que a feira deve permanecer sempre com uma relação direta com a cidade, para que a variedade faça-se presente, para que possa atuar como elemento de acomodação de dinâmicas econômicas locais e para continuar sendo um dos expoentes máximos do caráter de sua gente.

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias

AGUIAR, Bárbara; MIRANDA, Gustavo. A arquitetura no processo de registro da feira de Caruaru e do frevo como Patrimônios imateriais brasileiros: da banda de pífanos aos clarins de Momo, um celeiro de criação de um povo. In: **Arquimemória: Encontro Nacional de Arquitetos sobre Preservação do Patrimônio Edificado**, 3, 2008, Salvador. *Anais...* Salvador: [s.n.], 2008, 13 p.

ALBAGLI, Sarita; BRITTO, Jorge. **Glossário de arranjos produtivos locais**. São Paulo: SEBRAE, 2003

ALMEIDA, Elpídio. **História de Campina Grande**. Campina Grande: Epgraf, [197?].

ARAÚJO, Giovanna. **Múltiplos discursos sobre a feira central de Campina Grande – PB**. Campina Grande: Agenda, 2006, 168 p.

AZIMZADEH, Mir. Survival of bazaars: Global spatial impact and local self-organising processes. In: **Proceedings - Fourth International Space Syntax Symposium**, HANSON, J. (org.). Londres: UCL, 2003.

BARBALHO, Nelson. **País de Caruaru**. Recife: Editora CEPE, 1972. 211p.

_____. **A feira de Caruaru**. Recife: Ministério da Educação e Cultura, n. 20, p. 01-04, 1976.

_____. **Major Sival da Francesa**. Recife: Editora Imprensa Universitária, 1976. 221p.

_____. **Meu povinho de Caruaru**. Estórias de gente da gente. Recife: [s.n.] 1980. 170p.

_____. **Caruaru, sua prefeitura, sua autonomia municipal, sua emancipação política**. Caruaru: Art´Berg, 1993. 56 p.

BERRY, Brian J. L. **Geography of market centers and retail distribution**. Nova Jersey: Prentice-Hall, 1967. 146p.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Ministério da Cultura. **Manual de aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais**. Brasília: IPHAN/Departamento de Identificação e Documentação, 2000.

_____. Ministério da Cultura. **Dossiê de Registro da Feira de Caruaru como Patrimônio Imaterial brasileiro**. Brasília: IPHAN/Departamento do Patrimônio Imaterial, 2006, 86 p.

_____. Ministério da Cultura. **Parecer Nº 005/06 – Registro da feira de Caruaru como Patrimônio Imaterial brasileiro**. Brasília: IPHAN/Departamento do Patrimônio Imaterial, 2006, 18 p.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **O mercado de trabalho de Caruaru e entorno**. Brasília: DIEESE, 2007, 8p. Disponível em: < www.dieese.org.br/ped/caruaru/pedCaruaru0407>. Acessado em: 05 fev. 2009

BRAUDEL, Fernand. **O jogo das trocas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. v. 2.

CÂMARA, Epaminondas. **Os alicerces de Campina Grande**. Campina Grande: Secretaria Municipal de Educação, 1999.

CARMONA, M.; HEATH, T.; OC, T; TIESDELL, S. **Public Places – Urban Spaces: the dimensions of urban design**. Oxford: Elsevier – The Architectural Press, 2003, 312 p.

CARUARU. Prefeitura Municipal. Assessoria de Comunicação Social. Caruaru: 1987.

CATO. A Nossa grande feira. **Jornal Vanguarda**. Caruaru, 21 ago 1949. Caderno Principal.

“CAXINGÓ”. **Passeando pela feira**. Caruaru: IPHAN, 2007. 16p

CONDÉ, José. **Terra de Caruaru**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1960. 275p

CORAGGIO, José L. **Del sector informal a la economia popular: un paso estratégico para el planteamiento de alternativas populares de desarrollo humano**. Quito: Fronesis, Ponencias n. 1, 1992.

CORRÊA, Roberto Lobato. Processos espaciais e a cidade. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: v.41, n3, p.100-110, set. 1979

_____. Interações espaciais. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato (Org.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-318.

COSTA, Antônio Albuquerque. **Sucessões e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico-científico-informacional: a Feira de Campina Grande na interface desse processo**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2003, 230p.

CROSS, John. **Street Vendors, Modernity and Postmodernity: Conflict and Compromise in the Global Economy**. Nova Iorque: International Journal of Sociology and Social Policy, Vol 21, n. 1/2, 2000.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feira de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960-2006)**. Natal: Universidade Federal

do Rio Grande do Norte, Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2007, 202 p

DANTAS, José de Sousa. **A História do Meu Lugar: Contos e Versos**. João Pessoa: Varadouro, 1998. 332p.

DINIZ, J. Alexandre F. As feiras de Sergipe e em seu entorno. **Ecos-Ensaios Econômicos e Sociais 1**. Aracaju: INEP, 1987.

ESTADO DE SÃO PAULO. Roupas feitas por pequenas empresas de Pernambuco ganham mercados. 27 jul. 2002. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/arquivo/economia/2002/not20020727p34632.htm>>. Acesso em 06 jul. 2008. 11:46:32

FADE. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. **Estudo de Caracterização Econômica do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano**. Recife: 2003, 84p.

FIGUEIREDO, L., 2002, **Mindwalk**, versão 1.0, space syntax software. Disponível em: <<http://www.mindwalk.com.br>>. Acessado em: 15 ago 2007

_____. **Linhas de continuidade no sistema axial**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2004, 104 p.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências Culturais: base para novas políticas de Patrimônio. In: BRASIL, Ministério da Cultura. **O Registro do Patrimônio Imaterial**. Brasília: IPHAN/Fundação Nacional de Arte, 2000.

_____. **O Patrimônio em Processo – trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Sueli de Castro. **Do comércio de retalhos à feira da sulanca: uma inserção de migrantes em São Paulo**. São Paulo: USP, 2002, 213 p.

GUGLIELMO, Roberto de. **Feiras e mercados brasileiros**. São Paulo: Editora Fólio, 2005. 158 p.

HILLIER, B.; HANSON, J. **The social logic of space**. London: Cambridge University Press, 1984.

_____. **Space is the Machine**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. Disponível em: <<http://www.spacesyntax.com/tool-links/downloads/space-is-the-machine.aspx>>. Acessado em: 18 ago. 2007

_____. Centrality as a process - accounting for attraction inequalities in deformed grids. In: **Proceedings - Second International Space Syntax Symposium**, Holanda, F. de, Amorim, L. & Dufaux, F. (orgs.), Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário da Língua Portuguesa** – século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2002, 1600 p.

KAZTMAN, R. e FILGUEIRA, C. **Marco Conceptual sobre Activos, Vulnerabilidad y Estructura de Oportunidades**. Montevidéo: CEPAL-Montevidéo/Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 1997, 62p.

LEITE, Francisco Barboza. Feiras do sertão nordestino. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tipos e aspectos do Brasil**. 10. ed. rev. e atual.. Rio de Janeiro: Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1975. p. 176-178.

LEMONS, Carlos. **O que é patrimônio histórico**. 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

LYONS, Michael; MBIBA, Beacon. **Development and Management of markets and street tradings: a good practice manual**. Londres: London South Bank University, 2003, 48p.

MAIA, Doralice Satiro. **As feiras**: lugar de mercado e de encontro – um registro das observações feitas em feiras de cidades brasileiras e portuguesas. In: *Encontro Paraibano de Geografia*, 3, 2006, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2006. v. 1. p. 1-15.

MARTINS, G. A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. São Paulo: Atlas, 1994.

MASCARENHAS, Gilmar. **O Lugar da Feira-livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência** (Rio de Janeiro: 1964-1989). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Geografia, 1991.

_____. **Feiras livres: informalidade e espaços de sociabilidade**. In: *Colóquio Internacional Comércio, cultura e políticas públicas em tempos de globalização*, 1, 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: [s.n], 2005, 10p.

_____. Ordenando o espaço público: a criação das feiras livres na cidade do Rio de Janeiro. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2005, vol. IX, núm. 194 (62). Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-62.htm>> Acessado em: 10 set 2007

MEDEIROS, Valério Augusto Soares de. **Urbis Brasiliae ou sobre cidades do Brasil**: inserindo assentamentos urbanos do país em investigações configuracionais comparativas. Brasília: PPG/FAU/UnB, 2006. 519p.

MIRANDA, Gustavo. **A feira que se fez cidade... - investigando limites e potenciais de uma relação espacial**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2005. 110p.

_____. **A cidade e a feira no tempo:** perdas e ganhos no processo de relocação da feira de Caruaru. In: *CinCCi – Colóquio Internacional sobre Comércio e Cidade: Uma relação de origem*, 2, 2008, São Paulo. Anais.... São Paulo: USP, 2008.

MONTEIRO, Manuel. A feira como ela é. In: ARAÚJO, Giovanna. **Múltiplos discursos sobre a feira central de Campina Grande – PB**. Campina Grande: Agenda, 2006, 168 p

NEJAD, Reza Masoudi. Social Bazaar and Commercial Bazaar: Comparative Study of Spatial Role of Iranian Bazaar in the Historical Cities in Different Socio-economical Context. In: **Proceedings - Fifth International Space Syntax Symposium**, van Nes, A.(org.). Delft: TU Delft, 2005.

NEVES, André Lemoine. **Estudo Morfológico de Cidades do Agreste Pernambucano – Séculos XVIII e XIX**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2003. 122p.

OLIVEIRA, Ana Maria de. **Dinâmica da rua de comércio na cidade de São Paulo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. (Dissertação) Mestrado em Engenharia de Construção Civil e Urbana. Disponível em :< <http://www.teses.usp.br/>>. Acessado em: 25 jul 2007

OLIVEIRA, Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Editora Vozes, 2007, 182 p.

PENN, Alan. The complexity of the elementary interface: shopping space. In: **Proceedings - Fifth International Space Syntax Symposium**, van Nes, A.(org.). Delft:: TU Delft, 2005.

PEREIRA Jr. Francisco. **Feira de Campina Grande – um museu vivo da cultura popular e do folclore nordestino**. Campina Grande: Editora Universitária, 1979.

PORTES, Alejandro et. al. **Conclusion: The Policy Implications of Informality**. P.298-311. In Alejandro Portes et. al. (eds.), *The Informal Economy: Studies in Advanced and Less Developed Countries*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991.

_____. **The Informal Economy: Studies in Advanced and Less Developed Countries** (2ª ed.). Baltimore: John Hopkins University Press, 1991. 327 p

PAZERA Jr., Eduardo. **A Feira de Itabaiana-PB: Permanência e Mudança**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003. (Tese) Doutorado em Geografia Humana. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/educacao/geografia/>>. Acessado em: 29 jul 2007.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana nos Países Subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia e Sociedade**: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social - ABRAPSO, Porto Alegre, n. 19, Edição Especial 1, p. 95-102, 2007.

SILVA, Edna Lúcia da, MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3ª. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p. Disponível em: <www.projetos.inf.ufsc.br> Acessado em: 23 out. 2008

SPITZER, Theodore Morrow; BAUM, Hillary. **Public markets and community revitalization**. (Tradução livre de Gustavo Miranda) Washington: ULI – The Urban Land Institute and Project for Public Spaces, Inc., 1995, 120p.

TABOSA, Val. **Na Feira, dá poesia**. Folheto de cordel. Caruaru: IPHAN, 2007. 16p.

THE FORD FOUNDATION . **Public Markets as a Vehicle for Social Integration and Upward Mobility**. Disponível em: <www.pps.com>. Acessado em: 28 maio 2004a

_____. **Public markets as a tool for upward mobility and social integration..** Disponível em: <www.pps.com>. Acessado em: 28 maio 2004b

van NES, Akkelies. Typology of shopping areas in Amsterdam. In: **Proceedings - Fifth International Space Syntax Symposium**, van Nes, A.(org.). Delft:: TU Delft, 2005

VARGAS, Heliana Comin. **Espaço terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001. 335 p.

YÁZIGI, Eduardo. **O Mundo das calçadas**. Por uma política de espaços públicos. São Paulo: Editora Humanitas, 2001. 546 p.

Jornais de circulação diária e semanal

DIÁRIO da Borborema. Município chega aos 143 anos hoje. Campina Grande: 11 de out. 2007

GAZETA do sertão. Falta esgoto, espaço e segurança na feira central de Campina Grande. 7 a 13 de jul. 1985.

GIL, Wagner. Feira de Caruaru está abandonada. **Jornal Vanguarda**. Caruaru: 16 a 22 de jun. 2007. Cidades, p. 12.

_____. Feira de Caruaru está abandonada. **Jornal Vanguarda**. Caruaru: 24 a 30 de mai. 2008. Cidade, p. 14.

_____. Movimento crescente na sulanca. **Jornal Vanguarda**. Caruaru: 13 a 19 de dez. 2008, Economia, p. 6.

_____. Destino da Sulanca está nas mãos dos feirantes. **Jornal do Commercio**. Recife: 10 jan. 2009, Cidades, p. 7.

_____. Invasões e tráfico tomam conta da Feira de Caruaru. **Jornal do Commercio**. Recife: 31 de jan. 2009, Cidades, p. 7.

_____. Feira vai receber vai receber verba do IPHAN. **Jornal Vanguarda**. Caruaru: 17 a 23 de jan. 2009, Cidade, p. 7.

JORNAL do Commercio. **Caruaru construirá moda center para sulaqueiros**. 27 de jan. 2009

JORNAL do Povo. **Campina Grande – 125 anos de história**. Out. de 1989.

JORNAL Vanguarda. O 18 de Maio marcou a mudança. Caruaru: 14 a 20 de mai. 1993.

_____. A feira de Caruaru. Caruaru: 18 de mai. 2006

_____. Feira de Caruaru agora é patrimônio Imaterial. Caruaru: 30 de dez. de 2006 a 5 de jan. 2007.

MIRANDA, Gustavo. Feira de Caruaru: o coração e a alma da nossa cidade como Patrimônio Imaterial do Brasil. **Jornal Vanguarda**. Caruaru, 01 jan. 2007, colunas, p.6.

PAZ, Jailson. Feira de Caruaru será tombada pelo Iphan. **Diário de Pernambuco**. Recife: 1º de ago. 2004, Vida urbana, C7.

RODRIGUES, Celso. E a feira, tal qual uma estrela continuará brilhando em Caruaru. **Jornal Vanguarda**. Caruaru: 15 a 21 mai 1992a. Caderno Principal. p. 22.

_____. Parque 18 de Maio oferecerá toda a estrutura. **Jornal Vanguarda**. Caruaru: 15 a 21 mai 1992b. Caderno Principal. p. 5.

_____. **Jornal Vanguarda**. Caruaru: 13 a 20 mai 1993. 3º Caderno. p. 01.

VERAS, Aristides. Deve a feira desaparecer? **Jornal Voz do Agreste**. Caruaru: 14 jun 1964. Caderno Principal, p.1.

Fontes complementares

Sites

MIRANDA, Gustavo. Open-air market of Caruaru (Feira de Caruaru). Disponível em: <www.pps.org>. Acessado em: 19 de ou. 2005

REYNDERS, Peter. **When the street market supports the shopping centre.** Austrália: Disponível em <<http://old.openair.org/cyjour/reynders.htm>> Acessado em 30 jul 07

STREET VENDORS. Disponível em: <<http://www.openair.org/opair/faq.html>>. Acessado em: 04 setembro 2007

<http://old.openair.org/cyjour/quot.html>. Acessado em: 23 jul 2007

www.revistaalgomais.com.br. Acessado em: 11 de fev. 2009

www.pps.com. Acessado em: 26 de abr. 2007

www.openair.org/

www.publicmarketconsulting.com/resume.html

www.gdrc.org/informal/001-define.html

www.india-seminar.com/2000/491.htm. Acessado em: 4 de set. de 2004

Material fonográfico

ALMEIDA, Onildo. **A Feira de Caruaru.** In: Caruaru que todos cantam. Caruaru: Fundação de Cultura, Turismo e Esporte, p.1998. 1 CD. Faixa 1.

ANEXOS

ANEXO 1**Universidade Federal de Pernambuco – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU)**

Pesquisador: _____

Data: _____

Local/ feira da entrevista: _____

Estamos fazendo um estudo para conhecer o perfil dos usuários que freqüentam a Feira de Caruaru. Gostaríamos de saber sua opinião sobre alguns aspectos da feira e seu funcionamento.

Pesquisa do perfil de USUÁRIOS de feiras de Caruaru/ Campina Grande**1. De qual produto você lembra ao se falar da feira:**

2. Você gosta de vir à feira?Não +- Sim **3. Quantas vezes você vem à feira:**sempre + 2x semana 1x semana 1x mês 1x ano **4. Com que freqüência você COMPRA/PASSEIA nestes setores da feira: (olhando figuras)**

	COMPRA	PASSEIA
SEMPRE:		
ÀS VEZES:		
NUNCA:		

5. E me diga agora 2 áreas da feira onde você se sente mais INSEGURO(A):
(olhando figuras)**6. Quando você vai à feira, você aproveita e:**Compra nas lojas do centro Compra em lojas vizinhas à feira Lancha no centro Almoça no centro Almoça na feira Vai ao pólo comercial Vai a banco Outros: _____**7. Cite 2 PROBLEMAS que a feira tem pra você:****8. Cite agora 2 coisas BOAS que a feira tem para você:****9. Onde você mora:** Cidade da entrev. cid. vizinhas Outros Estados _____**10. Quanto você gasta na feira? (aprox.)** _____**11. Escolaridade: (Anotar série, se necessário)**Analf. 1º Gl. 1ºGC 2º Gl 2º GC Sup. Comp. **12. Qual sua renda mensal? (aprox.)** _____**13. Nome:** _____

ANEXO 2**Universidade Federal de Pernambuco – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU)**

Pesquisador: _____

Data: _____

Local/ feira da entrevista: _____

Estamos fazendo um estudo para conhecer o perfil dos feirantes que trabalham na Feira de Caruaru. Gostaríamos de saber sua opinião sobre alguns aspectos da feira e seu funcionamento.

Pesquisa do perfil de FEIRANTES na feira de Caruaru/ Campina Grande

1. De qual produto você lembra ao se falar da feira:

2. Cite 2 PROBLEMAS existentes na feira que atrapalham seu comércio?

3. Cite agora 2 coisas BOAS na feira que ajudam seu comércio?

4. Como você obtém seus produtos?

Produção própria Compra de produtor Compra de revendedor

5. Quantas pessoas trabalham com você nesse comércio:

Familiares Funcion. formais Funcion. informais

Nenhuma

6. Quantos pontos de comércio você possui além deste:

Na feira Na cidade Nenhum

7. De onde vem a maior parte de sua clientela:

Caruaru Cidades próximas Outros Estados

8. Você conhece seus vizinhos próximos há quanto tempo? _____

9. Você se sente inseguro na feira? Sim não

Se sim, por quê?

Roubo de mercadorias	<input type="checkbox"/>
Assalto a clientes na feira	<input type="checkbox"/>
Bebedeiras e consumo de drogas	<input type="checkbox"/>
Outros:	<input type="checkbox"/>

10. O tipo de renda que a feira gera para sua família é:

A única principal + há outra renda informal

Principal + há outra renda formal Secundária

11. Quanto você arrecada na feira por semana (aproxim.)? _____

12. Onde você mora?

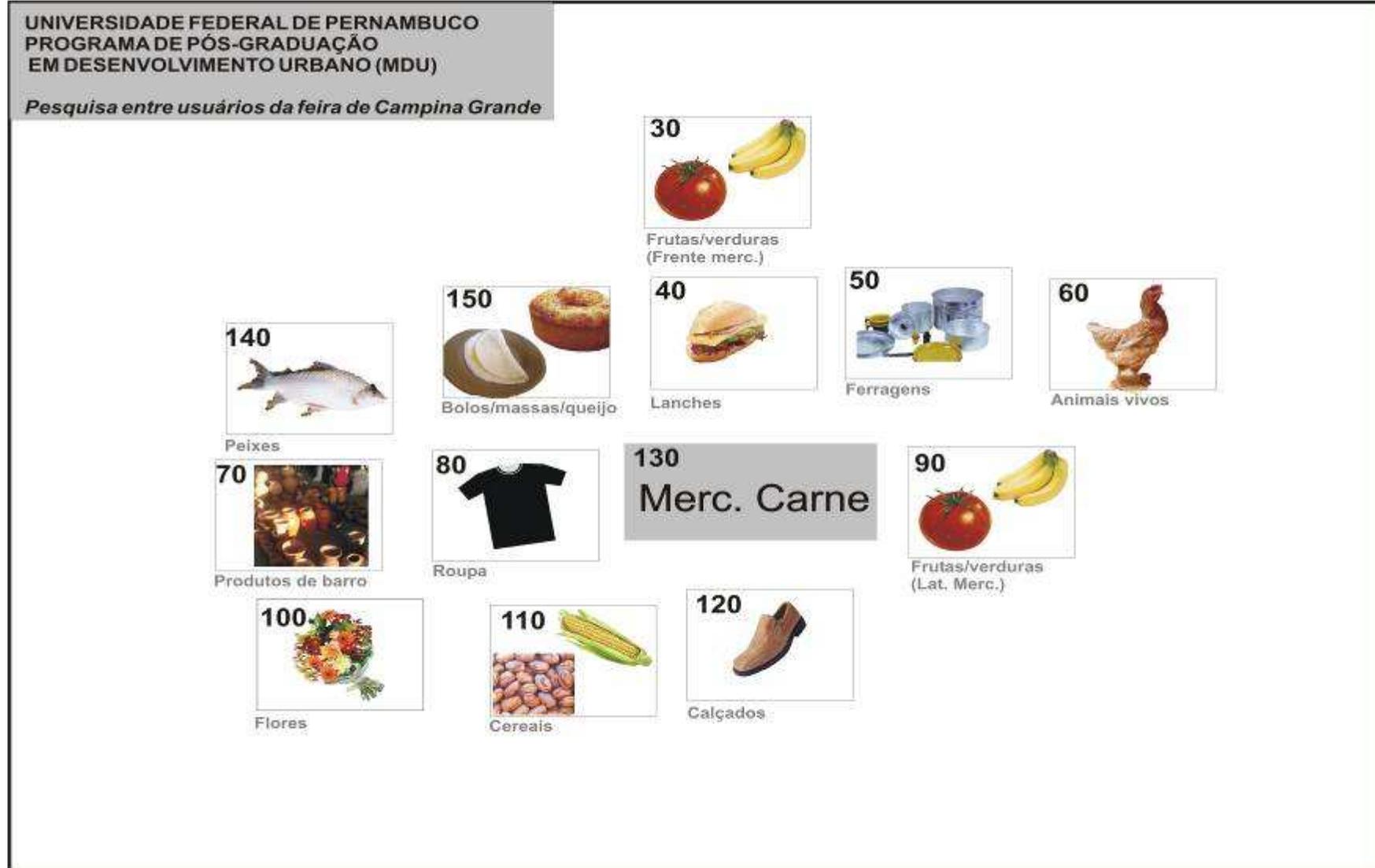
Caruaru Cidades próximas Outros Estados

11. Escolaridade:

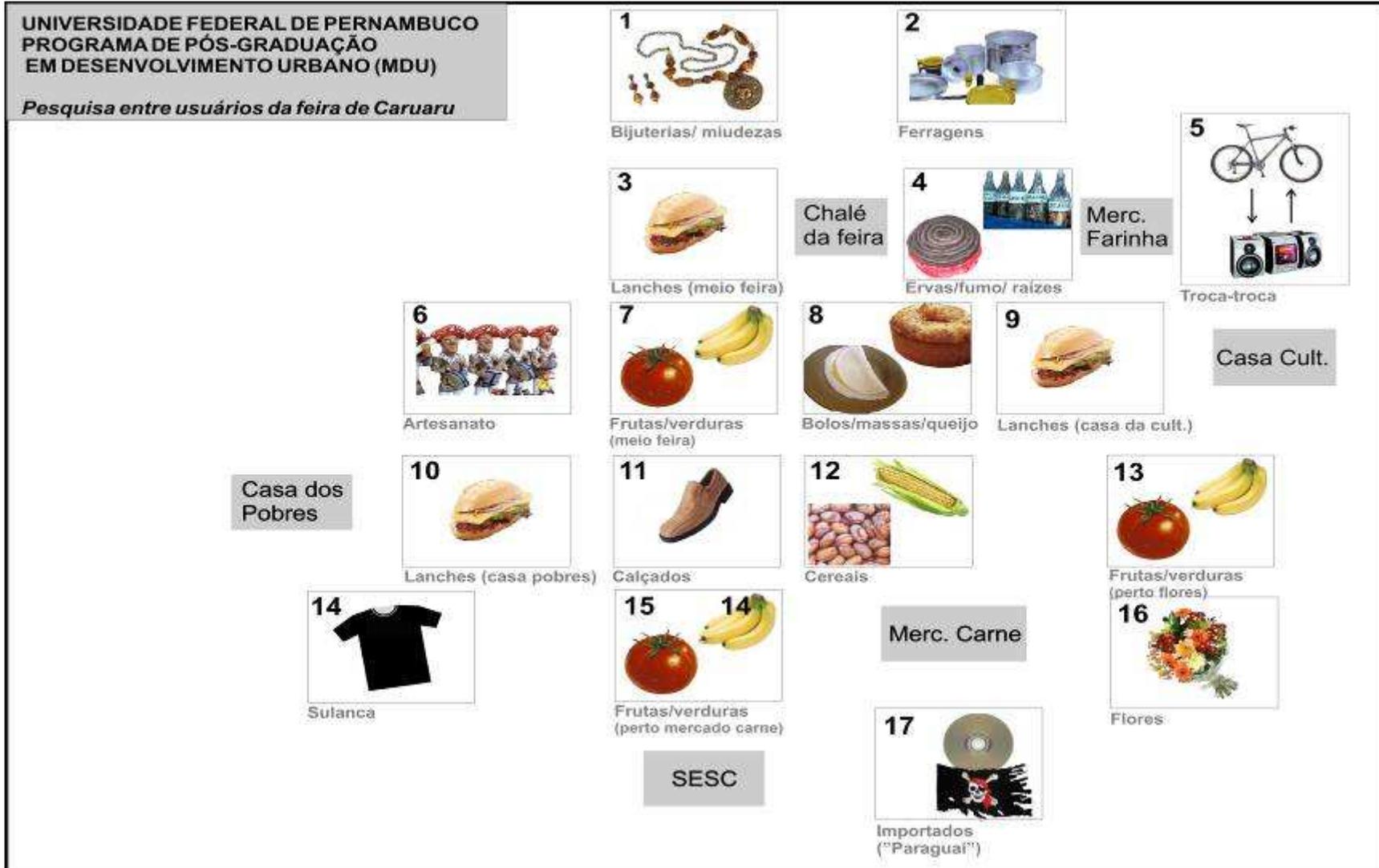
Analf. 1º GI. 1º GC 2º GI 2º GC Sup. Comp.

13. Nome: _____

ANEXO 3



ANEXO 4



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)